

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

SILVINEY AMARAL RABELO

LITERATURA DE CORDEL NO MARANHÃO: Experienciando biografias e Ensino de
História em sala de aula

SÃO LUÍS - MA

2024

SILVINEY AMARAL RABELO

LITERATURA DE CORDEL NO MARANHÃO: Experienciando biografias e Ensino de
História em sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de História Licenciatura da
Universidade Estadual do Maranhão para o
grau de Licenciatura em História

Orientadora: Adriana Maria de Souza Zierer

SÃO LUÍS

2024

Rabelo, Silviney Amaral.

Literatura de Cordel no Maranhão: Experienciando biografias e Ensino de História em sala de aula / Silviney Amaral Rabelo. – São Luís, 2024.

104 f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer.

1. Literatura de Cordel. 2. Cultura Popular. 3 História. 4. Cordelistas. 5. Ensino I. Título.

CDU 82-91:371.33

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837

SILVINEY AMARAL RABELO

LITERATURA DE CORDEL NO MARANHÃO: Experienciando biografias e Ensino de História em sala de aula

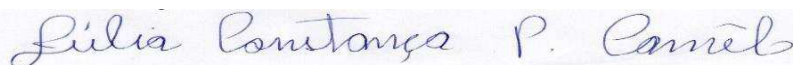
Monografia apresentada junto ao curso de História da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção de grau de licenciado em História.

Aprovado em: 04 /04/ 2024

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer (Orientadora)
Doutora em História Medieval
Universidade Estadual do Maranhão



Profa. Dra. Júlia Constança Pereira Camêlo
Doutora em Ciências Sociais
Universidade Estadual do Maranhão



Profa. Dra. Solange Pereira Oliveira
Doutora em História
Universidade Estadual do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, minha fonte de força e inspiração, por guiar meus passos e me proporcionar essa conquista. À minha família, em especial ao meu pai, mãe e avó, por todo apoio, amor e encorajamento.

À minha noiva, por todo companheirismo e incentivo. Sua compreensão, paciência e amor foram fundamentais para minha perseverança. Aos meus amigos Lucenildo Holanda, Van Joseph Rodrigues e Jonas Costa, pela parceria e amizade. Ao longo do curso, superamos vários desafios, celebramos muitas conquistas e construímos memórias inesquecíveis, cada momento ao lado de vocês foi valioso.

À minha orientadora, Adriana Maria de Souza Zierer, pela orientação, motivação e dedicação. Seu apoio foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. À professora Júlia Constança Camêlo, por cada conselho, cada palavra de incentivo e contribuições ao meu aprendizado.

À professora Solange Pereira Oliveira, pela orientação, incentivo e contribuições valiosas para a finalização deste trabalho. A todos os meus professores do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, pelo conhecimento compartilhado.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram para o sucesso deste projeto, meu mais profundo agradecimento.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso explora a Literatura de Cordel como um recurso para a compreensão da História e da Cultura Popular. Inicialmente, destaca-se o potencial pedagógico do cordel e a ampla variedade de temas que podem ser abordados por meio dessa forma literária, englobando a Cultura Maranhense e temas históricos, incluindo o período Medieval. Além disso, a monografia apresenta um pouco da produção feminina e os avanços conquistados ao longo do tempo, e foca na trajetória de vida e a significativa contribuição de duas cordelistas: Raimunda Frazão e Júlia Constança Camêlo, ressaltando suas ações na promoção e preservação da cultura popular através dos cordéis. No último capítulo, aborda a experiência prática de um projeto cultural intitulado *Cultura Popular na Escola: O Maranhão e o Medieval em Cordéis*, realizado em uma escola pública, Centro de Ensino Maria José Aragão, nos anos de 2021 a 2022, demonstrando a importância e eficácia do cordel como instrumento educacional e cultural.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Cultura Popular; História; cordelistas; ensino;

ABSTRACT

This course completion project explores Cordel Literature as a resource for understanding History and Popular Culture. Initially, it highlights the pedagogical potential of cordel and the wide variety of themes that can be addressed through this literary form, encompassing Maranhense culture and historical topics, including the Medieval period. Additionally, the monograph provides insights into female production and the advancements achieved over time, focusing on the life trajectory and significant contribution of two cordelists: Raimunda Frazão and Júlia Constança Camêlo, emphasizing their actions in promoting and preserving popular culture through cordels. In the last chapter, it addresses the practical experience of a cultural project titled 'Popular Culture in School: Maranhão and the Middle Ages in Cordels,' conducted at a public school, Centro de Ensino Maria José Aragão, from 2021 to 2022, demonstrating the importance and effectiveness of cordel as an educational and cultural instrument.

Keywords: Cordel Literature; Popular Culture; History; Cordel Poets; education.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Capa do Cordel Quilombolas: A revolta de escravos | 15 |
| Figura 2 - Capa do Cordel A carruagem de Ana Jansen: Uma lenda do Maranhão..... | 22 |
| Figura 3 - Capa do Cordel Ana Jansen em Cordel | 23 |
| Figura 4- Dom Sebastião, o Encoberto..... | 24 |
| Figura 5 - O dragão enquanto elemento representativo do imaginário europeu na Literatura de Cordel no Brasil..... | 28 |
| Figura 6 - Capa do cordel A batalha de Oliveiros com Ferrabrás | 30 |
| Figura 7 - Maria Batista Pimentel..... | 33 |
| Figura 8 - Cordelista Raimunda Frazão assinando termo de concessão de entrevista | 37 |
| Figura 9 - Júlia Constança Camêlo, ao fundo, reunida com os entrevistadores | 38 |
| Figura 10 - Fachada do C.E Maria José Aragão..... | 58 |
| Figura 11 - Slides utilizados em sala de aula..... | 60 |
| Figura 12 - Encontro com a Cordelista Raimunda Frazão | 62 |
| Figura 13 - Slides utilizado em sala de aula | 68 |
| Figura 14 - Slide utilizado em sala de aula..... | 69 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1. A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA | 13 |
| 2. MULHERES CORDELISTAS: AS TRAJETÓRIAS DE RAIMUNDA FRAZÃO E JÚLIA CONSTANÇA CAMÊLO | 31 |
| 2.1 A Presença Feminina Na Literatura de Cordel: Desafios e Conquistas..... | 31 |
| 2.2 Trajetórias e Narrativas: A vida e contribuições de Raimunda Frazão e Professora Dra. Júlia Constança Camêlo na Literatura de Cordel | 36 |
| 2.2.1 Raimunda Frazão: Rainha e Negra do Cordel | 38 |
| 2.2.2 Júlia Constança Camêlo: A Menina de Buíque | 46 |
| 3. UM RELATO DA EXPERIÊNCIA PRÁTICA DA CULTURA POPULAR NA ESCOLA: O MARANHÃO E O MEDIEVO EM CORDÉIS | 56 |
| 3.1 O projeto..... | 56 |
| Objetivos..... | 57 |
| Específicos..... | 57 |
| 3.2 Material e Método | 57 |
| 3.2.1 Espaço de aplicação do projeto | 57 |
| 3.2.2 Método..... | 58 |
| 3.3 Atividades realizadas e resultados | 58 |
| 3.3.1 Dificuldades encontradas..... | 69 |
| 3.3.2 Considerações finais do projeto..... | 71 |
| CONSIDERAÇÕES FINAS..... | 72 |
| RELAÇÃO DAS ENTREVISTADAS..... | 75 |
| REFERÊNCIAS..... | 76 |
| APÊNDICE A - ENTREVISTA COM RAIMUNDA FRAZÃO..... | 79 |
| APÊNDICE B – ENTREVISTA COM JÚLIA CONSTANÇA CAMÊLO PEREIRA..... | 91 |
| APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO..... | 103 |

INTRODUÇÃO

Na sua trajetória, a Literatura tem desempenhado um papel fundamental na disseminação de saberes, valores culturais e sociais. Dentre suas manifestações mais cativantes, destaca-se a Literatura de Cordel, uma forma artística de grande relevância que não apenas encanta os ouvintes, mas também educa e divulga a riqueza cultural de diversas regiões do Brasil.

Nesta monografia, a Literatura de Cordel desempenha um papel central. Apresentamos como ela pode ser uma ferramenta valiosa no ensino de História, explorando temas culturais da sociedade maranhense. Além disso, traçamos a trajetória de vida de duas cordelistas importantes, Raimunda Frazão e Júlia Constança Camêlo, com o objetivo de proporcionar uma visão mais profunda sobre suas contribuições à cultura do Cordel.

Para mais, examinamos a experiência prática do Cordel em sala de aula por meio da análise do projeto *Cultura Popular na Escola: O Maranhão e o Medievo em Cordéis*, aplicado na Escola Pública de São Luís, C.E. Maria José Aragão, nos anos de 2021 a 2022. Destacamos os seus resultados e impactos, demonstrando como a Literatura de Cordel pode ser uma ferramenta eficaz para enriquecer o ambiente educativo e promover a compreensão da cultura e história locais.

No contexto educacional, essa expressão literária se revela uma valiosa ferramenta pedagógica, proporcionando aos estudantes uma imersão em folhetos que exploram a História, Cultura e os aspectos tradicionais de uma sociedade. Com raízes profundas no Nordeste do país, é composta por versos rimados e tradicionalmente vendida pendurada em cordas, originando seu nome.

Apesar de seu profundo valor histórico, artístico e educacional, esse gênero literário ainda enfrenta desafios e preconceitos que limitam sua disseminação e reconhecimento em diversos âmbitos sociais. A marginalização e o preconceito associados a essa forma artística contribuem para sua subvalorização, sendo muitas vezes excluída do currículo escolar.

Um dos principais obstáculos reside na desinformação sobre seu potencial pedagógico. Em um cenário em que o ensino de História é frequentemente desafiador para manter o interesse dos estudantes, a Literatura de Cordel pode ser uma ferramenta eficaz e enriquecedora. Seu caráter lúdico, aliado à musicalidade e linguagem acessível, possibilita uma aproximação dos alunos com a disciplina, estimulando o interesse e o engajamento no aprendizado.

O reconhecimento da importância dessa manifestação artística e a superação das problemáticas relacionadas ao preconceito e ao desconhecimento de seu potencial pedagógico são fundamentais para enriquecer a promoção desse gênero literário.

A relevância desse estudo reside no fato de que essa expressão literária se apresenta como um canal autêntico para a compreensão das tradições, crenças e valores, especialmente do povo maranhense, fornecendo um panorama cultural rico e diversificado para o conhecimento histórico e social da região. Vale mencionar, também, a capacidade de abordar temas do medievo, demonstrando como essa literatura se adapta e dialoga com contextos históricos distintos, permitindo uma compreensão mais profunda das influências e ressonâncias históricas na cultura maranhense.

Temos como objetivo geral investigar a importância pedagógica da Literatura de Cordel, especialmente no ensino de história, com ênfase na sua eficácia como recurso educacional para a compreensão da cultura maranhense e de temáticas ligadas à Idade Média.

Como específicos: realizar uma investigação, por meio de entrevista, sobre a produção literária de cordel no Maranhão, com enfoque nas obras das cordelistas Júlia Constança Câmelo e Raimunda Frazão, com o objetivo de identificar as suas trajetórias de vida, os principais temas abordados em suas criações e analisar como essas temáticas refletem a cultura e a identidade local da região e, por fim, avaliar a abordagem pedagógica do projeto de extensão *Cultura Popular na Escola: o Maranhão e o Medievo em cordéis*, destacando sua aplicação e eficácia como ferramenta educacional para o estudo da cultura maranhense e temas medievais.

Empreendemos uma análise bibliográfica criteriosa, selecionando fontes recentes e relevantes. Isso possibilitou a identificação e síntese de teorias, conceitos e debates essenciais para uma compreensão aprofundada do tema em questão. Adicionalmente, optamos por incorporar o método da entrevista oral como a realização de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas.

De acordo com Meihy e Holanda (2015), a *História Oral* representa um recurso contemporâneo utilizado na criação de registros, documentos, arquivamento e estudos que abordam a experiência social de indivíduos e grupos. Manifesta-se como uma narrativa do presente e é reconhecida pela sua natureza viva.

Para além disso, buscamos uma abordagem mais abrangente e enriquecedora para a compreensão da relação entre a Literatura de Cordel, a Cultura Maranhense e os temas Medievais. Segundo Honorato (2019), a *cultura* é percebida como o registro de um povo, com a função de evidenciar as formas de pensar e agir ao longo da história. Ao considerar que essa

expressão cultural se modifica ao longo do tempo, influenciada por fatores internos e externos, o autor reconhece sua associação direta à formação das identidades sociais e pessoais dos indivíduos. Nesse contexto, Honorato amplia o termo, relacionando-o a fatores sociais, históricos e geográficos que determinam a identidade e as ações diante da sociedade.

Segundo o autor, o homem está profundamente vinculado a fatores sociais, sendo que suas ações são guiadas por ideologias e crenças geradas dentro de um determinado contexto de formação. Em outras palavras, fatores sociais exercem influência direta na construção dos valores de um grupo específico. Portanto, reconhece-se que a cultura desse grupo está intrinsecamente relacionada a aspectos sociais, econômicos e de gênero, destacando a relevância do tema da formação cultural (Honorato, 2019, p. 26).

Stuart Hall (1997), em sua obra *A Centralidade da Cultura*, defende a necessidade de estudar a fundo a capacidade da cultura em regular as práticas sociais, ao contar com ideias e valores influentes nas crenças. Em sua argumentação, Hall descreve que determinados agentes, reconhecendo essa capacidade, buscam influenciar o mundo ou a forma como as coisas são feitas por meio da cultura, agindo no sentido de moldá-la ou regulá-la de alguma forma, nem sempre para fins louváveis.

Cabral e Pereira (2018) consideram que, a construção de uma *identidade*, independentemente do seu nível individual, social, regional ou nacional, é um processo contínuo de construção e transformação, delineando os contornos de uma sociedade. Eles acreditam que, como a sociedade é influenciada pela cultura, é necessário preservar os bens culturais, reconhecendo que o suporte fundamental da identidade é a memória. A *memória*, enquanto mecanismo de retenção de informações, conhecimentos e experiências, configura-se como um eixo de atribuições que articula e estratifica os aspectos multiformes de uma dada realidade, conferindo-lhes lógica e inteligibilidade.

Por extensão, compreende-se o papel da Literatura como elemento que registra a cultura e essas memórias. Por isso, deve ser disponibilizada a todos os cidadãos por meio de iniciativas educacionais, proporcionando às novas gerações acesso à cultura humana e suas transformações ao longo do tempo. Assim, Cabral e Pereira (2018) descrevem esse gênero literário como um patrimônio cultural ao qual todos os cidadãos devem ter acesso, especialmente na escola.

Portanto, o cordelista, enquanto poeta popular, tem como característica central buscar retratar assuntos de acordo com o ponto de vista do meio em que vive, permitindo assim estabelecer um elo de ligação com seu público. Isso faz com que fatos até simples e corriqueiros da vida cotidiana se tornem obras de arte nas mãos de um poeta.

Este trabalho é composto por três capítulos: 1. A Literatura de Cordel no Ensino de História; 2. Mulheres Cordelistas: As trajetórias de Raimunda Frazão e Júlia Constança Camêlo; 3. Um relato de Experiência Prática da Cultura Popular Na Escola: o Maranhão e o Medievo em Cordéis.

No primeiro capítulo, abordamos a importância pedagógica da Literatura de Cordel, com destaque para seu papel no ensino de História. Enfatizamos sua eficácia como recurso educacional para a compreensão da Cultura Maranhense e de temas ligados à Idade Média. A intenção é evidenciar como a utilização dessa expressão literária pode enriquecer o processo de aprendizado, promovendo um engajamento mais profundo com os conteúdos históricos e culturais abordados.

No segundo capítulo, nossa pesquisa se concentra na produção feminina de cordel, com foco nas obras das cordelistas Júlia Constança Camêlo e Raimunda Frazão. Por meio de entrevistas, buscamos identificar a trajetória dessas escritoras, os objetivos de suas produções, os temas centrais abordados e como essas obras refletem a cultura e identidade maranhense, numa região rica em tradições.

No último capítulo, analisamos a abordagem pedagógica do projeto de extensão *Cultura Popular na Escola: o Maranhão e o Medievo em Cordéis*. Este projeto foi aplicado na escola Centro de Ensino Maria José Aragão durante os anos de 2021 e 2022.

O projeto é examinado quanto à sua eficácia no contexto do ensino da Cultura Maranhense e de aspectos relacionados à Idade Média. A intenção é avaliar como essa iniciativa contribui para o enriquecimento da experiência educativa e proporcionar aos leitores uma experiência mais ampla.

Brevemente destaco que minha relação pessoal com a Literatura de Cordel se estabeleceu a partir da proposta apresentada pela professora Adriana Zierer para a realização deste projeto. A partir disso, mergulhei nos trabalhos teóricos e questões relacionadas aos cordéis, buscando compreender sua conceituação, origens e suas modificações. Realizei leituras de diversas obras e percebi as inúmeras potencialidades dessa linguagem, bem como seu enorme valor cultural e educacional.

Desejamos que este trabalho amplie a compreensão das inúmeras potencialidades da Literatura de Cordel. Como uma fonte inesgotável, ela oferece diversas oportunidades, podendo ser não apenas um meio de leitura, mas também uma valiosa ferramenta educacional.

1. A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA

A Literatura de Cordel é valiosa expressão da cultura do Brasil, especialmente no Nordeste. Ela carrega consigo muitos aspectos da cultura e da sociedade, e sua forma poética e envolvente se destaca, chamando muita atenção dos ouvintes e leitores. Por essas razões, o cordel pode ser utilizado como ferramenta importante para compartilhar cultura e conhecimento.

Com todos esses elementos, a Literatura de Cordel pode ser um instrumento complementar para ensinar História e também um aliado importante para divulgar a cultura regional. No contexto do Maranhão, que possui uma rica herança cultural, com lendas e tradições que permeiam a sociedade maranhense, usar o cordel se faz muito oportuno.

Essa Literatura chegou ao Brasil trazida pelos portugueses no Século XVIII. Se disseminou na Região Nordeste do país, o que teria ocorrido segundo Cadó (2022) pelo fato de a cidade de Salvador ter sido a primeira capital brasileira, contando com boa localização e qualidades portuárias, fazendo com que se tornasse referência para os navegadores.

De acordo com Sampaio (2021), esse gênero se consolidou no Nordeste no final do Século XIX, por obra dos poetas populares Leandro Gomes de Barros¹ e Francisco das Chagas Batista², que teriam sido os primeiros a delimitar as normas de composição dos folhetos, tal como observado até hoje.

Em muitas circunstâncias, uma pessoa letrada comprava estes cordéis e os lia para um público não letrado, que por muito tempo foi a maioria no país. Portanto, compreende-se que uma série de fatores contribuíram para que o Nordeste se tornasse o berço da Literatura de Cordel: as condições favoráveis da cidade de Salvador, primeira capital do país, o encontro do português com o africano, o ambiente social favorecendo o surgimento desta forma de comunicação literária e a difusão da poesia popular por meio da cantoria em grupo e escrita (Cadó, 2022).

Um ponto importante a se destacar é que muitas histórias oriundas de Portugal ao chegarem em solo brasileiro passavam por alterações, a fim de estarem mais de acordo com o cenário sociocultural, político e econômico da época, se aproximando dos sonhos, fantasias e valores da população. Isso fez com que esse gênero se tornasse um elemento de socialização de fatores culturais na sociedade (Cadó, 2022).

¹ Leandro Gomes de Barros (19/11/1865 – 04/03/1918) é considerado o primeiro escritor brasileiro de Literatura de Cordel.

² Francisco das Chagas Batista (05/05/1882 - 26/01/1930) foi um cordelista, sendo membro da primeira geração de poetas populares e um dos primeiros editores de cordel no Brasil.

O cordel tem como características uma série de recursos que podem ser de grande valia para uma proposta de ensino, podendo ser mencionadas: rimas, musicalidade, assonâncias, aliterações, recursos sonoros e semânticos. Podendo ser mencionada também a sua diversidade temática ao abrir espaço para a introdução de temas sociais, personagens históricos, narrativas inspiradas em fatos de repercussão local, nacional e internacional (Ferreira, 2018).

A autora Júlia Constança Câmelo que utiliza o pseudônimo: a Menina de Buíque tem uma obra, em parceria com Raimundo Poeta, que ratifica essas características do cordel em despertar o gosto e prazer por essa forma literária:

PORQUE ESCREVER CORDEL?

[...]

Foi por gostar de cordel
Que me motivei a ler.
Depois vi que é uma arte
Traz alegria e prazer
Pois, trata de todo assunto,
E facilita o saber.

[...]

Tem a cultura do povo
Na escola é ensinado
Circula por todo canto
Da cidade ao roçado
Ele atrai jovem, e idoso
Por criança é amado.

[...]

Foi o Nordeste que inventou
Métrica, lapidou rima,
Amplio verso europeu,
Pra construir obra prima,
Pois, a forma existente hoje
É plus para nossa estima.

[...]

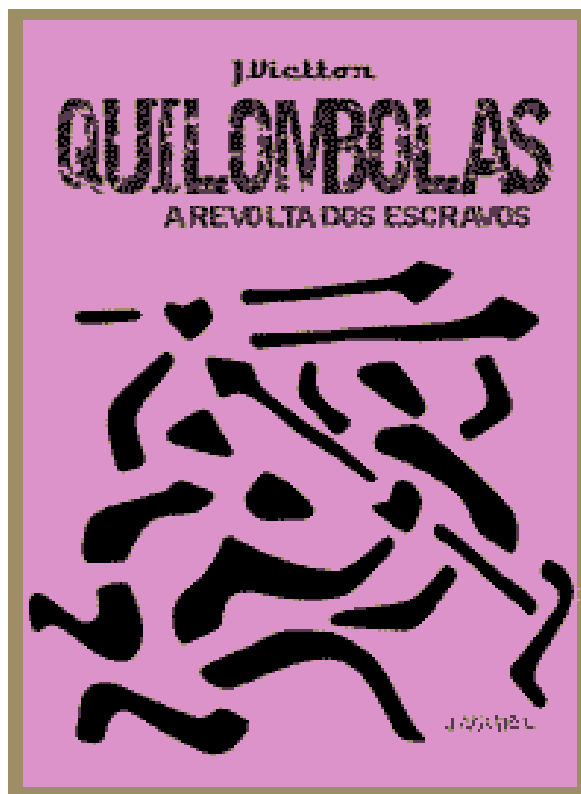
Para a cidade se encher
De música e alegria
Para o povo de repente
Dizer como já dizia
São Luís é rica, rica...
De versos e poesia.

(Raimundo Poeta/Menina de Buíque, 2022)

Nesse poema, os autores evidenciam como o folheto de cordel possui recursos que captam a atenção dos leitores e ouvintes. O próprio texto revela a riqueza das rimas, destacando o diferencial desse gênero. Além disso, é uma prova de como o cordel influencia a ação dos ouvintes, visto que motivou a autora a aprender a ler.

Um exemplo de cordel que aborda um tema histórico de cunho social é *Quilombolas: A revolta dos escravos*, de autoria de J. Victor (Figura 1). Nesta obra, o autor detalha o contexto da escravidão africana no Brasil e o surgimento dos quilombos. Através dessa narrativa, o leitor é levado a compreender não apenas os horrores do sistema escravista, mas também a luta por liberdade e dignidade.

Figura 1 – Capa do Cordel *Quilombolas: A revolta dos escravos*



Fonte: Marcus Ítalo, (2020). Disponível em: <https://www.marcusitalo.com.br/cordeis-vue/-/>. Acesso em: 26 fev.2024.

Desta forma, a obra se destaca como um exemplo de como o cordel pode servir como uma ferramenta de educação e conscientização, ao explorar de maneira cativante e informativa os aspectos históricos e sociais da formação do Brasil. Podemos ver alguns trechos a seguir:

Quilombolas: A Revolta dos Escravos – J. Victor.

[...]

O europeu na ganância,
Saiu do seu continente
Escravizando os povos,
Se achando inteligente,
Ignorando que os negros

Foram a origem da gente.

[...]

Precisavam mão-de-obra,
Trazendo então prisioneiros;

Da África vieram os
Grandes navios Negreiros
E nas viagens sofridas
Poucos chegaram inteiros.

[...]

Os escravos brasileiros,
Muitos vindo de Angola,
Sofriam sérios maus-tratos,

Desconheciam escola,
Fugiram para formar
Uma nação quilombola

[...]

(Victor, 2020)

A partir desse cordel, somos conduzidos por uma narrativa poética que revela os sombrios capítulos da história do Brasil, marcados pela cobiça europeia e pela exploração desumana dos povos. A obra se desdobra em retratar a arrogância do europeu que, guiado pela ganância, atravessa oceanos para escravizar populações inteiras, autodenominando-se inteligente, enquanto ignora a verdadeira origem da humanidade, representada pelos negros.

Através das estrofes, somos transportados para o Brasil colonial, onde os escravos, muitos oriundos de Angola, enfrentaram terríveis maus-tratos e foram submetidos a condições desumanas. A realidade educacional é negada a eles, desconhecendo-se a escola, enquanto o desejo por liberdade e justiça os impulsiona a fugir, dando origem a comunidades quilombolas, forjadas na resistência e na busca por uma vida digna.

O cordel destaca-se não apenas pela habilidade poética, mas também pela capacidade de transmitir de maneira contundente os episódios dolorosos e cruciais da história brasileira. Esse cordel, oferece uma reflexão necessária sobre a trajetória de um povo resiliente que, apesar das adversidades, forjou sua identidade na luta pela liberdade e na formação de comunidades que resistem até os dias atuais.

Ainda no campo educacional, Ferreira (2018) afirma que a Literatura de Cordel tem um importante papel a desempenhar, devido a suas potencialidades didáticas e pedagógicas em relação a diferentes campos do saber, fazendo com que se torne um recurso com potenciais a serem explorados. Neste sentido, acredita que os enredos variados e suas narrativas em versos podem contribuir para reter a atenção dos alunos.

Sampaio (2021) também enfatiza a capacidade do cordel de abordar uma ampla variedade de temas, com uma flexibilidade impressionante, permitindo que os poetas e autores

explorem questões que vão desde as intrincadas complexidades das relações humanas até as críticas contundentes à sociedade, passando pelo exame minucioso do sistema político.

Por se tratar de uma poesia popular, o cordel tem a liberdade de utilizar variadas temáticas, tais como: As relações humanas, Críticas sexuais, sociais, sistema político, relatos de histórias do povo, cultura e a vida cotidiana, em especial a nordestina, dentre outros. Pelo fato de possuir uma linguagem objetiva e de fácil entendimento, o cordel consegue atrair cada vez mais leitores/ouvintes, algumas vezes o/a autor/a retrata sua própria história ou do lugar em que está inserido/a (Sampaio, 2021, p.3).

Portanto, segundo o autor, a flexibilidade temática abre portas para uma vasta gama de tópicos que podem ser explorados por meio dos folhetos, vários temas podem ser abordados, enriquecendo assim as possibilidades de discussão e aprendizado.

Além dessa possibilidade de abranger os mais variados assuntos, a Literatura de Cordel destaca-se pela sua significativa forma de composição que captura de forma cativante a atenção dos ouvintes, em grande parte devido às rimas envolventes e à cadência musical que a caracterizam. Esses dois aspectos unidos fortalecem a atração pela poesia nordestina encantando os ouvintes:

O cordel ensinou a ler, encantou com seus enredos estampados nas estrofes dos romances, pelejas, histórias de espertezas, aventuras, entre outras variações, e espalhou a graça do riso por onde passou. Quando recitado, o cordel além de trazer notícias, romances criativos e estórias, encantava com sua variedade de recursos poéticos, tais como a rima marcante, principalmente em sextilhas, atraindo a atenção dos ouvintes (Ferreira, 2018, p. 36).

A citação destaca a multifuncionalidade e o encanto do cordel como uma forma literária única. Além de ser uma ferramenta que ensina a ler, o cordel conquista o público com seus enredos entrelaçados em romances, pelejas, e histórias diversas. As estrofes poeticamente construídas transmitem aventuras, sagas de espertezas e uma variedade de narrativas que cativam e capturam a atenção dos ouvintes.

Esses cordéis, escritos em versos sem cânones e com linguagem e temática populares, apresentam diversas modalidades produtivas, como quadras, sextilhas, septilhas, oitavas, quadrões, a décima e o martelo, conforme detalhado no quadro 1 (Lopes, 2020).

Quadro 1 – Modalidades produtivas na Literatura de Cordel

| | |
|--|--|
| Sextilhas | É o gênero, talvez, mais fácil e preferido entre cordelistas e repentistas. a sextilha nada mais é do que uma estrofe com rimas deslocadas, formada por seis linhas, seis pés ou de seis versos de sete sílabas onde as linhas pares rimam entre si, enquanto as demais são conservadas em versos brancos. |
| Septilha (chamada também de sete linhas ou sete pés) | Consiste de uma adaptação à sextilha, cuja estrofe é formada por sete versos, rimando os versos pares até o quarto, como na Sextilha; o quinto rima com o sexto, e o sétimo com o segundo e o quarto. |
| Moirões | Dentre as modalidades dos cordéis, os moirões talvez seja a que mais tenha sofrido grandes variações durante os anos. Na prática, existem moirões de cinco versos, os de seis versos, os de sete versos, o moirão trocado, o moirão voltado e o chamado “moirão que você cai”. |

| | |
|--------------------|--|
| Décimas | Possui uma origem clássica e muito antiga, sendo um gênero de muita apreciação, sendo a principal modalidade escolhida para os motes, onde os cantadores fecham cada estrofe com versos da sentença dada. Décima é uma estrofe de dez versos de sete sílabas, assim distribuídos: o primeiro, rima com o quarto e o quinto; o segundo, com o terceiro; o sexto, com o sétimo e o décimo, e o oitavo, com o nono. |
| Martelos | Sua origem se deve ao nome do diplomata francês Jaime de Martelo, professor de literatura na Universidade de Bolonha, criador do “martelo cruzado”, onde a primeira linha rima com a terceira e a quinta e a segunda, com a quarta e a sexta. |
| Galope à beira mar | É uma modalidade muito apreciada pelos poetas e admiradores da cultura popular, denominada como Décima de versos compridos e, trata principalmente de temas ligados a praia. Possui uma estrofe de dez versos de onze sílabas, com o estribilho cuja palavra final é o mar. |
| Parcelas | Parcela nada mais é do que uma décima com versos de quatro ou de cinco sílabas, sendo isso denominada também de “Décima de versos curtos”. Geralmente os repentistas usam a parcela para o final da apresentação. |
| Quadrão Antigo | O Quadrão antigo é constituído por uma estrofe de oito linhas de sete sílabas, onde se rima o primeiro verso com o segundo e o terceiro; o quarto com o oitavo, e o quinto com o sexto e o sétimo, contando no final, o estribilho de sua denominação. |

Fonte: Cadó (2022)

O quadro 1 oferece uma explanação detalhada sobre as variadas modalidades produtivas que permeiam a Literatura de Cordel, proporcionando uma visão abrangente das características distintas que caracterizam cada gênero. A riqueza e a diversidade poética são evidenciadas em cada modalidade, destacando a complexidade e a expressividade e as várias possibilidades presentes na tradição do cordel.

Desta forma, o cordelista tem à sua disposição diversas opções, podendo optar por sextilhas ou outros padrões métricos, o que amplia seu leque de possibilidades para criar rimas, como demonstrado no quadro.

Esses elementos desempenham um papel fundamental em atrair o interesse do público em geral para a leitura, permitindo que as pessoas se aproximem desse gênero literário e, por meio dele, adquiram novos conhecimentos ou aprimorem os já existentes.

Para Honorato (2019), a Literatura de Cordel favorece o gosto pela literatura e o desenvolvimento de competências em um sentido geral, ao considerar que a leitura ocupa um espaço relevante no âmbito do processo de ensino-aprendizagem. O autor ressalta que obras literárias capazes de despertar a atenção dos alunos desempenham um papel importante na formação dos leitores, reconhecendo que a leitura permite um conhecimento de si e do mundo.

Além disso, considerando a vasta gama de temas que podem ser explorados por meio dos cordéis, é viável estimular os estudantes a cultivar o hábito da leitura. O professor tem a oportunidade de promover sessões de leitura compartilhada, aproveitando essa ocasião não apenas para identificar as dificuldades de leitura dos alunos, mas também para trabalhar no desenvolvimento dessas habilidades.

Além disso, o docente pode ir além da simples leitura, incentivando os alunos a recitar os cordéis, promovendo assim uma experiência ainda mais enriquecedora:

É muito vasta a quantidade de pejeas e também os cordéis com mais de um personagem e com isso o trabalho se torna possível com vários níveis de ensino e diferentes faixa etárias, essa leitura divertida e compartilhada possibilita ao educando um prazer pela prática de leitura e como é de característica do cordel, não sendo uma leitura apenas decodificando os códigos, mas uma recitação e uma penetração na obra trazendo vida para cada palavra da obra (Honorato, 2019, p. 30-31).

Assim, conforme o autor, a utilização do cordel desencadeia estímulos nos alunos para cultivarem habilidades que transcendem a compreensão textual e a leitura tradicional. Isso proporciona a oportunidade de se mergulhar na obra, permitindo a apreciação minuciosa de cada palavra e a atribuição de vida e significado a cada elemento presente. Como resultado, a leitura se transforma em uma experiência dinâmica e envolvente para os educandos.

Lima, Matos e Costa (2019) apontam que as atividades de leitura e produção de textos ajudam a eliminar preconceitos enraizados no imaginário dos alunos, que passam a perceber elementos culturais presentes nos Cordéis como característicos de seu povo.

Nesse contexto, a prática com folhetos já oferece uma experiência de grande valor. Contudo, o estímulo à produção de cordéis amplia ainda mais o impacto dessa atividade. Ao encararem a responsabilidade de elaborar seus próprios textos, os alunos são incentivados a aprofundar seu entendimento sobre um tema específico, adquirindo o conhecimento necessário para construir essas obras de forma autêntica e envolvente.

Para Ferreira (2018), o trabalho com a Literatura de Cordel representa uma possibilidade de contato com a experiência sensível devido ao fato de a poesia despertar o senso poético nos alunos ao mesmo tempo em que permite a formação de sujeitos críticos.

Ademais, ao criar um folheto, um autor insere nele a sua interpretação da sociedade, tornando a escrita uma poderosa ferramenta para preservar a memória de um povo. De acordo com Cadó (2022), a relação entre a Literatura de Cordel e a História não se estabelece apenas por meio das estratégias narrativas, mas também pela conexão entre ambos na compreensão das experiências vivenciadas tanto individual quanto coletivamente.

Portanto, os registros literários podem ser considerados elementos essenciais do patrimônio histórico de uma comunidade, contribuindo significativamente para a preservação da memória e dos traços culturais das pessoas que habitaram e habitam determinado espaço ao longo do tempo.

Logo, os cordelistas ao realizarem suas releituras e ressignificações, baseiam-se em experiências pessoais e nas nuances do ambiente cultural e geográfico em que vivem. Isso confere às produções um caráter de expressão tanto individual quanto coletiva, estabelecendo

uma ligação profunda entre o autor e o contexto em que estão inseridos. Conseqüentemente, as criações dos cordelistas refletem de maneira autêntica e vívida as realidades vivenciadas por esses indivíduos.

Como exemplo, temos *o País da Cocanha*, um poema do século XIII de origem europeia. Essa obra ganhou grande popularidade e atravessou oceanos até chegar ao Brasil, onde, possivelmente, influenciou outros cordelistas como Manoel Camilo, que no cenário do Nordeste, criou o poema *O país de São Saruê*:

São Saruê, assemelha-se ao país imaginário da Cocanha, apresentado num poema escrito provavelmente no século XIII. Nessa terra, Cocanha, reina a harmonia social, a liberdade sexual, onde não é preciso trabalhar, onde não há sofrimento nem envelhecimento. Assim como a Cocanha, São Saruê também evidencia essas características. Certamente, a Cocanha fazia parte das histórias escutadas pelos cordelistas no decorrer de suas vidas (Camêlo, 2004, p. 98).

A autora ressalta a afinidade entre São Saruê e o país fictício denominado Cocanha, cuja descrição remonta a um poema possivelmente do século XIII. A afirmação de Camêlo de que a Cocanha, sem dúvida, integrava as narrativas ouvidas pelos cordelistas ao longo de suas vidas sugere uma possível influência dessas histórias mitológicas na criação literária dos cordelistas. A referência à Cocanha destaca a persistência de temas mágicos e imaginários na tradição literária, evidenciando que essas narrativas fictícias eram transmitidas de uma geração a outra e desempenhavam um papel expressivo no universo mental dos contadores de histórias.

Nesse contexto, Oliveira (2018) observa que o folheto de cordel carrega uma profunda carga literária que representa uma realidade cultural transgeracional. Escrito com rigorosas regras métricas, ele exibe uma precisão rítmica que propicia abordagens interdisciplinares no contexto do ensino e da aprendizagem. Além disso, serve como um meio criativo e reflexivo, enraizado em aspectos regionais e culturais que refletem a vida cotidiana, tanto social quanto histórica.

Essa Literatura mantém uma forte conexão com a cultura, seja ela de caráter regional ou nacional. Ela oferece aos estudantes uma memória que é simultaneamente coletiva e individual, ao destacar determinadas construções discursivas que resgatam o discurso histórico popular.

Conforme afirmado por Oliveira (2018), a estrutura do cordel, com ritmo e sonoridade presentes na linguagem poética, facilitam a percepção, o aprendizado e a apreciação dessa produção, que incorpora a essência da cultura brasileira.

A cultura popular e em específico a Literatura de Cordel são meios de preservação de uma memória coletiva por meio de registros escritos realizados por um autor com base em

relatos populares acerca de passagens folclóricas presentes em uma dada região, conhecimentos que normalmente não encontrariam espaço em outros tipos de publicações (Oliveira, 2018).

Dessa forma, como parte da cultura popular, ela atua como um meio de preservar essa memória através de registros escritos que capturam relatos folclóricos regionais, preenchendo uma lacuna que muitas vezes é ignorada por outras formas literárias. A presença em sala de aula, portanto, torna-se muito útil para a divulgação da cultura, em especial a maranhense.

Para Paulo Freire (1984), a missão mais importante da educação é abrir caminho para a libertação e a consciência individual. Assim, o cordel pode ser uma ferramenta que ajude a cumprir essa missão, bem como aproximar os alunos do patrimônio cultural, respeitar a diversidade e encarar a iniciativa como uma atividade cívica.

O professor, assim, encontra na Literatura de Cordel uma ferramenta valiosa para enriquecer o ensino tanto da História quanto da cultura regional. O estado do Maranhão, em particular, oferece uma riqueza de temas significativos que podem ser explorados e difundidos por meio desse gênero literário peculiar.

Dentre esses, mencionamos o tema de Ana Jansen e Dom Sebastião, dois personagens emblemáticos que ocupam um lugar especial nas narrativas populares maranhenses. No entanto, vale ressaltar que há outros temas igualmente fascinantes e enriquecedores presentes nesse universo cordelista, que contribuem para a difusão da cultura e da história local.

Ana Jansen foi uma personalidade de destaque com uma narrativa notavelmente complexa, repleta de elementos conflitantes e preconceituosos, torna-se um ponto de discussão relevante para os alunos.

É válido que esse tema seja discutido com os estudantes, pois a percepção sobre essa mulher foi moldada de maneira negativa ao longo do tempo. Suas ações e atitudes podem ter sido interpretadas de diversas maneiras, e é importante que se compreenda a complexidade desse personagem histórico, assim como o contexto sociocultural em que ela viveu. As professoras Elizabeth Abrantes e Sandra Regina dos Santos esclarecem esse ponto:

As críticas de seus inimigos e daqueles que se achavam incomodados com a presença tão forte de uma mulher na sociedade, à frente de seus negócios, envolvida com política, tentavam depreciar sua imagem de todas as maneiras. Destacavam a falta de atributos físicos, a falta de instrução, e até desdenhavam de sua fala que chamavam de “tatibitate” (Abrantes; Santos, 2023 p.139).

Este trecho revela um contexto histórico em que Ana Jansen enfrentava resistência e críticas significativas devido à sua presença marcante na sociedade, à frente de negócios e envolvida em política. Como destacado pelas autoras, as críticas, provenientes de inimigos e de

indivíduos incomodados pela sua posição, buscavam desvalorizar sua imagem de diversas maneiras.

Entre as notáveis obras que se destacam na abordagem de Ana Jansen através do cordel, merecem menção *A Carruagem de Ana Jansen: Uma Lenda do Maranhão*, de autoria do cordelista José Medeiros de Lacerda (Figura 2), e *Ana Jansen em Cordel*, escrita por Raimunda Frazão (Figura 3). Essas composições não apenas apresentam a fascinante história de Ana Jansen de maneira poética, mas também oferecem valiosos recursos pedagógicos para a sala de aula.

Figura 2 - Capa do Cordel *A carruagem de Ana Jansen: Uma lenda do Maranhão*



Fonte: Blog do Bóis (2012). Disponível em: https://hbois.blogspot.com/2012/10/a-carruagem-de-ana-jansen-uma-lenda-do_16.ht. Ano: 2012. Acesso em: 26 fev.2024.

Ao abordarem um tema de grande relevância de forma acessível, essas obras proporcionam aos educadores a oportunidade de ir além da mera leitura. Eles podem envolver os alunos na produção de análises historiográficas, incentivando a criação de diversas perspectivas sobre esse tema intrigante, enriquecendo assim o aprendizado de forma abrangente e participativa.

Figura 3 - Capa do Cordel Ana Jansen em Cordel



Fonte: Frazão (2018).

A lenda do Rei Dom Sebastião é um outro tema representativo da Cultura Maranhense, que tem sua história narrada por folhetos de cordéis. Para Adriana Zierer (2019), inspirada nas ideias de Bloch, é importante unir a disciplina de História com outras Ciências Sociais a fim de se compreender o ser humano em sociedade através do tempo. A autora se apoia na noção de Longa Duração de Braudel (1982) e Burke (1992) para defender que a ideia de que um rei ideal cujo legado ainda é lembrado nos dias atuais auxilia a compreender os modos de sentir e pensar na contemporaneidade.

Deste modo, os alunos podem reconhecer que a História não é algo morto e estático no tempo, mas sim algo que está sempre em movimento e constante transformação. Essa percepção destaca a importância de estudar esse tema.

Se esta noção de Longa Duração diz respeito ao tempo das estruturas em oposição ao tempo curto dos acontecimentos, Zierer (2019) considera que este conceito pode ser aplicado ao caso do mito do Encoberto. Dom Sebastião é filho de Dom João e de Dona Joana, sendo neto de Dom João III, nascido no dia 20 de janeiro de 1554 e se tornou órfão de pai muito cedo.

De acordo com Dominici (2012), Dom Sebastião era herdeiro direto do trono e descendente de uma linhagem de reis dotados de coragem suficiente para desbravar territórios que o império português julgava estratégicos.

Em 1578, o rei morreu aos 24 anos durante uma arriscada expedição militar no Marrocos, na tentativa de converter os mouros ao cristianismo. Ele perdeu a vida na famosa batalha de Alcácer Quibir, onde as forças portuguesas quase foram completamente derrotadas pelos inimigos, e seu corpo desapareceu, nunca sendo encontrado (Ferreira; Garcês; Zierer, 2017).

Após sua morte, várias lendas surgiram entre aqueles que acreditavam e tinham esperanças, todas alimentando a fantasia de que ele retornaria à sua terra natal para libertá-la do domínio espanhol e restaurar o império português. Ele é associado a São Sebastião, pois nasceu no dia dedicado a esse santo (Ferreira; Garcês; Zierer, 2017).

De acordo com Zierer (2019) a ligação de Dom Sebastião com o Maranhão tem início com relatos de sua vida que foram trazidos pelos portugueses, o que se fundiu com as esperanças locais acerca da vinda de um rei ideal que pudesse ajudar os pobres. Uma visão que é diferente da dos portugueses que sonhavam com o retorno do encoberto a fim de que Portugal voltasse a ser uma grande potência.

Figura 4- Dom Sebastião, o Encoberto



Fonte: Casquilho (2012).

A história de Dom Sebastião é narrada através dos cordéis, podemos mencionar a produção de Wilson Marques. Seus versos rimados narram a vida e a morte do Rei, tornando-a acessível a pessoas de todas as idades e origens. Além disso, ele utiliza a poesia popular como

uma forma de preservar a memória dessa figura histórica, garantindo que ela perdure nas gerações futuras. A seguir alguns trechos da obra intitulada Dom Sebastião:

Dom Sebastião – Wilson Marques

Sebastião era o nome
Do famoso lusitano
Tinha vinte e quatro anos
Quando, de modo insano,
Foi atrás de guerra e glória

[...]

Queria o soberano,
Esse rei Sebastião,
Tornar cada muçulmano
Num obediente cristão,
Mas acabou derrotado
Por um famoso sultão.

[...]

O rei, todo mundo sabe,
Foi na guerra derrotado,
Mas o mais triste de tudo,
O corpo não foi achado,
Persistindo assim a dúvida
Se ele era ou não finado.
Sem saber o que havia
Acontecido ao coitado,
O povo de Portugal
Aguardava um resultado
Todo dia perguntado
Se o rei tinha retornado

[...]

Portugal logo afundou
Em crise de sucessão [...]
Desse modo o governo
Caiu em mãos da Espanha.
Durante sessenta anos
Em situação estranha,
Permaneceu Portugal
Mergulhado em dor tamanha

[...]

A esperança espalhou-se
Transformou-se em fantasia:
De que o rei voltasse um dia
E, vencendo a própria morte,
À pátria retornaria.

[...]

Diz uma dessas lendas
Que o rei Sebastião
Ainda continua vivo [...]
Segundo a lenda do rei,
Penando sem salvação
Encontra-se enfeitado
Numa ilha do Maranhão,
Na figura de um touro
Fruto de encantação.

(MARQUES, 2011)

Em forma poética, o cordelista cria sua narrativa em torno do Rei Dom Sebastião, destacando episódios marcantes da sua vida e as consequências de sua misteriosa ausência. A poesia explora a figura do rei lusitano, descrevendo sua busca por guerra e glória, a tentativa de converter muçulmanos ao cristianismo e sua derrota. Esse folheto, portanto, torna-se uma ferramenta auxiliar para compreensão desse tema, abordando um conteúdo muito recorrente na cultura maranhense.

Além de cordéis que se relacionam com a História e Cultura Maranhense, há outros que apresentam inegáveis vestígios do período medieval, lançando um fascinante olhar sobre a influência histórica e cultural que permeia sua essência. Esses vestígios se manifestam de maneira notável ao longo de suas narrativas e características intrínsecas.

Neves (2018) considera como o mais evidente elo de ligação entre o cordel no Brasil e o velho continente é a presença de personagens reais ou fictícios da história medieval europeia, que foram transportados para o cenário do Nordeste brasileiro. Essa constatação foi citada por Hilário Franco Junior:

Apesar da globalização neste início de milênio, alguns elementos medievais ainda são visíveis. Arthur e Carlos Magno estão presentes com frequência na literatura nordestina de cordel, cujo espírito, temática transmissão e recepção essencialmente orais prolongam a poesia europeia da Idade Média no Brasil no século XX. Mesmo certas criações eruditas no Nordeste, [...] bebem fundamentalmente de folhetos medievais [...] Festas como o carnaval no Rio de Janeiro e no Nordeste, o Bumba-meu-boi em São Luís do Maranhão, a Procissão de Círio, em Belém do Pará tem inegáveis raízes medievais. (Franco Jr, 2006, p. 169).

Segundo o autor, elementos característicos da Idade Média ainda mantêm uma presença notável na contemporaneidade, sendo perceptíveis tanto na literatura nordestina de cordel, onde figuras como Arthur³ e Carlos Magno⁴ são frequentemente identificadas, quanto em festividades marcantes no Brasil, como o Carnaval no Rio de Janeiro e no Nordeste, o Bumba-meu-boi em São Luís do Maranhão e a Procissão de Círio em Belém do Pará. Essa persistência ressalta como os traços culturais medievais continuam a exercer influência e a encontrar expressão na rica diversidade cultural do Brasil contemporâneo.

Diversos temas, aspectos e personagens da Europa Medieval conseguiram transpor as fronteiras do tempo e se estabelecer firmemente no contexto cultural brasileiro, como destaca

³ Rei Arthur é um personagem místico que teria vivido durante os séculos VI d.C. na Bretanha, sua imagem foi construída ao longo do tempo como um rei perfeito e justo, que libertaria seu povo dos constantes ataques sofridos por invasores (NOLETO, 2017)

⁴ Carlos Magno foi um imperador medieval da Dinastia Carolíngia. Grande protetor dos dogmas da igreja católica, foi coroado imperador do Sacro Império Romano Germânico, em 800, pelo Papa Leão III.

Neves ao mencionar a obra *História de Roberto do Diabo*, de Leandro Gomes de Barros. A seguir alguns trechos:

História de Roberto do Diabo

[...]

Tristonha amargurada
vivia jovem duquesa
junto com seu marido
na mais profunda tristeza
porque não tinha um filho
que herdasse sua riqueza.

(5)

Disse duquesa ao marido
conversando este fim:
se eu conceber, um filho
não quero ele pra mim
o diabo que tome conta
já que eu sou tão ruim!

Ào diabo ofereço
tudo que de mim nascer
não importa que conceba
ou deixe de conceber
um ente assim como eu
não presta nem pra morrer

[...]

(Barros, S.d)

O trecho da obra, traz a narrativa de uma jovem duquesa, amargurada pela ausência de um herdeiro, expressa sua tristeza ao marido. Em um momento de desespero, ela faz uma promessa peculiar oferecendo ao diabo qualquer filho que conceba, revelando seu desejo por um descendente, mas também sua aversão à maternidade, esse cordel ratifica a influência desses temas.

Outro personagem que aqui chegou através da Europa foi Roberto do Diabo, o rei normando que nasceu de uma blasfêmia de sua mãe, a qual, não podendo conceber um filho ao rei, seu marido, pediu ajuda a Satanás, no que é prontamente atendida. Roberto, ao crescer, faz todas as maldades possíveis, tornando-se um assassino frio e impiedoso, até o dia em que, atendendo a uma voz, arrepende-se e converte-se ao Cristianismo (Neves, 2018, p.17).

A citação de Neves sobre Roberto do Diabo destaca a trajetória desse personagem medieval que transcendeu as fronteiras temporais e geográficas para encontrar espaço no contexto cultural brasileiro. Logo, essa narrativa ilustra as influências medievais que moldaram o imaginário brasileiro, destacando como essas histórias continuam a ressoar e a se entrelaçar com a cultura contemporânea do país.

Ao comparar histórias de outros lugares, como lendas, contos de fadas e histórias populares da Europa, com as histórias do cordel brasileiro, podemos perceber que essas narrativas e personagens, como dragões, serpentes encantadas, príncipes corajosos e princesas,

quando chegaram ao Nordeste do Brasil, especialmente na região do Sertão, começaram a se misturar com as histórias contadas verbalmente pelos povos indígenas e africanos. Com o tempo, essas histórias passaram a ter características únicas da cultura nordestina, criando uma narrativa singular (Neves,2018).

Figura 5 - O dragão enquanto elemento representativo do imaginário europeu na Literatura de Cordel no Brasil



Fonte: Riaudel (2019).

Oliveira (2018) acredita ser possível estabelecer uma ligação entre o cordel e a prática medieval de se contar histórias nas comunidades, narrativas estas que visavam apresentar ensinamentos morais, provérbios e evidenciar normas de vida. Sendo que normalmente os narradores eram camponeses sem acesso à língua culta e que conheciam as tradições de sua comunidade.

As histórias envolvendo, por exemplo, Carlos Magno tiveram uma ampla difusão no Brasil. De acordo com Neves (2018), essas narrativas representam um dos ciclos cruciais do cordel no país. Como ilustração dessa produção, destacam-se os cordéis *Batalha de Oliveiros com Ferrabraz* e *A Prisão de Oliveiros*, ambos escritos por Leandro Gomes de Barros, os quais se consagraram como verdadeiros clássicos desse gênero literário.

Morais (2021) afirma que, ao emergir no contexto brasileiro, o cordel foi

profundamente enraizado nas regiões do nordeste do país. Essa manifestação artística possuía vínculos com as tradições lusitanas, originando-se do romanceiro peninsular. O público consumidor desse gênero era predominantemente rural, proveniente de áreas remotas e com baixo índice de alfabetização.

Para a autora, essa audiência rural, semianalfabeta, perpetuava a tradição do cordel por meio da transmissão oral, assemelhando-se, portanto, aos que, na Idade Média, ouviam as fantásticas aventuras de personagens como Rolando e Carlos Magno, recitadas pelos jograis nas feiras medievais.

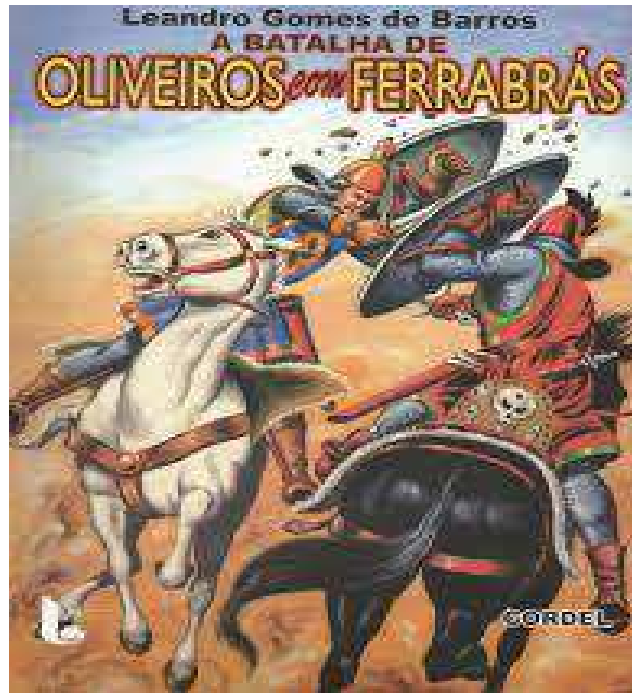
Segundo Neves (2018), a obra de Leandro Gomes de Barros *Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, apresenta em suas páginas iniciais a história de Carlos Magno e seus doze pares:

Eram doze cavaleiros
Homens muito valorosos
Destemidos e animosos
Entre todos os guerreiros
Como bem fosse Oliveiros
Um dos pares de fiança
Que sua perseverança
Venceu todos infiéis
Eram uns leões cruéis
Os doze pares de França.
(Barros, *s.d.*)

O verso destaca as virtudes ideais dos cavaleiros medievais, como coragem, lealdade e honra, enquanto narra suas aventuras em batalhas e feitos heroicos. Através desses elementos, o poema contribui para a exaltação da figura do cavaleiro e dos valores fundamentais da cavalaria na sociedade medieval.

Além de evidenciar a ligação do medieval ao presente, o poema ressalta a relevância duradoura desses temas, criando conexões entre o passado, presente e futuro. Evidenciando a influência que o medieval trouxe para os cordelistas, especialmente os primeiros produtores, que resgatavam temas e elementos característicos do período medieval. Logo, levar essa relação histórica faz-se muito relevante, pois revela como a história se relaciona com o mundo contemporâneo.

Figura 6 - Capa do cordel A batalha de Oliveiros com Ferrabrás



Fonte: Barros (2012).

Portando, a utilização do cordel como ferramenta pedagógica em sala de aula se revela altamente benéfica e eficaz por diversas razões. Primeiramente, a versatilidade desse gênero literário permite que ele seja aplicado para abordar uma ampla gama de temas, desde questões históricas até sociais e ambientais.

Para mais, através dos versos rimados e da musicalidade característica do cordel, ele captura a atenção dos alunos de forma envolvente, tornando o aprendizado mais lúdico e agradável. Os educadores têm a oportunidade de fomentar o gosto pela leitura entre os estudantes, pois os textos rimados e visualmente atrativos estimulam o interesse pela literatura.

Outro aspecto relevante é que o cordel possibilita a exploração da cultura regional brasileira, das tradições e valores que são essenciais para a compreensão da diversidade cultural do país. Além disso, o gênero frequentemente aborda temas relacionados à Idade Média, o que contribui para a ampliação do conhecimento histórico dos alunos.

Ao utilizar o cordel como recurso pedagógico, os educadores não apenas enriquecem o conteúdo das aulas, mas também promovem a valorização da cultura, incentivam a leitura e despertam o interesse dos alunos por temas variados, tornando o processo de aprendizado mais significativo e enriquecedor.

2. MULHERES CORDELISTAS: AS TRAJETÓRIAS DE RAIMUNDA FRAZÃO E JÚLIA CONSTANÇA CAMÊLO

2.1 A Presença Feminina Na Literatura de Cordel: Desafios e Conquistas

A tradição da Literatura de Cordel, que teve seu início no Nordeste brasileiro, particularmente em Salvador, continua vibrante e relevante no contexto nacional. Desde sua chegada até os dias de hoje, os cordelistas continuam a criar e recitar suas poesias com paixão. Nesse cenário, é importante destacar que as mulheres também exercem um papel fundamental na produção e perpetuação dessa expressão artística.

Silva e Santos (2023) ressaltam que Leandro Gomes de Barros é amplamente reconhecido como pioneiro da Literatura de Cordel no Brasil, tendo escrito cerca de mil folhetos proporcionando uma influência marcante sobre a Cultura Popular. Ele é venerado como um herói nesse gênero literário.

Além de Leandro Gomes de Barros, é igualmente relevante mencionar outros nomes notáveis que contribuíram significativamente para o desenvolvimento do cordel, como João Martins de Athayde⁵, Rodolfo Coelho Cavalcante⁶ e Severino Borges da Silva⁷. No entanto, é importante também reconhecer que, embora muitas vezes tenha sido negligenciada, a presença das mulheres na escrita de Cordel desempenhou um papel igualmente importante (Silva; Santos, 2023).

Elas tiveram um papel notável, enfrentando desafios consideráveis em uma sociedade que, frequentemente, as desprivilegiava. Mesmo em um tempo em que tinham espaços limitados, há exemplos de mulheres que desafiaram essas definições e contribuíram para a tradição do Cordel, como a Maria Batista Pimentel⁸ (02/08/1913 – 15/10/1994), considerada mãe do cordel:

Mulheres escrevendo cordéis parece novidade, algo contemporâneo, mas não é bem assim. Mesmo em tempos em que a mulher era criada e educada para seguir seu único destino –casar-se, cuidar dos afazeres domésticos e da família –já havia mulheres escrevendo, tentando subverter essa lógica patriarcal que oprime e reduz o feminino a todo tempo. A exemplo disso, no mundo do cordel, encontra-se a autora Maria das Neves Batista Pimentel, hoje conhecida como a mãe do cordel brasileiro, pois foi a primeira mulher a publicar folhetos, em 1938, com o cordel *O violino do diabo ou o*

⁵ João Martins de Athayde (24/07/1880 – 7/09/1959) foi escritor, poeta, cordelista e um dos autores que mais contribuíram para divulgação da Literatura de Cordel no século XX.

⁶ Rodolfo Coelho Cavalcante (1919 – 1987) foi um cordelista editor de folhetos populares brasileiro com diversas obras.

⁷ Severino Borges da Silva (1919 – 1991) foi um violeiro, poeta e cordelista, considerado um dos maiores improvisadores do Nordeste.

⁸ Maria das Neves Baptista Pimentel foi uma cordelista paraibana e a primeira mulher brasileira a publicar, em 1938.

valor da honestidade, publicado e vendido na livraria do seu pai em João Pessoa. (Silva; Santos, 2023, p.66)

Como mencionado pela autora, as mulheres encararam uma série de desafios em um período em que a sociedade era majoritariamente patriarcal, determinar um período em que essa realidade não prevalecesse é uma tarefa desafiadora. Apesar de terem enfrentado inúmeras limitações que colocavam em xeque sua legitimidade no universo da escrita, elas resistiram e produziram seus folhetos, com Maria Batista Pimentel se destacando como precursora desse movimento, tendo ousadia para se inserir no mundo literário.

Segundo Alves e Wanderley (2023), ao longo da história, a participação das mulheres na Literatura tem sido um processo gradual e desafiador. Durante muito tempo, a esfera literária esteve predominantemente dominada por homens, e o cânone literário foi moldado pela perspectiva do homem ocidental de classe média/alta, estabelecendo uma norma que, de maneira ideológica, excluiu grupos como o feminino.

Essa histórica exclusão das mulheres na esfera literária permeou também a poesia popular. Como destacado por Alves e Wanderley (2023), a luta das mulheres em conquistar um espaço na poesia popular era agravada pelo medo dos poetas de serem superados nas cantorias. Isso ocorria porque a competição entre gêneros questionava os valores tradicionais da sociedade patriarcal. A ideia de perder para uma mulher era percebida como uma ameaça à sua posição de superioridade masculina, afetando a sua autoimagem e reputação. Logo, tornava-se uma situação embaraçosa e desafiadora para o poeta, pois estava relacionada à sua identidade de gênero e ao seu prestígio dentro da comunidade poética.

Alves e Wanderley (2023) mencionam os desafios adicionais que as mulheres enfrentaram para se envolver na criação de cordéis devido à maneira como esses folhetos eram disseminados. Os cordelistas costumavam viajar pelo país com suas maletas de cordéis e recitavam seus poemas em diversos eventos, como feiras, recitais, festas tradicionais e religiosas, além de vaquejadas. Isso era problemático para as mulheres, pois, na sociedade da época, elas tinham papéis tradicionais ligados às tarefas domésticas e familiares, o que tornava praticamente impossível para elas participarem dessas atividades.

Essas dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao tentarem se estabelecer são ilustradas vividamente na trajetória de Maria Batista Pimentel, como já mencionado, considerada mãe da Literatura de Cordel. Antecipando os obstáculos que uma mulher enfrentaria ao se aventurar nesse universo, ela optou por adotar um pseudônimo masculino ao criar seus folhetos:

Percebendo que nos folhetos da época só havia nome de homens e sabendo das dificuldades que teria para romper essa barreira e colocar seus escritos na praça, espaço majoritariamente masculino, onde predominavam produções com discursos moralizantes e conservadores em que os poetas reproduziam nos folhetos os preconceitos vigentes na sociedade, rebaixando as mulheres cujo comportamento não estivesse dentro das normas estabelecidas pela moral vigente na época, Maria das Neves, utilizando das armas que tinha, rompe com um ciclo de dominação masculina no espaço da poesia popular. Diante dessa realidade, Maria das Neves opta por usar o pseudônimo Altino Alagoano, nome do seu marido (Silva; Santos, 2023 p.67).

A par das ideias mencionadas, nota-se a coragem e determinação de Maria Batista das Neves em enfrentar as barreiras impostas pelo contexto patriarcal da época. Ao escolher o pseudônimo *Altino Alagoano*, nome de seu marido, ela não apenas rompeu com o ciclo de dominação masculina no espaço da poesia popular, mas também demonstrou uma estratégia inteligente para ter suas próprias produções reconhecidas e publicadas em um ambiente predominantemente masculino e moralizante.

Segundo Silva e Santos (2023), a notável determinação de Maria Batista das Neves Pimentel (Figura 7) em enfrentar as barreiras do machismo e do patriarcado foi fundamental para quebrar a hegemonia masculina na Literatura de Cordel, abrindo caminho para outras mulheres elevarem suas vozes e promoverem o protagonismo na Literatura Popular.

Figura 7 - Maria Batista Pimentel



Fonte: Nordestinos a ler (2023). Disponível em: <https://nordestinadosaler.com.br/2021/07/maria-das-neves-batista-pimentel-a-paraibana-por-tras-do-alagoano/>. Acesso em: 26 fev.2024.

Silva e Santos (2023) afirmam que, ao longo dos anos, houve poucas mudanças significativas no cenário da Literatura Popular e do Cordel, uma vez que ainda é amplamente dominado por homens. No entanto, atualmente, já é possível identificar um número maior de mulheres que se destacam como expoentes da poética cordelística, narrando suas histórias, aspirações e aflições.

Nomes como Izabel Nascimento⁹, Salete Maria¹⁰, Jarid Araes¹¹, Dalinha Catunda¹², entre outras, estão em evidência, lutando e fortalecendo a voz da mulher cordelista em todo o país.

Desde a segunda metade do século XX, há um número significativo de mulheres atuando no universo do cordel, inclusive preenchendo cadeiras da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, a exemplo de Adriana Cordeiro Azevedo (RJ), Glória Fontes Puppim (RJ), Maria Luiza Gomes dos Santos Oliveira (RJ), Wanda Brauer (BA), Maria Anilda Figueiredo (CE), Alba Helena Corrêa (RJ), Josenir Amorim Alves de Lacerda (CE), Maria do Rosário Pinto (MA) e Maria de Lourdes Aragão Catunda (CE), conhecida como Dalinha Catunda, sendo estas duas últimas responsáveis pelo blog “Cordel de Saia”, um espaço virtual para estimular a produção de cordel por mulheres. (Alves; Wanderley, 2023, p. 18)

Como mencionado, partir da segunda metade do século XX, destacam-se conquistas significativas, como o envolvimento mais intenso de mulheres no âmbito da Literatura de Cordel e a conquista de posições na Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Percebe-se um crescente empenho das mulheres na busca por seu lugar na Literatura. Como resultado desse esforço, observa-se a atual configuração da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), agora presidida pela primeira vez por uma mulher: Paola Torres¹³.

Em 2021, durante a pandemia de COVID-19, essa instituição elegeu por unanimidade a pernambucana radicada no Ceará Paola Torres, que há nove meses havia assumido a cadeira de Moraes Moreira, cujo patrono era Manoel Monteiro. A cordelista, que também é médica e professora, tornou-se a primeira mulher presidente, sucedendo ao poeta Gonçalo Ferreira, na presidência desde a fundação da agremiação, por 32 anos. Em reportagem de Barbosa (2022) no Diário do Nordeste, a poetisa revelou que, em sua gestão, deseja fomentar e valorizar a presença e o papel da mulher na Literatura

⁹ Izabel Cristina Santana do Nascimento, nascida em Aracaju em 22 de agosto de 1979, é uma cordelista, escritora, pedagoga, poeta e radialista. Criada sob a influência do cordel, em suas obras, Izabel incorpora elementos da cultura sergipana, assim como das tradições pernambucanas, uma herança de seus pais.

¹⁰ Salete Maria da Silva, cearense, migrou para São Paulo na infância e atualmente reside na Bahia, sendo professora na Universidade Federal da Bahia. Iniciou a produção de cordéis nos anos 90 e é uma das cordelistas brasileiras mais premiadas e estudadas.

¹¹ Jarid Arraes, nascida em Juazeiro do Norte em 12 de fevereiro de 1991, é uma brasileira que atua como escritora, cordelista e poeta.

¹² Dalinha Catunda, nascida em Ipueiras, Ceará, em 28 de outubro de 1952, é uma cordelista, atualmente vive no Rio de Janeiro. Ela é membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ocupando a cadeira 25.

¹³ Paola Torres é médica, professora de medicina, escritora, cordelista, compositora e musicista. Sendo a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente da Academia de Literatura de Cordel.

de Cordel, retirando-a da categoria de coadjuvante, concedendo-lhe protagonismo. (Alves; Wanderley, 2023, p. 18)

Conforme destacado pelos autores, a ascensão à presidência é uma conquista de extrema relevância. Ser a primeira mulher a liderar essa instituição é um feito notável não apenas para Paola Torres, mas também para outras cordelistas que encontram, nesse exemplo, uma representação valiosa e inspiradora. Essa realização simboliza um avanço significativo em busca de reconhecimento e promoção da participação feminina.

A ascensão das mulheres no panorama literário é uma conquista significativa que reverbera em diversos cantos do país. No estado do Maranhão, a Literatura de Cordel é enriquecida tanto com a contribuição masculina quanto a feminina.

Nesse contexto, Raimunda Frazão nascida em 14 de março de 1951, destaca-se como uma proeminente representante desse estilo literário. Originária do interior, especificamente de Campo de Pombinhas, Cantanhede. Sua produção abrange uma ampla gama de temas que refletem temas da sociedade maranhense.

Outras mulheres maranhenses também desempenham um papel vital na produção de Literatura de Cordel no estado. Entre elas, Goreth Pereira¹⁴, que iniciou sua trajetória poética aos dez anos de idade. Proveniente de uma família humilde, filha de um pedreiro e de uma empregada doméstica, ela aborda em suas produções um tema tão relevante quanto sensível: a violência contra a mulher. Além disso, explorou a vida de uma personalidade marcante na história do Maranhão: Ana Jansen.

Jessica Cantanhede¹⁵, além de escritora de cordel, é uma multifacetada artista, atuando como cantora de rap, poetisa, contista, repentista e romancista. Entre suas produções, destaca-se um trabalho que versa sobre a Louvação ao Bumba-Boi de Pindaré.

A professora Dra. Júlia Constança Camêlo, embora não seja natural do Maranhão, contribui significativamente para a Literatura Cordelista no Estado. Originária da cidade de Buíque, no interior de Pernambuco, desde a infância teve uma imersão na Literatura de Cordel. Durante sua trajetória acadêmica, estudou esse gênero literário, focando especificamente no tema da migração nordestina para o Rio de Janeiro, buscando compreender a produção de cordel pelos migrantes. Mais tarde, decidiu contribuir para essa rica tradição, tornando-se uma cordelista com o pseudônimo: A Menina de Buíque.

¹⁴ Goreth Pereira nasceu no dia 04 de setembro de 1974, tem livros e cordéis publicados. Coordena, atualmente, o projeto Brincando com o cordel.

¹⁵ Jessica Cantanhede é uma escritora, poetisa, repentista e cantora. Nasceu no dia 11 de fevereiro de 1992. Faz parte do Sarau poético ludovicense da Academia Independente de Letras (AIL).

É gratificante observar que as mulheres têm ocupado de maneira expressiva esses espaços. Para além das autoras mencionadas, um número significativo de outras mulheres persiste em enriquecer o cenário literário com suas contribuições nesse campo tão diversificado e essencial.

Seja por meio da abordagem de temas sociais delicados, como a violência contra a mulher, ou pela exaltação de tradições culturais locais, essas autoras continuam a imprimir sua representatividade ao universo da Literatura de Cordel. A pluralidade de vozes femininas, cada qual com sua perspectiva única, contribui para a expansão e perpetuação desse patrimônio cultural.

2.2 Trajetórias e Narrativas: A vida e contribuições de Raimunda Frazão e Professora Dra. Júlia Constança Camêlo na Literatura de Cordel

No contexto da persistente luta enfrentada pelas mulheres na Literatura de Cordel, examinaremos a trajetória de vida de duas cordelistas que desempenham papéis significativos para o enriquecimento dessa tradição cultural: Raimunda Frazão e a professora Dra. Júlia Constança Camêlo

Raimunda Frazão é uma grande divulgadora e voz ativa desse gênero literário, com uma extensa produção de cordéis que abordam diversos temas, incluindo a História e Cultura Maranhense. Sua abordagem proporciona uma imersão na rica cultura e História do Maranhão, contribuindo para a preservação e difusão desse patrimônio cultural. A habilidade de Raimunda em tratar de temas variados, aliada à autenticidade de sua expressão, confere uma contribuição singular para a sociedade, promovendo a reflexão sobre questões relevantes.

A professora Dr. Júlia Constança Camêlo, por sua vez, fortalece a Literatura de Cordel no campo acadêmico com importantes trabalhos, como artigos científicos, livros, debates universitários, projetos, oficinas e também, com sua própria produção literária em Cordel, que contribui para a sociedade ao enriquecer o conhecimento e a compreensão sobre esse gênero literário.

A decisão de entrevistar essas mulheres foi motivada por razões específicas. Optou-se por entrevistar Raimunda Frazão devido ao seu reconhecimento como a cordelista mais destacada do estado, além de sua extensa produção. No caso de Júlia Constança, a escolha foi influenciada pela proximidade na Universidade, onde atua como professora, e também por seu amplo conhecimento teórico e prático da Literatura de Cordel.

A análise das trajetórias de Raimunda Frazão e Júlia Constança Camêlo foi realizada por meio de entrevistas do tipo história oral de vida, um método que, conforme

delineado por Meihy e Holanda (2010), concentra-se na experiência individual, privilegiando o indivíduo. Essas entrevistas oferecem uma perspectiva única sobre as vivências e contribuições dessas mulheres.

Para a condução deste trabalho, optamos pela abordagem semiestruturada, por permitir a adaptação das perguntas conforme a dinâmica das repostas. De acordo com Flick (2004), esse método de planejamento permite um diálogo flexível, o que é vantajoso para permitir que o entrevistado expresse suas perspectivas sobre o tópico em discussão.

A primeira entrevista ocorreu no dia 01/09/2023 na biblioteca Benedito Leite, um local escolhido pela entrevistada, a cordelista Raimunda Frazão, às 09h (Figura 8). Já a segunda, com Júlia Constança Camêlo, foi realizada em 17/10/2023, na residência da professora Dra. Adriana Zierer, às 10h. Ambas foram gravadas, transcritas e tiveram uma duração de 1 hora e 9 minutos.

Figura 8 - Cordelista Raimunda Frazão assinando termo de concessão de entrevista



Fonte: A autoria própria (2023).

Figura 9 - Júlia Constança Camêlo, ao fundo, reunida com os entrevistadores



Fonte: Autoria própria (2023).

Este trabalho apresentará alguns fragmentos das entrevistas, destacando pontos cruciais que contribuem para uma compreensão de temas relevantes de suas vidas como cordelistas. O conteúdo integral estará disponível para consulta no apêndice deste trabalho, proporcionando uma visão completa das informações compartilhadas pelos entrevistados.

2.2.1 Raimunda Frazão: Rainha e Negra do Cordel

Raimunda Pinheiro de Souza Frazão é uma renomada cordelista, escritora e artista plástica. Nasceu em Campo de Pombinhas, Cantanhede, Maranhão, no dia 14 de março de 1951. Possui formação acadêmica em Teatro pela Universidade Estadual do Maranhão e grau técnico em Edificações pela Escola Técnica Federal do Maranhão.

Sua vida é marcada por uma jornada de pioneirismo, educação e comprometimento com a cultura popular do cordel. Desde cedo mostrava uma inteligência acima da média e um talento para as artes literárias. Aprendeu a ler antes mesmo de entrar para a escola e entrou em contato com os grandes clássicos da literatura, como narrado em entrevista realizada concedida no dia 01 de setembro de 2023:

Naquela época, nas escolas públicas, só podia começar a estudar a partir dos sete anos e a maioria dos alunos entravam sem saber nada. Só que o meu pai gostava muito de ler e eu tinha uma tia que também gostava muito de ler, e ela tinha um poder aquisitivo maior e então comprava vários livros. Quando eu entrei na escola, com sete anos, eu já sabia ler, porque o meu pai e minha tia já tinham me alfabetizado. Inclusive, nessa época eu já lia tudo quanto era livro que tinha na casa da minha tia, sem saber quem eram os autores. Depois que eu fiquei adulta, eu fui ver que eu já tinha lido até O

retrato de Dorian Gray quando eu tinha sete anos e esse livro é literatura para adultos [...] O Retrato de Dorian Gray, Amores de um Médico, era muito livro. E depois que eu fui ver que muitos desses livros que eu lia na época, eram traduções de autores de outros países. Mas eu lia muitos romances de Machado de Assis, José de Alencar, isso com 7, 8 anos de idade (Frazão, 2023).

Como citado, Raimunda Frazão destacou-se como uma criança notavelmente habilidosa no universo da leitura. Em um ambiente familiar que valorizava profundamente essa prática, graças ao esforço dedicado de seu pai e de uma tia que compartilhavam o amor pelos livros.

Com esse patrimônio familiar e formativo, que lhe garantiu o contato com as letras desde muito cedo, não tardou para que Raimunda apresentasse talento para a escrita e logo que pode já apresentou seus próprios versos. Em uma solenidade em seu colégio, foi escolhida para declamar um poema no Dia da Bandeira. Aproveitando a oportunidade e, por iniciativa própria, apresentou versos de sua própria autoria, sendo aclamada pela comunidade escolar que assistia a apresentação:

No primeiro semestre, na escola Reunida Ribamar Pinheiro, eu sempre sentava na frente, aí a professora ia colocando as coisas para explicar para meus colegas, e como eu já sabia ler eu sempre perguntava muito. Então, quando foi no começo do segundo semestre, início de agosto, a professora me chamou dizendo para eu me preparar para que no dia 19 de novembro fizesse uma saudação à bandeira com uma poesia de Olavo Bilac. Aí eu perguntei se não poderia ser com uma minha. Quando cheguei em casa, coloquei no papel: “Tens verde, amarelo e branco, também tens azul anil, és a bandeira mais linda, bandeira do meu Brasil”. Aí no dia seguinte levei para professora, ela olhou e disse: “está muito bom, mas só quem resolve se você vai dizer essa poesia ou a do Olavo Bilac é a diretora”. Fui na Diretora e ela aprovou. Quando foi no dia da bandeira, colocaram uma mesa na porta da escola e como eu era pequena, me colocaram em cima dela. Aí eu declamei, quando terminei todo mundo bateu palma, achei que tinha agradado e continuo declamando até hoje (Frazão, 2023).

Esse episódio revela sua vocação literária e, além disso, sua autoconfiança e coragem. A iniciativa em oferecer uma alternativa à poesia de Olavo Bilac e disposição para criar uma composição original demonstram sua criatividade e determinação desde os primeiros anos de vida.

Após o pai de Raimunda ter constatado um grave problema cardíaco, ele decide retornar a Campo de Pombinhas. Lá ele imaginava estar dando mais amparo à sua família, uma vez que, caso não pudesse mais ser o provedor da família, sua mulher e filhos poderiam ser ajudados por familiares que moravam na região.

No entanto, essa mudança significou desafios educacionais para os irmãos mais novos de Raimunda, interrompendo temporariamente seus estudos. Raimunda, que nessa época já havia terminado seu ensino primário, demonstrou sua firmeza de vontade e, então com treze anos, aceitou o desafio de seu pai e se tornou professora em uma escolinha que ele construiu,

assegurando que seus irmãos e membros da comunidade não ficassem desamparados intelectualmente e tivessem uma formação educacional:

Então nós voltamos para Campo de Pombinhas onde não tinha escola nenhuma, porém eu já tinha terminado o primário. Quando nós chegamos lá, meu pai me falou tudo que ele ia fazer e tudo que ele queria que eu fizesse e perguntava se eu aceitava. E tudo que eu fazia nunca era porque fulano queria que eu fizesse, sempre eu fiz aquilo porque eu queria fazer, eu ficava no comércio porque eu queria ficar, eu ia pra escola e ficava na fileira da frente porque eu queria ficar, comigo sempre foi assim [...] Nós voltamos pro interior e meu pai disse assim: “minha filha, eu vou fazer uma casa pra você dar aula pros seus irmãos, pra eles não ficarem atrasados”. Então ele fez uma escolinha onde eu dava aula pros meus irmãos e para as pessoas da comunidade. [...] eu tinha uns treze anos. Eu dava aula para meus irmãos mais novos, para as pessoas da comunidade que não sabiam nada e até gente bem idosa que ia pra escola. (Frazão, 2023).

É notável, nesse trecho, a ênfase dada à educação na família de Raimunda, junto com a consciência de seu pai sobre a necessidade de proporcionar oportunidades educacionais, mesmo em um contexto rural carente delas. Esse comprometimento se manifestou na construção de um espaço onde ela assumiu o papel de educadora na comunidade.

Em 1969, seu pai com esforço e sacrifício, viabilizou a mudança de Raimunda e sua irmã para São Mateus, para estudarem no Ginásio Bandeirante, no início da década de 1970. Lá, além de estudar e cuidar de sua irmã, ainda trabalhou em uma quitanda que seu pai montou na cidade.

Por conta de suas altas notas e desempenho escolar exemplar, conseguiu uma de três vagas para a Escola Técnica, que ficava em São Luís do Maranhão. Assim, após grande esforço de sua família Raimunda se mudou para a capital do estado. Dessa forma, em 1973, Raimunda Frazão dava início ao curso técnico em edificações, na primeira turma dessa instituição a aceitar mulheres: “éramos 6 mulheres e 36 homens”, como a própria afirma ao ser entrevistada para esse trabalho:

A Escola Técnica Federal aqui do Maranhão deu três vagas para cada Ginásio Bandeirante do interior, onde as pessoas já iam estudar lá sem precisar fazer prova, a vaga já era garantida. Naquele tempo a seleção na Escola Técnica era muito difícil, mas eu vim pra umas dessas vagas, isso em março de 1973. O primeiro ano que aceitou mulheres foi só no curso de química em 1972. Eu entrei em 1973 na primeira turma do curso de edificações que aceitou mulheres, no total nós éramos 6 mulheres e 36 homens. Quando meu pai viu que eu tinha ganho a vaga, ele disse assim: “não posso deixar minha filha perder a vaga, minha filha quer ir pra São Luís? eu vou conseguir uma casa pra colocar você e sua irmã”. (Frazão, 2023)

Esse trecho da entrevista relata um contexto desafiador em relação às oportunidades educacionais para as mulheres, evidenciado pelo fato de que o primeiro ano a aceitar mulheres foi 1972, mais especificamente no Curso de Química. Dessa fala, depreende-se que Frazão foi pioneira em ocupar espaços historicamente reservados aos homens.

Já em 1975, fez concurso e passou em um processo seletivo para suprimento de vagas para trabalhar nos Correios. Mais uma vez foi pioneira: “Em 1975, foi o primeiro concurso público que eles lançaram, eu me inscrevi, participei e passei. Entrei lá e trabalhei por 26 anos e em 2001 pedi as contas e saí para fazer um trabalho comunitário” (Raimunda Frazão).

Em 2001, ainda casada (hoje viúva), Raimunda se aposentou dos correios para se dedicar integralmente a um projeto voluntário que estabelecera, juntamente com seu esposo, na década de 1990 em São José de Ribamar. A ONG se chamava Movimento Ecológico Regional de Saúde com a Arte e oferecia várias atividades de ensino, arte e ofícios diversos.

A iniciativa começou em sua própria casa, oferecendo aulas de reforço para crianças. Ao longo dos anos, o trabalho voluntário expandiu-se e passou a oferecer para as crianças da comunidade, além do reforço escolar, instrução em serigrafia, fotografia, dentre outros. Para os pais ofereciam cursos de instalações elétricas e hidráulicas para pequenas construções.

Em 2007, após o falecimento do marido, Raimunda continuou a conduzir a iniciativa sozinha até 2010, quando decidiu dissolver a ONG devido aos desafios que surgiram após o falecimento de seu companheiro. O prédio em que funcionava o projeto foi doado à Prefeitura de São José de Ribamar em 2011 e hoje não existe mais. No entanto, seu compromisso com a comunidade e a obra voluntária continua firme:

Eu resolvi trabalhar como voluntária porque eu quis mesmo. Em 2001, eu ainda era casada, eu hoje sou viúva, e nós tínhamos fundado um trabalho comunitário lá em São José dos Índios - Ribamar, desde 92, desde o ano que nós chegamos lá. Era chamado Movimento Ecológico Regional de Saúde com a Arte. Esse trabalho começou na nossa casa, a gente dava aula de reforço para as crianças, porque quando nós chegamos lá, descobrimos que no colégio público os meninos ficavam brincando na praça e as professoras ficavam jogando baralho na sala, porque não tinha energia e elas também não recebiam o giz. Então meu esposo ainda arrumou as instalações, ele era eletricitista, ajudou de alguma forma e disse: “nós vamos botar uma ajuda aqui pra esses meninos, pra eles não ficarem só brincando na praça. Então os meninos que estão escritos na escola pública de manhã vêm pra cá de tarde, e os alunos que estão escritos pela tarde, vem pra cá pela manhã”. Eu contratei uma professora para dar aula pra eles, porque eu trabalhava no Correios e não tinha como ficar lá. O meu esposo administrava os trabalhos, a gente fornecia um lanche para os meninos de cada turma, dava aula de reforço, ensinava alguma coisa de serigrafia, fotografia. A gente também ensinava para os pais instalações elétricas e instalação hidráulica para pequenas construções, porque se eles fossem fazer na casa deles não precisariam pagar alguém pra fazer. [...] Então eu pedi as contas, pedir aposentadoria proporcional, porque eu ainda não tinha tempo suficiente de serviço e fui trabalhar com ele na comunidade. Só que em 2007 ele faleceu e eu fiquei até 2010, mas estava muito complicado pra levar tudo sozinha, e então eu resolvi dissolver a ONG, conversei com o pessoal da diretoria, que eram amigos nossos aqui de São Luís. Demos baixa na ONG e doamos o prédio para a Prefeitura de São José de Ribamar, passado tudo em cartório, em 2011. Porém deixaram se acabar tudo, acho que até o chão não existe mais. Como o meu propósito era trabalhar como voluntária, não fiz acordo com prefeito, só fiz acordo com Deus, então eu continuei como voluntária e graças a Deus tá tudo bem (Frazão, 2023).

Como pode ser analisado, Raimunda Frazão, movida por um profundo senso de responsabilidade social, escolheu direcionar sua experiência e habilidades para causas comunitárias. Assim, a decisão de pedir as contas e embarcar nessa jornada revela sua paixão pelo bem-estar da comunidade, e sua capacidade única de se unir a um compromisso mais amplo com o serviço à sociedade.

A força de vontade e iniciativa demonstrados desde a primeira infância, junto com o apreço pela leitura e a educação formal garantida, com muitos desafios, por seus pais fez com que a trajetória de Raimunda fosse marcada por mudanças e contato com diferentes regiões e comunidades maranhense.

As dificuldades dos povos que encontrou nessas diferentes cidades que morou, os desafios que tiveram que ser superados por sua família para que ela e seus irmãos pudessem estudar - que fez até mesmo a própria Raimunda ser transformada precocemente em professora de seus familiares e comunidade - produziu nela um olhar crítico pra realidade que gerou uma autora consciente e uma literatura engajada em causas sociais. Conforme ela mesma explica ao falar um pouco de seu processo criativo:

Eu faço o seguinte: faço a pesquisa sobre determinado tema e então vejo se aquilo vai ser útil de alguma forma para a sociedade. Eu gosto mais de fazer trabalhos que tenham alguma finalidade social, porque só escrever por escrever eu acho que não faz muito sentido. O João do Vale eu participei de um concurso de cordel e aí resolvi escrever um pouco sobre João do vale e fui premiada em 1º lugar. A prefeitura tinha prometido editar o cordel pela editora, não editou, eu editei por minha conta [...]. É mais a preocupação social. Eu tento fazer de acordo que sirva para alguma coisa, por exemplo, esse livro aqui - Preconceito secreto e grito da natureza - eu o publiquei no ano passado, mas ele estava escrito desde 2006. Eu tenho muitas poesias sobre o meio ambiente. Esse aqui era pra eu trabalhar com ele lá na escolinha onde eu trabalhava, vou cantar aqui um trecho dele pra vocês. “Ouço o soluço do rio, que continua a chorar. As matas de suas margens continuam a devastar. As matas de suas margens continuam a devastar. O rio chora e soluça sua água vai embora as areias do seu leito estão ficando de fora. As areias do seu leito estão ficando de fora. A mata desesperada chora e soluça também. Está sendo liquidada, o homem não se contém. Está sendo liquidada o homem não se contém. O homem já foi à Lua e quer ir a Marte também. Mas não sabe preservar a natureza que tem. Não vê que se morre o rio a gente morre também” (Frazão, 2023).

Assim, a autora se dedica a explorar várias questões sociais em seus cordéis. Não só aquelas que atingem diretamente o povo maranhense, mas, também, questões de cunho geral, como o meio ambiente, conforme trecho citado acima, educação, desigualdade social e questões relacionadas a situação da mulher na sociedade e violência:

em mulheres e profissões eu falo de cada profissão. Esse aqui - Mulher símbolo de amor e fé - toda festa que eu passo eles convidam para eu declamar essa poesia. Toda festa de 2015 para cá, o pessoal da Polícia e da Casa da Mulher Brasileira pede essa poesia aqui. O título do cordel é: Não ao feminicídio, ao suicídio e a violência. O cordel tem três poesias diferentes, eu vou ler a primeira que se chama Não ao feminicídio: “É o feminicídio nos tirando a paz. Não dá pra entender o homem faz. Se todos nascemos de uma mulher. Porque tanto ódio ou falta de fé. Se ela declara não

te quer mais. Procure outro amor e a deixe em paz. Se você por ela já não sente amor. Deixe-a ir embora, ou vai por favor. Todo ser humano tem direito à vida. Ela pra você já foi pessoa querida. Se ela te desgosta é só a deixar. Pede forças a Deus para perdoar. Não pense que o crime possa resolver. Só vai gerar dores e muito sofrer. Se tiverem filhos quão abalado vai. Sabendo a mãe morta pelo próprio pai. Se depois do crime tua vida tirar. Pensando com um ato tudo liquidar. A tua condição só vai piorar. Por mais uma culpa terás que pagar. O filho terá tristeza na vida. Um pai criminoso e também suicida. Feliz na chegada, triste na partida. Só misericórdia de Deus em outra vida” (Frazão, 2023).

Dessa forma, os seus cordéis vão além da expressão pessoal, assumindo um papel significativo na promoção de reflexão e transformação na sociedade. Suas obras não apenas narram histórias, mas também estimulam a consciência social e ambiental, demonstrando o poder da Literatura de Cordel como um veículo de mudança e conscientização.

No entanto, as questões sociais não são a única temática explorada pela autora. Uma das temáticas mais presentes na obra de Raimunda Frazão é o próprio Maranhão e seu povo. Toda a experiência e conhecimento popular acumulados ao longo dos anos, tanto no interior como na capital, serviram de base intelectual para a sua produção literária voltada para a cultura, memória do povo maranhense:

Esse aqui São Raimundo Nonato dos Mulundus, cordel um santo do Maranhão, ele fala do festejo de São Raimundo. Esse aqui em homenagem a Negro Cosme. Esse aqui em homenagem ao Miolo do boi. Esse aqui - Tempo de Guarnicê - fala de todas brincadeiras folclóricas do Maranhão. Esse sobre a cidade de São Mateus do Maranhão. Esse sobre a cidade de Cantanhede- MA. Esse aqui sobre São José de Ribamar - MA. Esse aqui a cidade de Raposa em Cordel. Esse aqui falando do Quebra Pote, esse caso aconteceu real mesmo lá no Quebra Pote. O finalzinho dele diz assim: “foi uma história real, ninguém deve duvidar, o dia em que a jumenta fez a noiva desmaiar, e o jumento feroso botou o noivo pra rodar”. Esse aqui foi em 2020 que eu escrevi ele, mas só que o acontecimento foi bem antes. Esse aqui sobre os 409 anos de São Luís. Todo aniversário de São Luís, quando é mais ou menos dia 06 eu faço uma poesia em homenagem a São Luís e já deixo no jornal e ele pública. Porém esses tempos eu não tenho feito, mas eu fazia todo ano, tanto que nesse livro - Sol luar brisa e mar - tem vários sobre o aniversário de São Luís. Esse aqui, Maria Firmina. Esse aqui é sobre a viagem de uma romaria de São Mateus até Canindé no Ceará. Esse aqui fala dos idosos. Esse aqui foi um concurso de poesia que teve em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Cohab, onde eu consegui o 1º lugar também, e o tema era assim: “este cordel teve como origem a poesia - Maria de sempre - vencedora do 1º festival de poesia da paróquia de nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro da Cohab, São Luís - Maranhão, em 2017. O tema era Maria exemplo de ser mulher, aí eu fui falando de cada mulher. [...] Aí em mulheres e profissões eu falo de cada profissão. Esse aqui - Mulher símbolo de amor e fé - toda festa que eu passo eles convidam para eu declamar essa poesia. Toda festa de 2015 para cá, o pessoal da Polícia e da Casa da Mulher Brasileira pede essa poesia aqui. (Frazão, 2023).

Portanto, como pode ser visto no trecho citado, a escrita de Raimunda Frazão se entrelaça com a História e Cultura Maranhense, visto que ela resgata e propaga saberes da região, com a utilização da linguagem acessível e repleta de rimas da Literatura de Cordel.

O engajamento pela cultura popular de seu estado levou a cordelista Raimunda para embates mais institucionais. Por volta de 2010, um grupo de autores e representantes culturais,

do qual Raimunda fazia parte, encamparam uma luta pelo reconhecimento do cordel como Patrimônio Imaterial do Brasil, por parte do IPHAN.

Com Moizés Nobre¹⁶ realizando pesquisas no interior para documentar os cordelistas locais, enquanto Raimunda e Paulinho Nó Cego¹⁷ lideravam as pesquisas e as negociações com o IPHAN na capital, em 2015, finalmente o IPHAN iniciou o levantamento e registro dos trabalhos e nomes dos cordelistas do interior do Maranhão. O resultado desse esforço conjunto foi a oficialização do cordel como Patrimônio Imaterial do Brasil em 2018.

Assim, D. Raimunda não apenas desempenhou um papel vital nesse processo histórico, mas também participou de uma seletiva para se tornar Mestre do cordel no Maranhão, onde foi a única mulher a alcançar a pontuação máxima. Embora tenha também competido a nível nacional, uma questão documental a desclassificou, uma decisão que ela aceitou com tranquilidade.

A partir de 2018, a cordelista passou a ser convidada por diversas escolas públicas e particulares, tanto municipais ou estaduais, para compartilhar sua experiência com o cordel. Embora recuse dar oficinas por falta de formação acadêmica específica, ela visita escolas para apresentar seu trabalho e contar sua história, inspirando alunos a explorarem o universo encantador do cordel:

Eles dizem para fazer oficinas de cordel, mas eu digo: “olha eu não vou dar oficina de cordel porque eu não tenho estudo na área de letras e nem na área de jornalismo, então vocês peçam para professora de português aqui da escola pesquisar lá no google e fazer a aula dela. O que eu posso fazer é mostrar o meu trabalho e dizer como eu faço, mas isso não é uma aula de cordel”. Eu sei dizer como que faz, mas eu não vou chegar na escola e ir fazer uma coisa que eu não tenho uma graduação nessa área. Eu vou nas escolas e todos me recebem muito bem e tem muitas escolas que já estão com alunos que já escreveram cordéis. (Frazão, 2023).

Essa declaração reflete o reconhecimento conquistado por Raimunda Frazão. Embora frequentemente solicitada para ministrar oficinas, sua principal dedicação se volta à divulgação de sua própria obra, uma ação oportunamente propícia para estimular outras pessoas a se envolverem na escrita de cordel.

Atualmente, Raimunda é uma das maiores cordelistas femininas do Maranhão. Apesar, de não se enxergar dessa maneira, o reconhecimento que conquistou ao longo do tempo é inegável. Dessa maneira, é importante que sua trajetória seja registrada, pois sua obra faz parte da tradição cultural maranhense. Obras assim, se constituem em patrimônio rico que

¹⁶ Moizés Nobre é um artista popular, ator e cordelista maranhense.

¹⁷ Paulinho No Cego é jornalista, compositor e cordelista, nascido em Pedreiras-Ma.

necessitam de ser preservados na memória coletiva, porque por si só são parte integrante da história do estado e das tradições de seu povo.

Além de ter ganhado diversos prêmios, inclusive pelas fotografias que fazem parte de suas obras literárias, D. Raimunda tem participado de viagens a outros países para levar consigo sua arte e apresentá-la para outros povos, inclusive como parte de seu projeto Poesia e Movimento.

Eu tenho um 1º lugar com o cordel João do Vale em Cordel, tenho um 1º lugar com a História do Náutico em Cordel, tenho um 1º lugar com Gentil Braga em Cordel. Tenho um 1º lugar com Maria de sempre em Cordel. Com o livro Aventuras de um Cachorro Viajante eu participei de uma coletânea em homenagem aos 500 anos do Brasil onde eu mandei o conto [...] E eu sou fotógrafa também, inclusive as fotos das capas dos meus livros são feitas todas por mim. [...] E eu já tenho seis prêmios de fotografia. Eu declamei em Angola, participei da 1º Bienal de Luanda pela Cultura da Paz. Eu não estava convidada, fui por conta própria, mas no aeroporto me deram o convite e então participei e todos eles gostaram. O nome da poesia é Grito por paz, está no livro Lugares e Momentos, é a primeira poesia do livro. Eu já fui em Roma, mas não vi o papa, porque na quarta-feira eu estava esperando na fila e o papa estava gripado e não apareceu. Mas na fila tinham pessoas brasileiras, aí a gente conversando, papo vai papo vem, eu declamei uma poesia, eles gostaram, bateram palma, isso em 2018. As pessoas de outros idiomas, que estavam lá, pediram para alguém traduzir para o inglês, aí traduziram para inglês, eu declamei mais uma poesia, porque a fila era muito grande e foram aparecendo outras pessoas para traduzir. (Frazão, 2023).

Estes prêmios evidenciam a habilidade artística de Raimunda Frazão e a variedade de temas que ela abraça em seus cordéis, abrangendo desde figuras locais até narrativas específicas, como exemplificado em sua obra *História do Náutico em Cordel*.

História do Náutico em Cordel

[..]

Náutico Atlético Cearense
É o nome oficial
Deste club que também
É um lindo cartão postal,
Lá na praia do Meireles
É uma beleza real

[..]

Sediado em Fortaleza
Uma cidade altaneira,
Que tem Dragão do Mar
E a Praça do Ferreira,
Tem o Mercado Central
Confecção de primeira.

[..]

Vôlei, Tênis e Futsal,
Hidroginástica então,
Musculação, Basquete,
Ginástica e Natação,
Tudo tem para a saúde
Também para diversão

[..]

Esse Clube genuíno

Um club hospitaleiro,
 Um club hospitaleiro,
 Recebe bem cearenses
 Gente do Brasil inteiro
 Trata com cordialidade
 Viajor do estrangeiro.
 [...]
 (Frazão, 2019)

Para mais essa presença em eventos e outros países é um testemunho da importância que desempenha como cordelista, contribuindo de forma significativa para a preservação e a evolução da tradição da Literatura de Cordel.

A trajetória de Raimunda Frazão é marcada por desafios superados com iniciativa e coragem. A leitura e a curiosidade intelectual fizeram parte de seu mundo desde cedo. Com uma mente afiada e estímulo dos seus pais, se dedicou as artes literárias como escritora e cordelista, mas não só isso: é uma grande contadora, declamadora e, também, fotógrafa.

Raimunda oferece uma História de resiliência, empoderamento e celebração da própria identidade. Sua recusa em se curvar diante de qualquer pessoa demonstra a determinação de não permitir que imposições sociais preconceituosas influenciem suas ações:

E tudo que eu fazia nunca era porque fulano queria que eu fizesse, sempre eu fiz aquilo porque eu queria fazer, eu ficava no comércio porque eu queria ficar, eu ia pra escola e ficava na fileira da frente porque eu queria ficar, comigo sempre foi assim. Posso dizer que sou uma pessoa muito feliz e dou graças a deus, porque preta, pobre, nascida no interior nunca abaixei a cabeça pra ninguém e sempre fiz o que eu quis. (Frazão, 2023)

A autora constitui-se, portanto, uma personalidade maranhense de grande importância na cultura popular do estado. Com maestria, conquistou reconhecimento como artista, uma mulher preta e nascida no interior, que nunca se curvou diante das adversidades, moldando sua própria jornada com determinação e iniciativa.

2.2.2 Júlia Constança Camêlo: A Menina de Buíque

Júlia Constança Pereira Camêlo é nascida no interior de Pernambuco, na cidade de Buíque, em 1967. Desde cedo se interessou pela Literatura de Cordel e pela cultura popular; sendo, inclusive, uma de suas áreas de atuação como professora na Universidade Estadual do Maranhão, cargo que ocupa atualmente.

Desde o início de seu letramento e começo da vida escolar, o cordel já estava presente em sua vida. Não só o cordel, mas um variado conjunto de expressões da cultura popular como a música, a cantoria e o repente. Esse contato logo cedo com a Literatura de

Cordel e outros ramos artísticos foram importantes para despertar nela o interesse pela leitura, o que a ajudou em seu processo de aprendizado da leitura:

Como que a Literatura de Cordel começou a fazer parte da minha vida? Desde a infância. Eu nasci em um ambiente rural, na década de 60 a gente vivia em uma área rural, onde o acesso à cultura e à informação era bem restrito. Não era uma sociedade tão letrada, mas a região onde a gente nasceu tinha escola, já tinha esse cuidado de alfabetização. Mas, o acesso à literatura e à informação era muito restrito mesmo. Por exemplo, o rádio era o meio de informação mais presente naquele momento, então ouvia-se música, principalmente o forró e a cantoria, que a cantoria estava presente também naquela realidade em que eu nasci porque apareciam os repentistas, que eram os violeiros que a gente chamava. Então alguém da área gostava e chamava e às vezes eles iam passando e combinavam: “de noite eu passo na casa de fulano, vai na casa de fulano que vai ter uma cantoria”. Ou então, eles eram encontrados na cidade e eram levados pro sítio. Então, essa presença da cantoria, eu também tive na minha infância. Depois veio a radiola que tocava os discos. E o meu tio comprou uma radiola e passou a comprar discos de repentistas também e a Literatura de Cordel já acontecia porque meu pai ia pra feira aos sábados e quando ele voltava da feira, sobrava alguns trocados e ele comprava um folheto e trazia para ser lido em casa. Quando essa literatura chegava em casa, a minha irmã mais velha, ela era professora do Mobral, então ela lia melhor. Então se reuniam todos que estavam por ali e ela lia. Eu era criança, analfabeta e nem queria ir pra escola mesmo, porque a escola era um lugar meio estranho para mim. Eu gostava muito das histórias e um dia eu pedi pra minha irmã ler para mim e ela disse: “Não, lê tu”. Aí começou uma discussão e foi quando eu entendi a importância da leitura. Eu não sabia ler, mas eu entendi que se eu aprender a ler eu vou ler o meu cordel. A partir dali eu comecei a me interessar por leitura. Então a Literatura de Cordel pra mim foi essa questão do despertar para aprender a ler (Camêlo,2023).

A Literatura de Cordel, portanto, desempenhou um papel transformador na vida de Júlia Constança, motivando-a a buscar a alfabetização. Desta forma, a experiência que a professora compartilhou enriquece o valor da cultura nordestina e ilustra seu potencial no desenvolvimento pessoal e educacional.

A trajetória de Júlia Constança, narrada em sua entrevista, revela um percurso marcado por mudanças significativas e a busca pelo entendimento de sua própria identidade cultural. Sua infância é descrita como uma fase de liberdade em um ambiente rural, onde sua vida era dedicada aos animais e à natureza.

Ela se identifica como uma criança "do mato", destacando sua afinidade com o ambiente natural e sua grande liberdade em ser criança. Fato que contrastava com os momentos mais restritivos que eram vivenciados na escola:

Eu era uma criança muito livre em um espaço rural onde a minha vida era voltada para os animais, tinha um jumento que andava nele, eu era muito “do mato” de ficar no mato. Então quando a gente ia pra escola era um momento mais preso, mais fechado e naquelas horas a gente tinha que ficar mais parada e também eu acho que eu era uma menina um pouco hiperativa [...], mas aí eu me interessei pela escola e a escola passou a ser para mim um lugar muito bom porque eu aprendi a ler rapidamente e isso mudou a minha relação com a escola [...] Eu atribuo a presença do cordel na minha realidade, da casa do meu tio que ouvia-se cantorias na vitrola e alguém ficava

lendo cordel. E eu atribuo a Literatura de Cordel porque foi onde eu vi sentido em aprender a ler (Camêlo,2023).

A partir do momento em que aprende a ler, como mencionado, a sua relação com a escola muda, nesse momento a Literatura de Cordel já está presente em sua vida e exerce papel importante em sua formação intelectual.

Aos treze anos, ela deixa a região do sertão de Pernambuco e muda-se para São Paulo. Nesse novo cenário, ela vivencia um ensino fundamental e médio, ampliando suas experiências de aprendizagem. Porém, a Literatura de Cordel, elemento chave da sua identidade cultural até ali, deixa de fazer parte de seu cotidiano.

No entanto, o cordel e a cultura popular nordestina logo voltariam a ser parte integrante de sua vida e trajetória formativa. Aos 18 anos, muda-se para o Maranhão e, ao fazer o vestibular e ser aprovada, ingressa no curso de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), na capital do estado, São Luís.

Durante a graduação, a entrevistada é motivada a explorar e pesquisar o universo da cultura popular nordestina, mais notadamente: a Literatura de Cordel. Isso nada mais, nada menos é do que uma retomada daquela sociabilidade na casa de seu tio, um espaço cultural onde a leitura de cordel, as conversas e as vitrolas desempenhavam um papel fundamental.

Naquele tempo, em meados da década de 1990, o curso de História da UFMA ainda estava implementando suas diretrizes para trabalhos de conclusão de curso. Sendo assim, existia um vazio de trabalhos acadêmicos produzidos na instituição e, sobretudo, discussões sobre História Cultural eram incipientes. Mesmo com essas limitações e dificuldades, sob orientação da professora Sônia Lino, resolve produzir uma monografia em que o tema é a Literatura de Cordel:

aos treze anos eu saio dessa região do sertão de Pernambuco e vou morar em São Paulo, na zona norte no bairro de Santana. Lá eu faço o meu ensino fundamental que é o 6º, 7º, 8º e 1º ano do ensino médio. Nessa realidade de São Paulo eu fui viver outras aprendizagens. A Literatura de Cordel não estava mais presente naquela época. De lá eu migro para o Maranhão, aos 18 anos, na região de Balsas. Depois em 93 eu passo no vestibular para fazer o curso de História, então eu tive que vir de Balsas para São Luís para fazer o curso. Quando eu cheguei aqui eu conheci uma professora do Rio de Janeiro que era do Departamento de História, o nome dela era Sônia Lino. A gente gostava muito de conversar e eu dizia pra ela que eu tinha vontade de falar um pouco do que era essa nossa sociabilidade, de como havia na casa do meu tio o que eu chamava de espaço cultural, porque tinha a leitura de Cordel, tinha as conversas paralelas e tinham as vitrolas onde eles ficavam ouvindo e tinha aquele momento onde as crianças ficavam brincando. Então a casa do meu tio também tinha uma outra característica que era além de ser um espaço cultural era um espaço onde a gente convivia muito com os primos. Eu sempre conversava com ela sobre isso, então ela disse: “Júlia, porque tu não faz a tua monografia sobre Literatura de Cordel?”. Eu disse: “Mas professora, a Literatura de Cordel?” Cultura essas coisas, as discussões na UFMA naquele momento não passavam por isso. A monografia era recém

implantada no curso, aliás a primeira monografia do curso de História [...] A discussão sobre História Cultural era muito superficial, mas o professor Washington já tinha tido um contato, na disciplina de metodologia a gente já leu Chartier e Ginzburg. Então o professor já tinha tido contato com essa literatura da História Cultural. Só que a Sônia vai até o Rio de Janeiro e lá ela pega uma dissertação sobre migrante e Literatura de Cordel, me orienta e eu faço a minha monografia sobre Literatura de Cordel (Camêlo,2023).

Portanto, a entrevistada destaca como as suas experiências pessoais e a Literatura de Cordel desempenharam um papel crucial em sua formação acadêmica e no desenvolvimento da pesquisa cultural. Esse relato demonstra que os aspectos regionais podem se tornar temas relevantes para o desenvolvimento educacional e cultural em um contexto mais amplo.

A sua escolha em focar sua monografia nessa expressão artística reflete não apenas seu apreço pessoal por essa expressão cultural, mas também sua vontade de dar voz a uma sociabilidade rica e peculiar, presente desde sua infância na casa de seu tio, em Buíque, no sertão de Pernambuco. A cultura popular é um tema importante não só na formação de sua identidade, mas, também, na delimitação de sua atuação dentro da academia.

Assim, já no fim da década de 1990, ingressa no mestrado e continua pesquisando a Literatura de Cordel, chegando até mesmo a publicar livro sobre o tema de sua dissertação, intitulado - *O cordel e o Migrante Nordestino: Companheiros de Viagem*, que serve como base teórica para outros trabalhos acadêmicos que versem sobre a mesma temática:

A graduação eu terminei em 96. Nós já estávamos casados, ele vai pra Assis e consegue um programa que existia na UFMA que era o Prata da Casa, através desse programa ele consegue ir para Assis, a gente vai junto, e eu passo no programa deles pra fazer mestrado também. Então eu dou continuidade na temática do Cordel que eu tinha começado na monografia. Lá, em Assis, eu pensei assim: “eu agora vou tentar entender a migração, como é que esse cordelista migrante chega na outra cidade”. Como eu tinha vivenciado na adolescência um movimento de migração, a minha questão foi tentar entender como o migrante se inseria produzindo as temáticas. Eu pego um grupo de poetas que viveram no Rio de Janeiro e fui fazer sobre eles. Foi influência também do material que a Sônia tinha me dado. Lá eu encontro uma biblioteca maravilhosa, na Universidade Estadual de Londrina, que tinha uma coleção de Literatura de Cordel com mais de dois mil folhetos, muito bem organizada. Foi o maior acervo que eu vi, mas eu também fui para os acervos do Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa e também fui para Santa Tereza, onde fica a academia brasileira de Literatura de Cordel, no morro de Santa Tereza, que também tem um acervo muito bom. Eu utilizei esse material para analisar. Eu analisei os folhetos de Cordel na minha dissertação (Camêlo,2023).

Como mencionado, a autora estudou um grupo específico de poetas do Rio de Janeiro, utilizando o vasto acervo da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que abrigava mais de dois mil folhetos de Literatura de Cordel. Além disso, ela ressalta a relevância dessa biblioteca e menciona a busca por materiais em outros acervos, como os da Casa de Rui Barbosa

e da academia brasileira de Literatura de Cordel em Santa Tereza, no morro de Santa Tereza, ambos com acervos significativos.

Tamanha imersão nesse gênero literário transformou Júlia Constança em uma referência de conhecimento sobre esse assunto. É importante destacar que sua pesquisa confere uma visibilidade a cultura popular dentro dos espaços de produção intelectual, que por vezes são hostis a esse tipo de expressão.

Ao trazer essa temática para discussão acadêmica, dá-se visibilidade aos produtores cordelistas que se espalham por esse país produzindo uma rica e diversificada cultura, que se constitui em manifestação distintiva das tradições populares dos povos nordestinos. Assim, conclui-se que a pesquisa de Constança, constitui-se em si mesma um valioso registro histórico dessa tradição popular e seus autores.

Porém, a pesquisadora da Literatura de Cordel não ficou apenas restrita aos textos acadêmicos e passou ela mesma a ser autora. Sua imersão nessa manifestação popular começou com a leitura constante desse gênero, impulsionada pelo seu contexto de criação em um ambiente onde o Cordel era valorizado, como já descrito acima. Posteriormente, ao redescobrir um antigo caderno de poesias, surge a ideia de transformar seus versos em cordel.

Inicialmente, planejou utilizar a sextilha, porém, como muitos outros escritores, enfrentou desafios métricos. Apesar das dificuldades iniciais, persistiu e percebeu a viabilidade da adaptação de suas poesias para o cordel:

Primeiro, eu li bastante cordel para estar fazendo os meus trabalhos, eu fui criada naquele ambiente então eu gosto. E aí, eu sempre gostei de escrever poesias na adolescência, eu reencontrei o meu caderno de poesias e disse assim: “rapaz, acho que dá pra fazer isso aqui em cordel”. Foi quando Adriana estava com a história do evento e eu resolvi fazer um cordel sobre o Antigo Medieval. E aí, eu fui lá e fiz. No primeiro momento eu pensei em fazer em sextilha, mas fiquei em algumas dificuldades com a métrica, e essa dificuldade é de todo mundo, não é só minha não. Mas, a gente tem que trabalhar bastante nessa questão da métrica. Mas, eu fui fazer e vi que dava pra fazer. Depois eu fiz um sobre São Luís que a minha ideia é o seguinte: facilitar o acesso de conteúdo de ter temáticas olhando a realidade de hoje. Se a gente escreve nesse formato você passa uma mensagem de forma mais rápido e de certa forma tem um pouco mais de atenção, porque se você demorar muito já, tanto é que a gente não pode, se a gente vai declamar um, eu não declamo, decorado, então se eu vou ler esse folheto aqui já fica um pouco cansativo para ler ele todo. O de São Luís, dependendo da plateia, ele tá longo, que eu fiz em oito páginas falando sobre São Luís. Então, esse é o segundo que eu faço sobre a temática São Luís, e depois eu tenho feito, mas sempre assim, dentro daquela linha do Bráulio Bessa, bem curto, quatro a cinco versos e pronto, desenvolvo a temática ali (Camêlo,2023).

Como pode ser analisado, a entrevistada passou a desenvolver cordéis que tivessem temáticas de fácil acesso, abordando assuntos contemporâneos de maneira direta e concisa. Assim, optou por produzir folhetos mais curtos, com menos versos, priorizando a eficácia na

comunicação e mantendo o engajamento do leitor ou ouvinte. Essa abordagem concisa reflete a influência do formato moderno de cordel, buscando transmitir mensagens de maneira rápida e impactante.

A métrica e a forma que ela concebe seus cordéis, mostra um pensamento alinhado com as tendências desse tipo de literatura para os dias atuais. Se antes, era uma narrativa heroica de eventos históricos ou de fantasia, influenciados por uma cultura europeia de narrativas clássicas, atualmente ele vem se tornando mais rápido, fluido, curto e abordando temáticas da vida cotidiana da população. Como a própria autora descreve em uma perspectiva clássica:

ela é uma tradição oral, aquelas histórias de Theodora, dos valentes, dos reis da França, que eram literaturas da Europa muito antes da chegada do europeu. Então essas histórias elas vêm, vão ser contadas e vão ficar na oralidade ali no sertão e depois elas vão ser passadas para o papel, que é quando aumenta a alfabetização no sertão. [...] Na época que a gente estava lá era algo que acontecia, era um acesso à informação. O poeta era visto como um jornalista popular. Eles tinham aquela notícia que aconteceu determinada coisa, por exemplo uma guerra, saia no rádio, alguns duvidavam, mas quando saia um cordel, era como se o cordel confirmasse os acontecimentos, porque os cordéis de acontecimentos são os que mais predominam sobre os fatos ocorridos. Dentro da classificação temática tem muita variação, então se escreve sobre tudo no formato de cordel. Então assim como hoje, aconteceu um fato, uma tragédia, fazia-se um cordel sobre aquilo. Mas o que era mais claro ali era notícia de forma barata, histórias romanceadas que tinham a luta, peleja, sofrimento, superação. E os cordelistas configuram a realidade, por exemplo, uma história de amor que não deu certo a gente percebe os valores, os elementos do medievo nessas histórias, a lealdade, o compromisso, a superação de classe. Geralmente era assim: O vaqueiro se apaixonava pela filha do fazendeiro, o fazendeiro rico, o vaqueiro não tinha nada. Como era que ele podia ousar se relacionar com a filha do fazendeiro. Era impossível, mas nesse impossível o vaqueiro conquistava. Primeiro, geralmente, ele era um vaqueiro honrado, responsável, comprometido, fiel, leal. Depois, como era que ele fazia para conseguir? Ele roubava a moça, tirava da casa dos pais. sempre tinha os coiteiros, que eram aquelas pessoas que ajudavam. [...] Então eles saíam logo se casavam e ficaram um tempo fora, enricava, o vaqueiro saia da condição dele, se igualava com o pai da moça e voltava rico. Quando ele voltava rico os pais aceitavam (Camêlo,2023).

Júlia Constança oferece uma visão detalhada sobre os cordéis do passado, destacando que além de notícias e eventos, eles abordavam histórias romanceadas que frequentemente incorporavam elementos como luta, desafio, sofrimento e superação. Essas narrativas não apenas proporcionavam entretenimento, mas também espelhavam valores da época, como lealdade, compromisso e a capacidade de superar obstáculos. A dinâmica dessas histórias reflete aspectos mais amplos da sociedade e dos valores do período, incluindo a mobilidade social e a importância da honra.

Já no trecho a seguir ela faz uma análise a respeito dos cordéis produzidos atualmente:

Eu vejo um outro momento. Isso que eu acabei de narrar pra vocês sobre essas histórias, sobre essa ideia de uma literatura clássica, que tem um romance, que tem a história do valente, essas coisas, ela meio que perde a força dentro dessa realidade atual. Então todos aqueles tipos de folhetos que inspiraram o Ariano Suassuna não estão mais sendo escritos com aquelas características. O que a gente percebe hoje? A Literatura de Cordel não está sendo escrita dentro da lógica do tamanho, já era uma coisa pequena um romance em 32 páginas, essas páginas em verso, uma história de bravura de alguém em 16 páginas. Porque a média era: o romance, que era maior - 32 páginas, uma história de bravura - 16 páginas e os de acontecimento, que eram mais rápidos ainda 8 páginas. O que está acontecendo hoje é que essa forma de desenvolver histórias está diferente, está muito pouca. Por exemplo, o Bráulio pega uma temática, desenvolve em verso na metragem da Literatura de Cordel. Ele domina bem a forma, só que ele faz de forma bem curta, que é adaptando à realidade de hoje. Então esses romances que eu citei atualmente quase não encontramos mais. Talvez há aqueles que digam: “não, um cordelista tem que ter essa marca”. Porque a história tem que ficar muito mais resumida, e aí eu estou vendo também muito mais a linha da temática, então hoje eu acho que está se configurando mais a Literatura de Cordel do que naquela época, na década de 70 (Camêlo,2023).

Júlia Constança aponta, portanto, para a Contemporaneidade, evidenciando que a Literatura de Cordel atual não segue mais essa estrutura predeterminada. Em vez disso, os cordelistas, como Bráulio Bessa¹⁸, adaptam-se à realidade atual, desenvolvendo narrativas mais curtas e condensadas. A mudança não está apenas no formato físico, mas também na abordagem das histórias, que tendem a ser mais resumidas e tematicamente focadas.

A trajetória da professora como pesquisadora e artista do cordel apresenta momentos diversos ao longo de diferentes fases de sua vida. Inicialmente, sua familiaridade com o cordel remonta à infância, quando absorvia as narrativas por meio de cantorias e folhetos. Este primeiro contato serviu como alicerce para suas futuras explorações no universo do cordel.

Em um segundo estágio, ela assume o papel de pesquisadora, aprofundando-se na compreensão da rica tradição do cordel. Esse mergulho no universo da Literatura de Cordel foi crucial para sua transição para o terceiro momento, no qual ela própria se torna uma autora de cordéis.

Por fim, a entrevistada avançou para um quarto momento, transformando-se em uma verdadeira artista do cordel. Neste estágio, ela personifica a Menina de Buíque, protagonizando apresentações e sendo reconhecida pelo Governo do Estado do Maranhão.

Dessa maneira, ela pode ser considerada um dos nomes mais importantes presente no estado do Maranhão quando o assunto é o Cordel e a Cultura Popular. Assim a própria autora narra o surgimento da Menina do Buíque:

¹⁸ Bráulio Bessa Uchoa, nascido em Alto Santo em 23 de julho de 1985, é um renomado poeta, cordelista, declamador e palestrante brasileiro. Alcançou a fama ao compartilhar vídeos na internet, dedicando-se a resgatar a tradicional Literatura de Cordel.

Sim, dentro dessa linha do cordel, que foi quando o cordel se torna patrimônio imaterial da humanidade, eu já estava trabalhando um pouco com essa questão de educação patrimonial, então eu pensei: “poxa, a Literatura de Cordel é algo que eu já conheço um pouco, então talvez dê pra gente passar essa mensagem e falar na linguagem do cordel. Então é aí que eu disse: “não, então eu vou pensar nesse sentido. Aí eu junto com um colega lá disse: “Vai sair um edital, vamos concorrer? Vamos”. Tem uma linha lá repente cordel que foi por conta dessa questão de se tornar patrimônio imaterial, e aí o governo do estado abriu essa linha patrimônio do cordel. Fomos lá. Eu fui com ele porque ele é declamador, que é o Raimundo poeta. Aí nós fomos concorrer para participar do edital. Participamos e fomos contemplados. Quando eu fui ler os cordéis que eu tinha feito, eu fui me apresentar e disse assim: “precisa de uma personagem, eu não tenho muita facilidade, eu estou muito assustada com o público, com aquela coisa toda”. O professor Washington disse: “Tem que ter um pseudônimo. Pseudônimo porque tu joga tudo lá para o pseudônimo e tu fica mais à vontade”. Então eu concordei. E eu já tinha escrito uma coisa minha de Buíque, me inscrevi com menina de Buíque e aquilo foi me dando mais coragem. Quando eu fui me apresentar com a menina de Buíque meio que tirou um pouco o peso. Mas quando eu chego lá e dizem assim: “Menina de Buíque”, eu fui e rapaz a decepção do público, porque queria uma menina, eu uma senhora de cabelo branco. Aí eu disse: “rapaz, agora ficou complicado”. E eu já tinha feito tudo com a menina de Buíque, já tinha feito cordel e eu fiquei sem saber o que fazer. Então eu resolvi melhorar mais a personagem, aí eu pensei: “Não, aquela menina, como era as senhoras daquela época que eu era menina, como elas se vestiam? Elas se vestiam assim, elas usavam saias compridas, usavam sandália, geralmente de couro, uma blusa comprida de manga e de gola e às vezes de várias cores combinadas, as mangas e a gola de um mesmo tecido e esse corpo aqui de um outro tecido, porque nem sempre o pano dava para fazer tudo, então aproveitava-se algum pedaço que existia e punha a roupa de várias cores”. Então eu penso que tem essa questão do caipira, está relacionado também com isso, com o aproveitamento de todos os tecidos que tinham, aí você fica meio multicolorido. Na cabeça, as mulheres sempre andavam de pano amarrado na cabeça, então eu peguei, amarrei um pano na cabeça e aí ficou uma senhora de Buíque. Mas eu já tinha colocado a menina de Buíque aí não virei uma senhora de Buíque. Então a menina de Buíque tem sido composta assim. Eu coloquei um pano vermelho, mas eu vou diversificar os panos e ir usando outros planos, porque o menino disse que eu estava parecendo a chapeuzinho vermelho (Camêlo,2023).

Como mencionado, a transformação de Camêlo em uma artista de cordel, adotando o pseudônimo, possibilitou que ela superasse seus receios em relação às apresentações públicas, ao mesmo tempo em que se tornou um meio para expressar suas criações literárias.

Com a Menina do Buíque, ela oferece sua contribuição para a divulgação da Cultura Popular do cordel por vários lugares no Estado do Maranhão, proporcionando, assim, acesso das pessoas a informação e inspirando possíveis novos cordelistas a continuarem com a tradição:

Outro dia a gente se apresentou no evento da ANPUH (Associação Nacional de História). Nós estamos todo ano tem a barraca do cordel lá na feira do livro, e hoje está acontecendo essa feira do livro, estamos vendendo livros e tem saraus, todo dia tem que ter a programação de apresentações, aí chamam os cordelistas que tem na cidade. Lá a gente vai encontrar as cordelistas como Raimunda Frazão, que vai lá e ler seus cordéis, a Gorete, o Rômulo, o Zé Cantanhede. Então vai se formando um grupo bom aqui nessa questão da produção e da leitura e exposição do cordel. Outro dia fomos para a academia de literatura do Anjo da Guarda e teve o 2º Sarau poético. A ideia é que essa linguagem seja colocada à disposição das pessoas, da sociedade

como um todo, não só para aprender a usar essa linguagem, mas também para disseminar, o conteúdo, as informações (Camêlo,2023).

A citação destaca a abrangência do cordel no Estado, desempenhando um papel fundamental ao proporcionar acesso à informação e inspirar potenciais novos cordelistas a continuarem a tradição. A presença constante em eventos culturais, como a feira do livro e o Sarau poético, revela o comprometimento dos cordelistas em compartilhar suas criações com o público.

Seja como pesquisadora, como autora, como artista ou divulgadora, Júlia Constança Camêlo presta um serviço importante para a manutenção das tradições relacionadas à Literatura de Cordel e outras manifestações culturais correlatas. Toda sua trajetória particular e profissional é permeada por essa cultura tradicional tão emblemática.

Considerando que começou a ler por querer ler cordéis na casa de seu tio, é interessante pensar que ela própria nos dias de hoje influencia outras pessoas a iniciarem a leitura do cordel. Portanto, fica clara a importância do cordel para sua vida, ao mesmo tempo em que ela mesma contribui para a preservação e memória dessa rica expressão artística:

Eu tinha o costume de dizer que para ler cordel, eu descobri a importância de aprender a ler, eu acredito que foi basicamente isso. Como eu quis ler cordel e eu não sabia ler, foi o momento que disse assim: “Se você souber ler, você pode ler cordel” E isso era algo que eu gostava muito, então acendeu a luz do sentido pra quê fazer tal coisa, porque talvez eu seja muito movida por isso, saber pra que a coisa para poder eu fazer. Aí eu entendi que se eu aprendesse a ler, iria ler cordel. E isso pra mim mudou muito a minha vida, inclusive eu tenho essa visão com criança. Sempre quando eu encontro uma criança, se lá diz se sabe ler ou não, eu sempre mostro pra ela a importância de saber ler. Porque às vezes a criança ainda não entendeu o motivo de aprender a ler, se para ela brincar e outras coisas é muito melhor. Então eu sempre digo para ela: “Se você aprender a ler, você vai poder fazer mil e uma coisas, por que a leitura te possibilita isso”. E eu vou mostrando para eles como é que a leitura vai abrindo os caminhos e é muito interessante como a criança de repente começa a perceber e a entender. Eu acho que foi por conta do cordel que eu tenho essa visão hoje enquanto professora, que é preciso saber pra que as coisas vão ser feitas, é preciso saber pra que que eu vou ler (Camêlo,2023).

Assim, acredita firmemente que compreender o propósito e a utilidade do ato de aprender é essencial. Não apenas para ler cordel, mas também para alcançar inúmeras outras conquistas. Essa perspectiva a motiva a compartilhar seu entusiasmo pela leitura e a enfatizar que essa habilidade pode abrir inúmeras portas. E por isso, ela se esforça para transmitir essa mensagem às crianças.

Ao longo de sua vida Camêlo, passou de uma criança imersa na riqueza da tradição do cordel em Buíque, Pernambuco, para se tornar uma artista e pesquisadora do gênero no Maranhão. Desde a infância, absorveu as histórias do cordel por meio de cantorias e folhetos, semeando a paixão que floresceria em estágios subsequentes de sua vida.

Desse primeiro contato, surgiu uma pesquisadora que se aprofundou na compreensão das nuances da Cultura Popular e da tradição do cordel. Essa imersão no conhecimento preparou o terreno para mais uma transição em sua vida: se tornou ela mesma uma autora de cordéis, em que sua expressão literária e artística se consolida como uma ferramenta para perpetuar e disseminar a riqueza cultural do cordel.

3. UM RELATO DA EXPERIÊNCIA PRÁTICA DA CULTURA POPULAR NA ESCOLA: O MARANHÃO E O MEDIEVO EM CORDÉIS

3.1 O projeto

Os cordéis, em sala de aula, revelam-se como verdadeiras ferramentas de aprendizado. Sua linguagem simples, com musicalidade, acessível e envolvente cativam os alunos e abrem portas para compreensão de diferentes aspectos culturais, históricos e literários.

A riqueza cultural do Estado do Maranhão, bem como sua História podem ganhar vida através das folhas de cordéis, além disso soma-se as tradições do Medievo que se estabelecem conexões com a contemporaneidade e que podem ser incorporados por meio de versos.

A incorporação dessa expressão literária no currículo escolar, portanto, é uma maneira de proporcionar uma experiência única de aprendizado, estimulando a imaginação e promovendo a apreciação pela diversidade cultural.

Dessa forma, dada a sua importância em ambiente escolar, este capítulo tratará da experiência prática vivenciada durante a aplicação de um projeto cultural com o seguinte tema: *Cultura Popular na Escola: o Maranhão e o Medievo em Cordéis*, aplicado na escola Centro de Ensino Maria Jose Aragão.

Ao oferecer uma abordagem prática e envolvente sobre esse projeto, aspiramos inspirar educadores, estudantes e pesquisadores a explorar novas formas de trazer a cultura popular para o centro do processo educativo. O projeto não é apenas um ponto final, mas sim um ponto de partida para inúmeras possibilidades de exploração e criação.

Dessa forma, este projeto lançou as bases para uma abordagem mais dinâmica e participativa no ensino. Ao ensejar que o cordel sirva de inspiração para futuros educadores e alunos, convidando-os a explorar o vasto mundo da cultura popular em suas próprias jornadas educativas.

Nesse sentido, através do projeto, buscamos divulgar as conexões da Cultura Maranhense e da Idade Média com a Literatura de Cordel de forma lúdica para alunos da rede básica. Ressaltamos a sua importância no Nordeste, suas aproximações com o período Medieval, onde observa-se a presença de elementos míticos da Idade Média, através da figura de dragões como o cordel *Juvenal e o Dragão*, de Leandro de Barros, príncipes e princesas e embates entre Deus e o Diabo.

Portanto, com este projeto, buscamos ampliar ou reforçar, um pouco mais, o entendimento sobre a Idade Média, sendo possível destacar elementos que foram

característicos da Literatura conhecida como Trovadorismo no período Medieval. Além disso, abordar temas sobre a História e Cultura do Maranhão.

Para orientar e direcionar o projeto, foram estabelecidos objetivos que serviram como guia ao longo de sua implementação. Estes objetivos foram cuidadosamente trabalhados ao longo do desenvolvimento do projeto, a citar:

Objetivos

Geral

- Difundir a Literatura de Cordel à comunidade escolar através da recitação e leitura de poemas relacionando com a cultura Maranhense e Medievo.

Específicos

- Incentivar o gosto pela leitura através da análise de poemas de cordel com a comunidade escolar;
- Identificar elementos do Medievo na Literatura de Cordel e sua relação com a sociedade maranhense na atualidade;
- Discutir temas da cultura maranhense (Ana Jansen, Lenda de D. Sebastião, entre outros) através da Literatura de Cordel.
- Realizar oficinas relacionando Literatura de Cordel, Idade Média e Cultura maranhense para a comunidade escolar;

3.2 Material e Método

3.2.1 Espaço de aplicação do projeto

A execução do projeto teve lugar no Centro de Ensino Maria José Aragão, localizado em São Luís, capital do estado do Maranhão. A direção da instituição é liderada pelo professor e escritor Wilson Chagas, que demonstrou entusiasmo e aceitação imediata para a implementação do projeto.

O centro de ensino, supracitado, valoriza muito as manifestações artísticas e culturais, se empenhando em ampliar as experiências dos alunos, pois tem consciência do grandioso papel que estas desempenham na formação dos estudantes.

A poesia que brota da alma do professor, poeta e gestor do CE Maria José Aragão, Wilson Chagas, revela bem a importância da escola na luta pela construção de uma sociedade melhor, que tem como base a valorização da educação, arte e cultura para o desenvolvimento de suas atividades no ambiente escolar (Maranhão, 2021).

O C. E Maria José Aragão está localizado na rua 205, unidade 205, no bairro Cidade Operária. Atua na modalidade de ensino regular, ofertando educação básica do nível médio, distribuída nos turnos matutino e vespertino (Figura 10).

Figura 10 - Fachada do C.E Maria José Aragão



Fonte: autoria própria (2021).

3.2.2 Método

Para realização do projeto, a primeira ação desenvolvida foi um levantamento bibliográfico para ampliação de conhecimento sobre a temática, seguindo com a realização de leituras para entendimento sobre a origem do cordel e sua relação com o Medievo, incluindo, também, obras sobre Idade Média e Imaginário Medieval. Além de compreender a relação entre História e Literatura.

A metodologia utilizada foi a leitura de cordéis em sala de aula. Os textos eram expostos com auxílio de um Data show, disponibilizado pela escola. A dinâmica realizada foi de leituras compartilhadas, onde cada aluno lia um verso do cordel e, posteriormente, eram feitas explanações teóricas, sempre dialogando com o texto do cordel, buscando a interação dos alunos.

3.3 Atividades realizadas e resultados

O projeto teve seu início em 02/08/2021, liderado pela aluna Ana Luiza Mendes de Vilhena. Contudo, devido a circunstâncias que inviabilizaram a continuidade de sua

participação, foi necessária a solicitação de troca de bolsista em 31/10/2021, quando coube a mim a continuidade do projeto.

A colaboração ativa da equipe, composta pela professora Júlia Constança e pelos alunos Carlos Guilherme e Marcela Rosa, aliada à orientação valiosa da professora Dr. Adriana Zierer, não apenas facilitou a transição, mas também foi vital para a expansão dos nossos conhecimentos, proporcionando valiosas indicações de obras e referências que desempenharam um papel crucial no desenvolvimento do projeto.

O aporte significativo dessas sugestões não apenas enriqueceu nossa compreensão da matéria em questão, mas também guiou e aprimorou de maneira substancial o progresso da iniciativa, com uma gama mais ampla de recursos, ampliando assim nossas perspectivas e aprofundando nosso embasamento teórico.

A princípio, buscamos aprofundar nosso conhecimento acerca dessa temática. Nos empenhamos em absorver de maneira abrangente os elementos que caracterizam a Literatura de Cordel, buscando compreender sua estrutura e estilo e também contextualizá-la em seu cenário histórico e cultural, proporcionando uma compreensão mais enriquecedora sobre essa manifestação artística tão significativa.

Posteriormente, procedemos com a apresentação da proposta à escola selecionada, onde a submetemos à apreciação do gestor, Wilson Chagas, que prontamente autorizou sua implementação. A partir disso, promovemos uma reunião com a professora Conceição, responsável pelo ensino de História para o 1º ano, escolhido estrategicamente devido ao conteúdo abordado sobre a Idade Média.

Durante a execução do projeto, a professora Conceição proporcionava um ambiente muito tranquilo, nos deixando bem à vontade. É interessante notar que, nos primeiros encontros, ela também compartilhava suas memórias de infância entrelaçadas com a cultura do cordel, devido sua origem cearense essa relação com o cordel era muito forte.

Ao narrar suas experiências pessoais, ela ressaltava o importante papel desempenhado pela Literatura de Cordel como veículo de comunicação de notícias, informações cruciais e reflexões sobre o dia a dia.

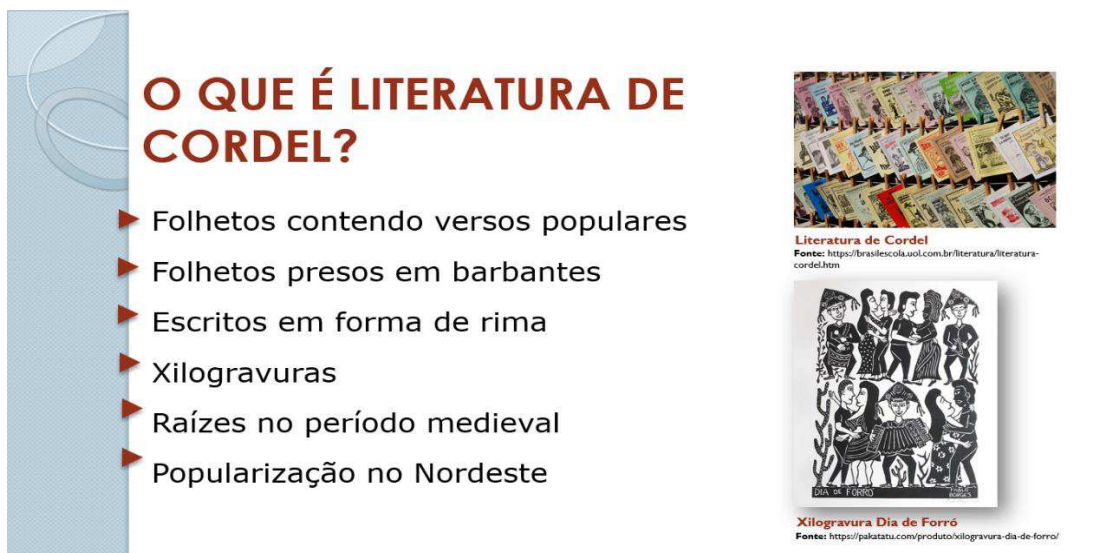
O cordel, segundo suas palavras, era mais do que apenas entretenimento: era um meio de validar e confirmar informações para a população. Quando uma notícia surgia, as pessoas aguardavam ansiosamente a narração do cordel, pois isso significava a confirmação da veracidade dos acontecimentos. Essa participação foi muito profícua pois ratificava como a cultura popular atuava na sociedade. Para além disso, a professora tinha participações pontuais durante o projeto.

A execução do projeto se deu em duas turmas distintas, designadas como 100 e 101, com os encontros programados para as quintas-feiras. Inicialmente, priorizamos uma introdução abrangente sobre a Literatura de Cordel.

Nesse contexto, promovemos discussões com os alunos sobre suas origens, suas interconexões com o período Medieval, suas influências na tradição da cantoria trovadoresca, bem como, o seu papel como fonte de renda no contexto brasileiro e sua ressignificação ao longo do tempo (figura 11).

Exploramos, também, a capacidade do cordel em servir como uma valiosa fonte histórica, carregando consigo elementos sociais e culturais que proporcionam uma perspectiva única sobre diferentes épocas e realidades.

Figura 11 - Slides utilizados em sala de aula



Fonte: autoria própria (2021).

Optamos por iniciar nossa jornada de leitura com a exploração do folheto intitulado *O que é o Cordel*, escrito pelos renomados cordelistas Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana. Este cordel mergulha nas raízes e na trajetória dessa forma literária no Brasil.

Ao descrever a origem e a chegada do cordel em terras brasileiras, os autores nos proporcionam um entendimento enriquecedor e destacam a significativa importância cultural dessa manifestação artística. Assim, exploramos as páginas desse folheto, visto que retrata diretamente as raízes e a riqueza cultural do cordel em nossa história, como pode ser analisado:

O que é cordel – Zé Maria e Arievaldo Viana

COMO CHEGOU AO BRASIL

O cordel viajou sempre
Na marcha cultural,
Conduzindo influencia
Da cultura oriental
Embora seu nome seja
De origem provençal.

Menestréis da Idade Media
Narravam grandes contendas
Batalhas de Carlos Magno
E traços de velhas lendas
Trazidas das arábias
Em originais parlendas.

O cordel sempre cresceu
Numa dimensão tamanha
Espalhou-se pela França
Em Portugal e Espanha
A existência de fatos
Lhe servindo de campanha

A viagem que Américo Vespúcio
Fez ao Brasil
Foi decantada em cordel
Trazendo alegrias mil
Narrando todos os fatos
Sem faltar virgula nem til
(Maria;Viana, *S,d*).

O poema de cordel de Zé Maria e Arievaldo Viana é uma obra que destaca a trajetória dessa forma literária, revelando suas influências e raízes culturais. Em suma, o poema ressalta a amplitude e a vitalidade do cordel como uma manifestação cultural que, ao longo de sua jornada, absorveu influências diversas, preservou tradições antigas e adaptou-se a diferentes contextos, por tais razões ele foi lido o em sala de aula com os alunos.

A fase inicial de introdução, na qual abordamos conceitos fundamentais sobre o cordel, suas características e origens, foi conduzida ao longo dos meses de novembro a dezembro, com a participação na escola acontecendo em semanas intercaladas. Apesar do curto período, conseguimos concretizar conforme planejado.

Com o encerramento do período e o início do novo ano letivo, ocorreu a transição para um novo professor, o Professor Márcio, que prontamente demonstrou disposição para continuidade do projeto. Este professor também foi muito receptivo e durante todo o projeto foi prestativo, e também pedia a palavra para dar contribuições sobre o tema que tratávamos em cordéis, por exemplo, ao trabalhar com o cordel *Resquícios do Medieval*, a fala do docente ia no

sentindo de mostrar as reminiscências, as contribuições do período para a sociedade contemporânea.

Em uma segunda fase, nosso foco foi direcionado principalmente para a leitura dos cordéis. Para isso, escolhemos cuidadosamente textos que explorassem os temas do Maranhão e do período medieval.

Durante essa etapa, estabelecemos contato com a renomada cordelista Raimunda Frazão, reconhecida por suas notáveis produções sobre a Cultura Maranhense (Figura 12). Em uma visita a ela, tivemos a oportunidade de adquirir e conhecer suas obras, que se mostraram valiosas para o desenvolvimento do projeto.

Aproveitamos a oportunidade para convidá-la a visitar a escola, no entanto, lamentavelmente, essa participação teve que ser cancelada devido a uma nova programação organizada pela escola para a data escolhida.

Figura 12 - Encontro com a Cordelista Raimunda Frazão



Fonte: autoria própria (2022).

Um dos cordéis da autora Raimunda Frazão que incorporamos ao projeto foi: Ana Jansen em Cordel. Essa escolha foi motivada pelo fato de Ana Jansen ser uma figura extremamente marcante na sociedade maranhense, cuja história está envolta por narrativas de preconceito. Raimunda Frazão narra a intrigante história dessa personagem, proporcionando uma abordagem poética sobre sua vida:

Cordel Ana Jansen em Cordel – Raimunda Frazão

É com enorme prazer
 Com muita dedicação,
 Que eu faço essa rima,
 Com grande convicção,
 Para falar sobre Ana Jansen
 Rainha do Maranhão.
 [...]

Ana Jansen muito pobre
 Não tinha onde morar,
 Foi com a herança de um ricoço
 Ao qual lutou pra conquistar,
 Que comprou uma casinha
 Para com a mãe se abrigar.
 [...]
 Por figuras da província
 Sua casa era frequentada
 Tudo ostentava poder
 A mobília requintada,
 Do que existia na época
 Ali não faltava nada
 [...]
 Se sobre Dona Ana Jansen
 For fazer dissertação
 Procure Jomar Moraes
 Ou busque informação
 No livro dele “Ana Jansen
 Rainha do Maranhão.”
 [...]
 (Frazão, 2018).

A partir dessa leitura, nosso propósito foi desconstruir uma visão preconceituosa sobre Ana Jansen. Mulher no século XIX, ela enfrentou desafios e superou dificuldades, revelando-se uma figura notável na sociedade da época. Sua determinação a conduziu a uma posição de destaque, exercendo considerável influência na política e sendo reconhecida como uma mulher de destaque.

Assim, buscávamos instigar a reflexão e promover o debate entre os alunos, visando ampliar seus conhecimentos para além da simples leitura. Conseguimos, de maneira dinâmica e envolvente através do uso do cordel, proporcionar aos estudantes um olhar mais aprofundado sobre essa personagem marcante na História e Cultura do Maranhão.

Outra valiosa contribuição para o projeto foi o cordel *São Luís, Ilha do Amor, marca francesa no Brasil*, escrito por Ivaldo Batista. Nessa obra, o autor destaca as características singulares da cidade, as quais podem ser analisadas:

Cordel São Luís, Ilha do Amor, marca francesa no Brasil - Ivaldo Batista

Com licença minha gente
 Maranhense, aqui estou
 Desci no Tirirical
 O cordel me acompanhou
 Aqui no CUNHA MACHADO
 Já estou apresentado
 Agora vou passear.
 [...]
 São Luís, eu percebi
 Sofreste tanta influência
 Nativos e africanos
 Presentes na descendência

Franceses e portugueses
 E até os holandeses
 Presentes nessa vivência.
 [...]
 A fundação da cidade
 É oito do mês setembro
 Mil seiscentos e doze
 Nesse cordel eu relembro
 São quatrocentos e oito
 Anos, por isso pernoito
 É tua festa eu me lembro
 [...]
 (Batista, 2020).

Optamos pela inclusão desse cordel por sua rica abordagem sobre a história de nossa capital, São Luís, e do Estado do Maranhão. No texto, encontramos informações particularmente relevantes, como a fundação da ilha em 1612, as influências provenientes dos povos nativos e europeus, entre outros temas pertinentes.

Utilizamos esse folheto não apenas para abordar aspectos históricos, incluindo a historiografia que considera a fundação francesa como um mito, mas também para aprofundar a exploração e reforço de tópicos relacionados à população nativa.

Um outro cordel que levamos para enriquecer as discussões em sala de aula foi *Dom Sebastião*, de autoria de Wilson Marques. A figura de Dom Sebastião desempenha um papel notável na cultura maranhense, sendo um tema que transcende o tempo e se mantém vivo na tradição regional. Essa lenda não apenas permeia a narrativa histórica, mas também forma um conglomerado de influências que se entrelaçam de maneira fascinante.

Ao explorar essa lenda, podemos traçar suas origens, compreendendo como crenças e mitos viajaram de Portugal ao Brasil, adaptando-se ao longo do tempo e amalgamando-se com as ricas tradições ameríndias e africanas. Como aponta Zierer (2021), essas crenças, ao chegarem com os colonizadores portugueses, incorporaram-se, fundindo-se organicamente com as narrativas já existentes, relacionadas a figuras encantadas.

Cordel Dom Sebastião – Wilson Marques

A todos peço licença
 Para este menestrel
 Apresentar nesta sala
 Que, inspirado, escrevi
 Num pedaço de papel
 A história que vou
 Relatar para vocês
 É a saga de um famoso
 Soberano português.
 Vou contar bem devagar,
 Um verso de cada vez.
 [...]

O rei, todo mundo sabe,
 Foi na guerra derrotado,
 Mas o mais triste de tudo,
 O corpo não foi achado,
 Persistindo assim a dúvida
 Se ele era ou não finado.
 Sem saber o que havia
 Acontecido ao coitado,
 O povo de Portugal
 Aguardava um resultado
 Todo dia perguntado
 Se o rei tinha retornado
 [...]

A esperança espalhou-se
 Transformou-se em fantasia:
 De que o rei voltasse um dia
 E, vencendo a própria morte,
 À pátria retornaria.
 [...]

Diz uma dessas lendas
 Que o rei Sebastião
 Ainda continua vivo [...]
 Segundo a lenda do rei,
 Penando sem salvação
 Encontra-se enfeitado
 Numa ilha do Maranhão,
 Na figura de um touro
 Fruto de encantação.
 (Marques, 2011).

O cordel de Wilson Marques não apenas narra a história de Dom Sebastião, mas também serve como uma porta de entrada para uma análise mais profunda das camadas culturais e históricas que compõem essa lenda. Ao trazer essa obra para a sala de aula, buscamos não apenas expandir o conhecimento dos alunos sobre Dom Sebastião, mas também proporcionar uma compreensão mais ampla das complexas influências culturais que moldam a identidade maranhense.

Exploramos as diversas significações atribuídas a essa lenda, tanto em Portugal quanto no Brasil. Em solo português, ela é marcada pela ideia da retomada do reino, simbolizando a conquista da liberdade em relação à Espanha e a perpetuação de um período glorioso. No Maranhão, essa narrativa assume contornos de transformação social, sugerindo um período de prosperidade e abundância para a população menos favorecida.

Como parte desse processo, conduzimos uma atividade envolvendo os alunos, com o objetivo de avaliar o impacto do cordel na compreensão da lenda. Buscamos identificar os pontos que mais chamaram a atenção dos estudantes, além de verificar se conseguiram captar o significado atribuído à lenda no contexto maranhense. Os resultados da atividade foram positivos, indicando que o cordel desempenhou um papel efetivo na facilitação da compreensão do tema pelos alunos.

No âmbito do projeto, para além de cordéis que abordassem temas do Maranhão, incluímos cordéis que explorassem aspectos da Idade Média, com o propósito de desafiar preconceitos e cultivar o senso crítico dos estudantes.

Assim sendo, fomentamos discussões em sala de aula acerca das significativas contribuições do período medieval, visando desmistificar a concepção pejorativa associada à “Idade das Trevas”. Para essa ação, elaboramos um cordel intitulado *Resquícios do Medievo*, o qual apresenta algumas das valiosas contribuições legadas por esse período:

Resquícios do Medievo – Silviney Rabelo

Vamos falar de história,
do período medieval
muitas vezes entendido
de modo não ideal,
foi idade das trevas?
não, isso não é real.

[...]

Afaste o preconceito
Veja as contribuições
Com a arquitetura,
belíssimas construções,
castelos e catedras
ah, quantas inspirações!

[...]

Não se esqueça também
A noção de cavaleiro
Bons costumes, gentileza,
Olha só que maneiro!
Hábitos repetidos
Pelo mundo inteiro.

[...]

Desenvolvem-se ainda,
os espaços de saber
as universidades
as primeiras vão nascer
já é um grande avanço
que na ciência vamos ter.

[...]

(Rabelo, 2022)

A obra evidencia as impactantes contribuições medievais que persistem nos dias atuais, tais como a arquitetura, a ideia de cavaleirismo e o surgimento das primeiras universidades. Assim, este cordel desempenha um papel fundamental no combate aos preconceitos ligados à época medieval.

Após essas discussões, propusemos uma atividade em que os alunos compartilhassem suas compreensões sobre o cordel *Resquícios do Medievo* e como o poema contribuiu para o entendimento da Idade Média.

Com base nas respostas dos alunos, a discussão revelou resultados positivos, pois a maioria endossou essas ideias na atividade, reconhecendo que é exagerado afirmar que não houve avanços na Idade Média.

Outro cordel apresentado em sala de aula foi *A Viagem de São Saruê* de autoria de Manoel Camilo dos Santos, inspirado na obra *O País da Cocanha*, que teve origem no período medieval, especificamente no século XIII.

Cordel Viagem ao país de São Saruê – Manoel Camilo dos Santos

Doutor mestre pensamento
me disse um dia: -Você
Camilo vá visitar
o país São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.
[...]
Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.
[...]
O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro a [sic] vontade.
[...]
Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a [sic] vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.
[...]
(Santos, S.d)

O poema retrata uma utopia social descrevendo um país fantástico, sem mal e cheio de prazeres. Por tal motivo, levamos as duas obras para sala de aula para que os estudantes pudessem enxergar as suas semelhanças. Deste modo, mostramos como o Medievo continua influenciando a contemporaneidade, como foram feitas as apropriações e aproximações com a realidade nordestina na obra *Viagem a São Saruê*.

O poema descreve uma utopia social, imaginando um país fantástico isento de maldades e repleto de prazeres. Por isso, trouxemos ambas as obras, *Viagem a São Saruê* e o país da Cocanha, para a sala de aula, permitindo que os estudantes identificassem suas semelhanças. Desta forma, destacamos como o período medieval ainda influencia a atualidade,

e demonstramos as adaptações e conexões feitas com a realidade nordestina na obra *Viagem a São Saruê*.

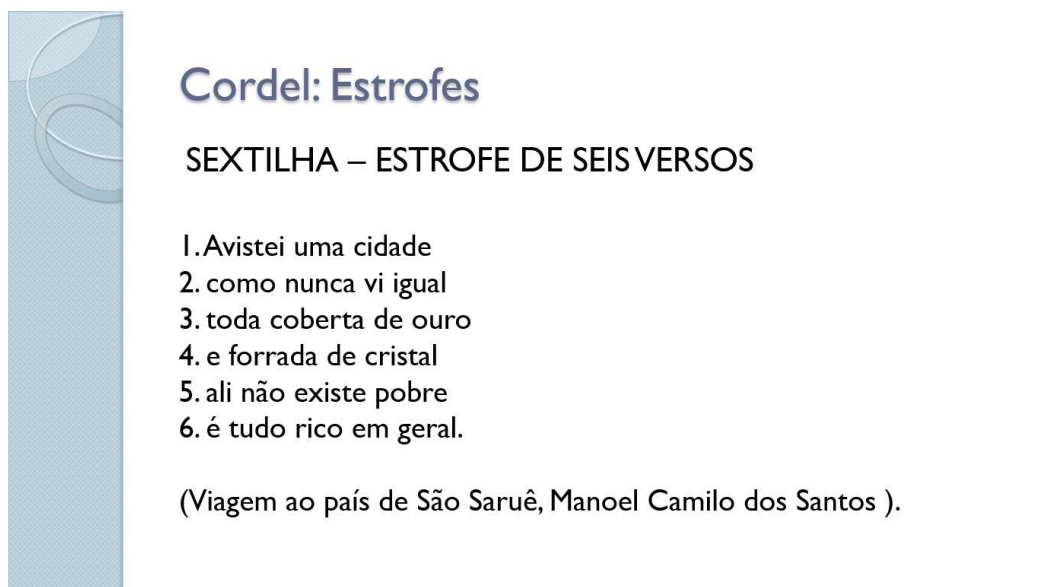
A última atividade realizada com as turmas foi uma breve oficina de cordel. Durante essa experiência, nosso objetivo foi apresentar os principais elementos dessa forma poética, enfatizando seus ritmos, rimas e a beleza literária que ela carrega.

O cordel é composto por uma série de estrofes. Nesse sentido, apresentamos, aos alunos, os modelos mais usuais, como a sextilha, setilha e décima, destacando o esquema de rimas característico de cada estilo (Figura 13).

Demonstramos que uma outra característica marcante na composição dos cordéis é a metrificação, que desempenha um papel crucial na musicalidade dessas obras. As métricas mais frequentes são versos com quatro, cinco e sete sílabas. Esse aspecto, em particular, representou um desafio significativo para os alunos.

Identificar e aplicar corretamente o número de sílabas em cada verso exigiu uma atenção especial, pois a métrica é vital para manter a fluidez e harmonia no cordel. Para facilitar essa compreensão, utilizamos recursos visuais, como o slide apresentado, a fim de ilustrar de forma clara a divisão métrica e ajudar os estudantes a superar essa dificuldade (Figura 14).

Figura 13 - Slides utilizado em sala de aula



Cordel: Estrofes


SEXTILHA – ESTROFE DE SEIS VERSOS

1. Avistei uma cidade
2. como nunca vi igual
3. toda coberta de ouro
4. e forrada de cristal
5. ali não existe pobre
6. é tudo rico em geral.

(Viagem ao país de São Saruê, Manoel Camilo dos Santos).

Fonte: autoria própria (2022).

Figura 14 - Slide utilizado em sala de aula



VERSOS COM SETE SILABAS POÉTICAS

SEM – A – ME – TRI – FI – CA - ÇÃO = 7 SP
 NÃO – SE - PO – DE – TER - POE - SI (a) = 7 SP
 É – E – LA - QUEM –VAI – DI - TAR= 7 SP
 O - AN – DAR – DA – ME – LO - DI (a) = 7 SP
 O –VER – SO – FI – CA – BO – NI - (to) = 7 SP
 COM – RIT – MOE - COM – HAR – MO - NI (a) = 7 SP

Fonte: autoria própria (2022).

Com essa iniciativa, proporcionamos aos alunos uma introdutória compreensão dos elementos que constituem a escrita dos cordéis. Além de mostrar como é a sua composição que engloba estrofe, rima, métrica e ritmo.

Dessa forma, conseguimos dar um primeiro passo significativo para cultivar o interesse pela escrita. O objetivo foi despertar a curiosidade e proporcionar uma base sólida, incentivando os alunos a explorarem e desenvolverem suas habilidades ao longo do tempo. Reconhecemos que a maestria na arte do cordel requer prática constante e aprofundamento, mas acreditamos que nossa ação plantou as sementes necessárias para o florescimento do interesse pela criação literária.

3.3.1 Dificuldades encontradas

Ao conduzir este projeto, enfrentamos algumas dificuldades, sendo a primeira delas a aceitação do projeto já em andamento, devido à troca de bolsista. Um desafio adicional foi a pouca familiaridade com esse tipo específico de literatura, algo que foi sendo superado gradualmente à medida que me aproximava da bibliografia sobre a temática.

Enfrentamos outra dificuldade relacionada ao acervo de cordéis impressos. No formato físico, tínhamos à disposição apenas os exemplares da escritora Raimunda Frazão, enquanto os demais estavam disponíveis apenas em formato digital (PDF). Essa situação

apresentou um desafio adicional, uma vez que os alunos não puderam manter uma proximidade material com os folhetos.

A ausência dessa interação física limitou a oportunidade de uma experiência mais tátil e imersiva com a Literatura de Cordel, prejudicando, assim, uma maior familiarização e apreciação do gênero literário. No entanto, buscamos contornar essa limitação promovendo discussões e análises aprofundadas durante as aulas, buscando compensar a falta de contato direto com os cordéis físicos.

Adicionalmente, outra questão relevante refere-se ao uso do Datashow, que se mostrou imprescindível para a apresentação dos cordéis no formato PDF. Contudo, a escola dispunha de apenas um equipamento, o que demandava um agendamento prévio para a sua utilização. Essa limitação logística acabou sendo um fator que influenciou diretamente o planejamento das atividades, exigindo uma cuidadosa organização para garantir que todas as turmas tivessem acesso ao recurso no momento adequado.

Essa restrição evidenciou a necessidade de uma melhor infraestrutura tecnológica para suportar as demandas do projeto. Embora o Datashow tenha sido uma ferramenta valiosa, a disponibilidade limitada do equipamento trouxe desafios adicionais para a dinâmica das aulas, destacando a importância de investimentos em recursos audiovisuais para otimizar o desenvolvimento de projetos pedagógicos futuros.

Por fim, no que diz respeito aos alunos, ao introduzirmos a proposta de realizar leituras compartilhadas, observamos inicialmente uma certa timidez por parte de alguns estudantes, que relutavam em participar ativamente. Além disso, era comum recebermos perguntas sobre se as atividades seriam avaliadas e valeriam nota. Entretanto, ao longo do desenvolvimento do projeto, essas barreiras foram gradativamente superadas.

À medida que os alunos se familiarizavam com a fácil fluidez e a dinâmica característica do cordel, notamos uma notável evolução nas participações. A abordagem lúdica e a sonoridade envolvente desse estilo literário contribuíram para que os estudantes se sentissem mais à vontade ao compartilharem suas leituras.

Vale mencionar, a análise de alguns estudantes que elogiavam o trabalho desenvolvido em sala de aula e mostravam interesse e entusiasmo pelos cordéis, essas palavras de elogio ressaltaram a importância de métodos pedagógicos dinâmicos e envolventes, capazes de despertar o interesse dos estudantes

Dessa forma, ao longo do projeto, percebemos um aumento significativo na participação dos alunos, evidenciando a eficácia da abordagem escolhida para promover a interação e o envolvimento ativo com a Literatura de Cordel.

3.3.2 Considerações finais do projeto

A cultura popular desempenha um papel significativo na sociedade brasileira, e sua presença nas escolas é crucial para proporcionar aos estudantes um ensino mais dinâmico. Nesse contexto, a Literatura de Cordel emerge como uma ferramenta valiosa, pois está intrinsecamente ligada à cultura popular, com fortes conexões com o período medieval, sendo, ao mesmo tempo, uma excelente ferramenta didática para o ensino de História.

No início do projeto, nossa primeira abordagem foi apresentar aos alunos a trajetória da Literatura de Cordel, desde sua origem até sua chegada ao Brasil, além de explorar seus elementos característicos. Reconhecemos a relevância dessa ação, uma vez que essa modalidade literária é pouco abordada nas escolas, proporcionando aos alunos uma nova perspectiva de aprendizado.

Conseguimos também destacar como o Medieval continua presente na Contemporaneidade, com suas ações e criações que perduram ao longo dos séculos. Muitos cordéis incorporam elementos como dragões, príncipes, princesas e embates entre Deus e o Diabo, adaptando-os à realidade nordestina e gerando novas significações culturais.

Ao realizar esse exercício, conduzimos os alunos a perceberem a História como algo conectado ao presente, ressaltando a importância de estudar o passado para compreender o mundo moderno. A dinâmica do projeto permitiu abordar diversos temas sobre a história e cultura do Maranhão e do período medieval de maneira mais cativante.

Ao trabalhar com a musicalidade, rima e beleza poética do cordel, tornamos o ensino mais atrativo e lúdico, contribuindo para a retenção da atenção dos alunos. Dessa forma, o projeto não apenas aproximou a Literatura de Cordel e temas relacionados ao Maranhão e ao Medieval, mas também despertou um maior interesse pela leitura dos cordéis e pelos estudos históricos, contribuindo para uma educação mais rica e envolvente.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Com este trabalho, proporcionamos aos leitores uma incursão um pouco mais ampla do universo da Literatura de Cordel, uma forma literária que, ao longo dos séculos, tem mantido viva sua presença na sociedade. De maneira singular, essa manifestação cultural narra os eventos do cotidiano, as práticas sociais, os hábitos e a vida das pessoas.

A Literatura de Cordel não é simplesmente uma relíquia do passado esquecida ou estagnada, mas sim uma expressão que demonstra capacidade de adaptação aos tempos modernos, reinventando-se conforme as constantes mudanças no contexto social e cultural.

Ao investigar as origens dessa forma literária no Brasil, revelamos sua estreita ligação com a tradição oral, na qual os poetas eram profundamente influenciados pelas histórias transmitidas de geração em geração.

Além disso, nesse processo criativo, produziam folhetos que não só dialogavam com a realidade local, mas também eram permeados por influências das narrativas medievais. Essa fusão conferiu à Literatura de Cordel uma riqueza única, enraizada em características do período Medieval

Atualmente, os cordelistas mantem sua vitalidade com novas características, apresentando versos mais curtos e abordando temáticas mais contemporâneas. Toda essa diversidade evidencia a capacidade do Cordel de se adaptar ao contexto cultural da sociedade em constante transformação. Por essa razão, essa expressão popular ganha importância histórica, visto que ela carrega em si traços da cultura.

Ao analisar o surgimento dessa forma literária no Brasil ou abordar o seu momento atual, a Literatura de Cordel tem vários aspectos a serem explorados pelos estudiosos, proporcionando uma infinidade de aplicações, seja como ferramenta ou objeto de estudo.

Neste trabalho, empreendemos o exercício de apresentar três facetas distintas da utilização do cordel: inicialmente, destacamos seu papel como ferramenta pedagógica, ressaltando sua relevância no contexto da sala de aula; em seguida, lançamos luz sobre a história de duas renomadas cordelistas, Raimunda Frazão e Júlia Constança Camêlo, apresentando suas trajetórias como escritoras; por fim, examinamos sua implementação como projeto pedagógico na escola pública Centro de Ensino Maria José Aragão, situada em São Luís.

Como instrumento pedagógico, o cordel tem o potencial de tornar o processo educacional mais dinâmico e atrativo. Constitui-se como uma excelente ferramenta para os profissionais da área educacional, uma vez que seus versos rimados capturam a atenção dos ouvintes, incentivando os estudantes a se aproximarem dessa expressão literária.

Além disso, oferece ao professor a oportunidade de acessar uma ampla variedade de produções sobre diversos temas. No entanto, caso o docente não encontre uma obra específica sobre o que deseja abordar em sala de aula, surge a possibilidade de desenvolver a criação de cordéis, inclusive desafiando os próprios alunos a participarem desse processo.

O cordel também se revela como uma ferramenta para fomentar o hábito da leitura. A prática de leitura compartilhada, por exemplo, oferece uma abordagem valiosa, enquanto a sugestão de apresentações proporciona uma oportunidade única para superar as barreiras de timidez entre os alunos. Embora neste trabalho tenhamos apresentado algumas possibilidades, é importante ressaltar que o professor possui a liberdade para explorar outras aplicações, abrindo caminho para inúmeras formas de aprendizado.

Este trabalho ressaltou, ainda, a história de duas mulheres, Raimunda Frazão e Júlia Constança, influenciadas pela Literatura de Cordel. Desde criança, Raimunda Frazão se dedicou à escrita, sendo, atualmente, reconhecida nacionalmente e admirada pelos amantes da Literatura. Suas numerosas obras não só promovem o cordel no Maranhão, mas também alcançam diversos lugares, difundindo a riqueza cultural desse estilo.

Júlia Constança Camêlo, inicialmente uma leitora, gradualmente se tornou estudiosa do assunto e, por fim, uma cordelista. Essas duas histórias evidenciam o impacto do cordel na sociedade. Certamente, existem outras histórias semelhantes, e o papel dessas mulheres é valioso, inspirando outros a se interessarem por esse gênero literário. O reconhecimento de suas trajetórias, neste trabalho, destaca o valor significativo de seus esforços.

Desta forma, o estudo dessas histórias não deve se limitar a um capítulo específico, mas se expandir, convidando à reflexão sobre o impacto que essa Poesia Popular pode ter na vida das pessoas. Ao considerarmos as histórias dessas cordelistas, percebemos a importância de preservar e celebrar essas narrativas que enriquecem a Literatura brasileira.

Além disso, a aplicação do projeto *Cultura Popular na Escola: O Maranhão e o Medieval em Cordéis* proporciona ao leitor um olhar mais detalhado sobre os usos e possibilidades do cordel em sala de aula. Essa ação desempenha um papel fundamental ao oferecer um panorama geral sobre as potencialidades dessa manifestação cultural no contexto educacional.

Essa iniciativa visa, primordialmente, inspirar os educadores a considerarem ativamente a implementação dessa expressão literária em suas práticas pedagógicas, enriquecendo assim o ambiente de aprendizado com a riqueza e autenticidade dessa expressão literária.

Portanto, esse gênero literário é um agente de preservação cultural e instrumento educacional, com sua capacidade de se reinventar ao longo do tempo e de influenciar positivamente as vidas de indivíduos como Raimunda Frazão, Júlia Constança Camêlo e seus leitores. Essas atribuições ressaltam a importância e necessidade de cultivar e perpetuar essa expressão artística única.

Deste modo, essa pesquisa é um convite à continuidade do diálogo sobre a importância do cordel na sociedade contemporânea, incentivando a sua integração como recurso valioso nas práticas educacionais e culturais.

Por fim, este trabalho evidencia a poderosa relação entre a História e a Literatura, revelando como a Literatura de Cordel transcende sua forma literária, se relacionado com as experiências históricas, culturais e sociais. Assim, a Literatura de Cordel configura-se como um agente transformador que enriquece e molda o presente da sociedade.

RELAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Raimunda Pinheiro de Souza Frazão (Raimunda Frazão) nasceu em Campo de Pombinhas - Cantanhede Maranhão em 14 de março de 1951. É técnica em Edificações – Escola Técnica Federal do Maranhão; Graduada em Teatro pela Universidade Estadual do Maranhão; Escritora com premiações em Conto, Poesia e Cordel. Foi entrevistada no dia 01/09/2023 na biblioteca Benedito Leite (São Luís), local escolhido pela entrevistada, às 09h. A entrevista teve duração de 1 hora e 9 minutos.

Júlia Constança Pereira Camêlo nasceu em Buíque – Pernambuco em 22 de fevereiro de 1967. Possui graduação em História pela Universidade Federal do Maranhão e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (2010). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Maranhão e do PROFHISTORIA-UFMA; Escritora e Cordelista com o pseudônimo de: A menina de Buíque. A entrevista foi realizada em 17/10/2023, com duração de 1 hora e 9 minutos, na residência da professora Dra. Adriana Zierer (São Luís), às 10h.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Elizabeth Sousa; DOS SANTOS, Sandra. **A senhora do Maranhão**: Uma biografia de Ana Jansen São Luís, Editora: UEMA 2023.

ALVES, W. F.; WANDERLEY, N. de A. Folhetos nordestinos vestidos de saia: a escrita da cordelista piauiense Ilza Bezerra. **Jangada: crítica literatural artes**, [s. l.], v. 10, n. 20, p. 6-31, 2023.

BARROS, Leandro Gomes de. **A batalha de Oliveiros com Ferrabrás**. São Paulo, Luzeiro, s.d.

BARROS, Leandro Gomes de. **História de Roberto do Diabo**. Ceara: Fundação Edson Queiroz, Universidade de Fortaleza, [19--].

CABRAL, A. M.; PEREIRA, R. Políticas públicas para a biblioteca escolar e o fortalecimento da identidade regional brasileira: as contribuições do PNBE. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 18-42, 2018.

CADÓ, Emílio José. **A Literatura de Cordel no ensino de história local**: memórias do cangaço no Rio Grande do Norte. 2022. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Proffhistoria) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. Prazer, Juventude e Felicidade na Poesia Popular. **Outros Tempos**: Pesquisa em Foco-História, v. 1, n. 1, 2004.

DOMINICI, R. Dom Sebastião: do mito português à adoração maranhense. **Anais dos Simpósios da ABHR**, [S. l.], v. 13, 2012.

FERREIRA, Adriana; GARCÊS, Daniella; ZIERER, Adriana. As Permanências do Sebastianismo no Maranhão: literatura, história e ensino básico – experiências no espaço escolar. In: ZIERER, Adriana Maria de Souza. **Estudos medievais no Maranhão**: primeiros olhares. São Luís: Eduema, 2017.

FERREIRA, Roberto. **A Literatura de Cordel no ensino de história**: uma proposta de intervenção com oficinas pedagógicas. 2018. 88f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2018.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média**: nascimento do ocidente. 2.edição, São Paulo: Brasiliense, 2006.

FRAZÃO, Raimunda. **Ana Jansen em Cordel**. 3.ed.[s.n.]. São Luís, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Media and Cultural Regulation**, org. Kenneth Thompson Inglaterra, 1997.

HONORATO, Danila Salvador. **Ler por prazer no ritmo do cordel**. 42f. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2019.

LARCEDA, Jose Medeiros de. **A carruagem de Ana Jansen uma lenda do Maranhão**. Vol. XXXII, [s.l.:s.n.], 2011.

LIMA, Lilian Castelo Branco; MATOS, Polyana Silva; COSTA, Walquíria Lima. Cordelendas: uma intersecção literária para trabalhar identidade étnica indígena em sala de aula. **Revista Philologus**, v. 25, n. 75 Supl., p. 1188-1202, 2019.

LOPES, Maria Elizete. **A Literatura de Cordel no ensino da língua portuguesa**. 30f. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **C.E Maria José Aragão: 30 anos cultivando educação e arte para colher cidadania**. São Luís: SEDUC, 2021.

MARQUES, Wilson. **Dom Sebastião**. [s.l.:s.n].2011.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MORAIS, Elisângela Coelho. A Canção de Rolando e Fierabrás: o Ciclo Do Rei Carolíngio em Terras Brasileiras. **Vozes, Pretérito & Devir: Revista de História da UESPI**, v. 13, n. 1, p. 109-125, 2021.

NEVES, Francisco Paiva das. **Literatura de Cordel – origens e perspectivas educacionais**. 2018. 99f. - TCC (Monografia) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Graduação em Pedagogia, Fortaleza (CE), 2018.

NOLETO, Daniela. O Surgimento do Mito Arturiano na Obra de Geoffrey de Monmouth. In. ZIERER, Adriana Maria de Souza. **Estudos medievais no Maranhão: primeiros olhares**. São Luís: Eduema, 2017.

OLIVEIRA, Andréia Sgarioni. **Literatura de Cordel: análise sobre suas abordagens no ensino fundamental**. 37f. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

SAMPAIO, Adriana Porto Ramos. **A Literatura de Cordel como meio de enaltecimento do Nordeste**. 16f. Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2021.

SILVA, Daniela Souza; SANTOS, Alvanita Almeida. De Maria a Isabel, do silêncio ao grito: chega de machismo no cenário e nos versos do cordel. **Jangada: crítica literária artes**, v. 10, n. 20, p. 58-78, 2023.

VICTTOR, J. **Quilombolas a revolta dos escravos**. [s.l.: s.n.], 2020.

ZIERER, Adriana. D. Sebastião, o Encantado, no Maranhão: Uma ferramenta para a reflexão histórica no ensino básico. In. CAMÊLO, Júlia Constança; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff. **História do Maranhão na sala de aula: formação, saberes e sugestões**. v.1. São Luís: Editora UEMA, 2019.

APÊNDICE A – ENTREVISTA REALIZADA COM RAIMUNDA FRAZÃO

Entrevistador: Olá, bom dia a todos! Quem fala é Silviney Amaral Rabelo e estou aqui para conversar um pouco com a cordelista Raimunda Frazão. Junto comigo está a professora doutora Adriana Zierer e nós dois vamos conversar sobre a trajetória de vida da cordelista Raimunda Frazão. A senhora pode se apresentar, fique à vontade.

Raimunda Frazão: Bom dia a todos, a todas e a todes! Quero agradecer ao Silviney e a professora Doutora Adriana pelo convite. Pra mim é uma grande satisfação estar participando desse trabalho com vocês.

Entrevistador: A gente que agradece, Dona Raimunda, a sua disponibilidade. Eu queria começar perguntando pra senhora o que é cordel e o que significa cordel para você?

Raimunda Frazão: Cordel é um tipo de literatura que é usado no Brasil desde a chegada dos portugueses. Como a primeira capital do Brasil foi no Nordeste, então ele se ampliou no Nordeste. O cordel é um tipo de literatura que as pessoas escreviam ou faziam declamação. Eles utilizavam os cordéis para contar os fatos que estavam acontecendo em determinado lugar. Pegou o nome cordel, porque inicialmente eles escreviam nas folhas e penduravam com pregadores, normalmente em feiras e praças. Muita gente me pergunta se eu vivo da poesia. Financeiramente não, psicologicamente sim. Se não fosse a poesia o que seria de mim.

Entrevistador: Como começou a sua trajetória no cordel? Como foi o primeiro contato? De onde surgiu o interesse?

Raimunda Frazão: Eu vou começar lá de onde eu nasci. Eu nasci em Campo de Pombinhas, Cantanhede - MA. Campo de Pombinhas é um lugar tão distante da sede Cantanhede, que eu só conheci a sede quando eu já morava aqui em São Luís. Quando completei 4 anos, meu pai mudou para Pirapemas, nessa época ele tinha quatro filhos. Ele se mudou porque tinha interesse em que a gente estudasse, pois onde nós estávamos não havia colégio. Então nós mudamos para Pirapemas, o meu pai trabalhava com comércio, marcenaria e vendia como ambulante uma vez por mês, entre Pirapemas e Campo de Pombinhas. Naquela época, nas escolas públicas, só podia começar a estudar a partir dos sete anos e a maioria dos alunos entravam sem saber nada. Só que o meu pai gostava muito de ler e eu tinha uma tia que também gostava muito de ler, e ela tinha um poder aquisitivo maior e então comprava vários livros. Quando eu entrei na escola, com sete anos, eu já sabia ler, porque o meu pai e minha tia já tinham me alfabetizado. Inclusive nessa época eu já lia tudo quanto era livro que tinha na casa da minha tia, sem saber quem eram os autores. Depois que eu fiquei adulta, eu fui ver que eu já tinha lido até O retrato de Dorian Gray quando eu tinha sete anos e esse livro é literatura para adultos. No primeiro semestre, na escola Reunida Ribamar Pinheiro, eu sempre sentava na frente, aí a professora ia colocando as coisas para explicar para meus colegas, e como eu já sabia ler eu sempre perguntava muito. Então quando foi no começo do segundo semestre, início de agosto, a professora me chamou dizendo para eu me preparar para que no dia 19 de novembro fizesse uma saudação à bandeira com uma poesia de Olavo Bilac. Aí eu perguntei se não poderia ser com uma minha. Quando cheguei em casa, coloquei no papel: “Tens verde, amarelo e branco, também tens azul anil, és a bandeira mais linda, bandeira do meu Brasil. Aí no dia seguinte levei para professora, ela olhou e disse: “está muito bom, mas só quem resolve se você vai dizer essa poesia ou a do Olavo Bilac é a diretora”. Fui na Diretora e ela aprovou. Quando foi no dia da bandeira,

colocaram uma mesa na porta da escola e como eu era pequena, me colocaram em cima dela. Aí eu declamei, quando terminei todo mundo bateu palma, achei que tinha agradado e continuo declamando até hoje.

Entrevistador: As leituras que a senhora fazia na sua infância, eram poesias, cordéis?

Raimunda Frazão: Os cordéis eu mais ouvia do que lia. Agora os que eu mais gostava de ler eram os romances.

Entrevistadora: Eu acho que a senhora era superdotada. Com sete anos lendo O Retrato de Dorian Gray.

Raimunda Frazão: Era O Retrato de Dorian Gray, Amores de um Médico, era muito livro. E depois que eu fui ver que muitos desses livros que eu lia na época, eram traduções de autores de outros países. Mas eu lia muitos romances de Machado de Assis, José de Alencar, isso com 7, 8 anos de idade. Meu pai tinha um comércio e uma oficina de marcenaria. De manhã, ele abria o comércio e eu ficava lá e avisava quando chegava alguém. Eu ainda era pequena, as pessoas achavam interessante eu chamar meu pai para atender e diziam para ele me deixar atender. Então meu pai fez um banquinho pra eu poder alcançar a altura do balcão.

Entrevistadora: Deixa só perguntar uma coisa pra ela, eu achei impressionante, porque Machado de Assis é difícil de ler, nós que somos adultos hoje em dia consideramos difícil.

Raimunda Frazão: E o mais interessante, foi que eu achei um livro dele chamado Helena, eu li mais de uma vez. Eu achava interessante no dia eles falaram na divisão que ela tinha dois amores e que os dois amores assistiram o enterro dela.

Entrevistador: Muito bom ver que desde criança você já teve contato com a leitura, com a literatura.

Raimunda Frazão: E o pedaço que eu declamei com 7 anos, eu coloquei nesse livro, que foi editado em 2015.

Entrevistador: O título do livro é Tempo, vento e sentimento. Tem até o poema Bandeira do meu Brasil: Quando tinha 7 anos fiz um verso para a bandeira, uma quadra tão singela com jeito de brincadeira, tens verde amarelo e branco, também tens azul anil, és a bandeira mais linda, bandeira do meu Brasil. Escola Reunida Ribamar Pinheiro, Pirapemas - MA (1958).

Raimunda Frazão: O livro eu publiquei em 2015. Por que entre a minha infância e a minha fase adulta eu ia escrevendo muito mesmo. Meu pai fez uma caixa que eu colocava dentro tudo que eu escrevia, só que a caixa enchia e eu jogava fora. O meu pai era envolvido com uma cooperativa de operários, nesse tempo da ditadura ele ficou sem poder falar o que ele gostava de se comunicar com as pessoas. Cada vez que ele ia falar, diziam pra ele não falar isso porque se não o pessoal podia matar ele. E aí deu um problema cardíaco nele. Meu pai tinha um amigo lá em Coroatá, o Doutor Mota que constatou que o coração dele estava se dilatando e então encaminhou ele para Teresina e lá em Teresina foi constatado que era real, nesse tempo só tinha tratamento em São Paulo. Ele não podia deixar a família porque ele era o mantenedor financeiro da família. Então ele ficou tomando as medicações e ficou preocupado porque Pirapemas era terra dele, mas não era a terra da minha mãe. Minha mãe era de Campo de Pombinhas, onde tinha ficado a outra parte da família, por isso ele resolveu voltar para lá, porque se ele morresse

a qualquer instante, ela ficaria amparada pelos parentes dela. Então nós voltamos para Campo de Pombinhas onde não tinha escola nenhuma, porém eu já tinha terminado o primário. Quando nós chegamos lá, meu pai me falou tudo que ele ia fazer e tudo que ele queria que eu fizesse e perguntava se eu aceitava. E tudo que eu fazia nunca era porque fulano queria que eu fizesse, sempre eu fiz aquilo porque eu queria fazer, eu ficava no comércio porque eu queria ficar, eu ia pra escola e ficava na fileira da frente porque eu queria ficar, comigo sempre foi assim. Posso dizer que sou uma pessoa muito feliz e dou graças a deus, porque preta, pobre, nascida no interior nunca abaixei a cabeça pra ninguém e sempre fiz o que eu quis. Quando chegamos no interior, meus irmãos que ainda não tinham terminado o primário tiveram que parar. Eu tinha terminado, mais um irmão meu pai colocou na casa de um tio nosso, em Coroatá, para estudar o ginásio e ficou eu e uma irmã minha que já tinha terminado. A minha irmã mais velha tinha casado, com dezessete anos, então ela continuou com o marido dela em Pirapemas. Nós voltamos pro interior e meu pai disse assim: “minha filha, eu vou fazer uma casa pra você dar aula pros seus irmãos, pra eles não ficarem atrasados”. Então ele fez uma escolinha onde eu dava aula pros meus irmãos e para as pessoas da comunidade.

Entrevistadora: E você estava com quantos anos nessa época? uns dez?

Raimunda Frazão: não, eu tinha uns treze anos. Eu dava aula para meus irmãos mais novos, para as pessoas da comunidade que não sabiam nada e até gente bem idosa que ia pra escola. Quando foi em 1969, estavam criando o Ginásio Bandeirante em São Mateus, aí meu pai disse: “minha filha você quer ir pra São Mateus, tomar conta dos seus irmãos pra estudar, porque aí eles já vão pra escola oficial mesmo e você e sua irmã vão estudar o ginásio lá. E eu disse que queria. Então meu pai foi em São Mateus, se esforçou, vendeu umas coisas dele, comprou uma casa perto do colégio onde meus irmãos mais novos iam estudar. Eu e minha irmã fomos estudar no Ginásio Bandeirante de São Mateus, isso em 70, 71 e 72, três anos de ginásio. Lá eu tomei conta dos meus irmãos, a minha irmã que tinha ido comigo ficava lá na cozinha com os outros e meu pai colocou uma quitanda e eu vendia nela.

Entrevistadora: Foi todo mundo pra São Mateus?

Raimunda Frazão: Com exceção do meu pai e minha mãe. Eles ficaram trabalhando no sítio no interior para nos manter e eu trabalhava na quitanda. Meu pai também tinha uma quitanda no interior, onde ele comprava coco babaçu, arroz, farinha pra vender lá. Ele pegava a colheita do sítio e mandava pro São Mateus e a gente vendia. Quando foi no final dos três anos, já quase no fim do ano, as minhas notas de matemática eram sempre as maiores de todos da turma, eu só tirava 10, mas na última prova o professor me deu um 8, então eu perguntei: “mas porque 8, professor?”. E ele: “não porque a resposta era mais ou menos 2”, e eu tinha errado o sinal. Antes de eu pegar no papel eu disse: “dobre esse papel e veja o que tem aí”. Ele respondeu: “é realmente você fez a questão certa, eu que me equivoquei. Mas como 2 não vai fazer falta pra você e eu já coloquei aqui 8 então deixa”. Eu não fiquei triste porque os dois pontos que ele tirou de mim não foram suficientes para me desclassificar. A Escola Técnica Federal aqui do Maranhão deu três vagas para cada Ginásio Bandeirante do interior, onde as pessoas já iam estudar lá sem precisar fazer prova, a vaga já era garantida. Naquele tempo a seleção na Escola Técnica era muito difícil, mas eu vim pra umas dessas vagas, isso em março de 1973. O primeiro ano que aceitou mulheres foi só no curso de química em 1972. Eu entrei em 1973 na primeira turma do curso de edificações que aceitou mulheres, no total nós éramos 6 mulheres e 36 homens. Quando meu pai viu que eu tinha ganho a vaga, ele disse assim: “não posso deixar minha filha perder a vaga, minha filha quer ir pra São Luís? eu vou conseguir uma casa pra colocar você e sua irmã”. Ela já tinha terminado o ginásio, mas não tinha direito à vaga porque

a nota dela era menor. Então ele comprou uma casinha, lá no bairro Coheb Sacavem, bem simples e veio eu, minha irmã Lusimar, meu irmão que tinha terminado o ginásio lá em Coroatá e mais um primo e uma prima. Nós fomos morar juntos nessa casa e eu que era a administradora. Lá a gente não botou comércio, mas eu costurava, bordava, fazia algumas coisas e vendia e ia pegando grana, trazia também a grana que meu pai fornecia pra gente. Nessas alturas ele foi pro nosso comércio em São Mateus, para eu poder vir para cá, e ficou morando: ele, minha mãe e meus irmãos mais novos que ainda continuavam estudando lá e como já tinha o ginásio ficava mais fácil. Em 1975, eu estava fazendo estágio na Construtora Guarantã, só que eu participei de uns concursos nos Correios pernambucano e passei em todos eles. Eu escolhi ficar no Correios, pedir para sair do estágio porque na época as engenharias daqui estavam mandando muita gente pro exterior para trabalhar lá, e aí eu não podia ir porque eu tomava de conta dos meus irmãos. Então eu preferi ficar no Correios porque lá eu passei com nota boa e eu tinha condição de continuar aqui em São Luís. Em 1975 foi o primeiro concurso público que eles lançaram, eu me inscrevi, participei e passei. Entrei lá e trabalhei por 26 anos e em 2001 pedi as contas e saí para fazer um trabalho comunitário.

Entrevistador: Bom, eu queria que a senhora falasse um pouco sobre como essa influência passando pelo Maranhão e indo pra São Luís, São José de Ribamar, queria entender como você leva em consideração toda essa carga cultural que nós temos em nosso estado por exemplo, a senhora tem obras e cordéis sobre diversas figuras maranhenses como Maria Firmina dos Reis uma escritora, até mesmo Ana Jansen uma figura bastante presente no contexto do Maranhão. Como que a senhora faz esse levantamento?

Raimunda Frazão: Eu faço o seguinte: faço a pesquisa sobre determinado tema e então vejo se aquilo vai ser útil de alguma forma para a sociedade. Eu gosto mais de fazer trabalhos que tenham alguma finalidade social, porque só escrever por escrever eu acho que não faz muito sentido. O João do Vale eu participei de um concurso de cordel e aí resolvi escrever um pouco sobre João do vale e fui premiada em 1º lugar. A prefeitura tinha prometido editar o cordel pela editora, não editou, eu editei por minha conta.

Entrevistador: Queria perguntar também se a senhora tem alguma preocupação que busca expor nos seus cordéis e nas suas poesias? Existe alguma preocupação social?

Raimunda Frazão: É mais a preocupação social. Eu tento fazer de acordo que sirva para alguma coisa, por exemplo, esse livro aqui - Preconceito secreto e grito da natureza - eu o publiquei no ano passado, mas ele estava escrito desde 2006. Eu tenho muitas poesias sobre o meio ambiente. Esse aqui era pra eu trabalhar com ele lá na escolinha onde eu trabalhava, vou cantar aqui um trecho dele pra vocês. “Ouço o soluço do rio, que continua a chorar. As matas de suas margens continuam a devastar. As matas de suas margens continuam a devastar. O rio chora e soluça sua água vai embora as areias do seu leito estão ficando de fora. As areias do seu leito estão ficando de fora. A mata desesperada chora e soluça também. Está sendo liquidada, o homem não se contém. Está sendo liquidada o homem não se contém. O homem já foi à Lua e quer ir a Marte também. Mas não sabe preservar a natureza que tem. Não vê que se morre o rio a gente morre também.

Entrevistador: Como que a senhora vê esse cordel aí na sala de aula, o que que a senhora pode apresentar, quais os trabalhos que a senhora já tem ao longo da sua trajetória?

Raimunda Frazão: Desde antes eu já lia cordel em vários espaços, mas desde 2018, cordel passou a ser Patrimônio Imaterial do Brasil. Quem que estava na luta aqui no Maranhão,

precisamente aqui em São Luís, para conseguir isso junto ao IPHAN? Era eu, Moisés Nobre e Paulinho Nó Cego. Moisés fazendo pesquisa no interior relacionando os cordelistas do interior e eu e Paulinho lutando aqui dentro da ilha, conversando com o pessoal do IPHAN, nossa luta começou em 2010 por aí assim. Em 2015, o IPHAN começou a relacionar e listar os trabalhos e os nomes dos cordelistas do interior do Maranhão. Então em 2018, o cordel passou a ser Patrimônio Imaterial do Brasil. Eu participei de uma seletiva para ser Mestre do cordel no Maranhão e fui a única Mestra mulher, que conseguiu o total de pontos. Eu participei também do Brasil, só que eu não sei qual foi o ano, mas se vocês forem pesquisar pelo google ele sabe dizer tudo pra vocês. Eu fui classificada como Mestre do Cordel Nacional, só que eles pediram no edital uns documentos e então quem fosse classificado teria que enviar xerox da identidade, CPF. Como na minha identidade tinha o número do CPF eu só mandei a cópia da identidade e então eles me botaram como desclassificada por falta de documento e lá no edital dizia que a decisão deles era soberana, que a gente não podia recorrer. Como era uma coisa que não ia fazer nenhuma falta para mim em termos de alimentação e casa para morar, eu deixei pra lá. A partir dessa época, 2018, todas as escolas, tanto pública como particular, municipal e estadual, convidam a gente para fazer uma visita e falar sobre o cordel. Eles dizem para fazer oficinas de cordel, mas eu digo: “olha eu não vou dar oficina de cordel porque eu não tenho estudo na área de letras e nem na área de jornalismo, então vocês peçam para professora de português aqui da escola pesquisar lá no google e fazer a aula dela. O que eu posso fazer é mostrar o meu trabalho e dizer como eu faço, mas isso não é uma aula de cordel”. Eu sei dizer como que faz, mas eu não vou chegar na escola e ir fazer uma coisa que eu não tenho uma graduação nessa área. Eu vou nas escolas e todos me recebem muito bem e tem muitas escolas que já estão com alunos que já escreveram cordéis. Eu já visitei várias escolas públicas e particulares, do município de Ribamar, Raposa, São Luís. Semana passada eu estive na Darcy Ribeiro lá no Sacavém, tive esse mês passado também em várias escolas da Raposa e no SESC, que inclusive estava com um evento.

Entrevistador: Dona Raimunda, quais são os seus cordéis que tratam especificamente sobre o Maranhão? A senhora pode citar alguns?

Raimunda Frazão: Esse aqui São Raimundo Nonato dos Mulundus, cordel um santo do Maranhão, ele fala do festejo de São Raimundo. Esse aqui em homenagem a Negro Cosme. Esse aqui em homenagem ao Miolo do boi. Esse aqui - Tempo de Guarnicê - fala de todas brincadeiras folclóricas do Maranhão. Esse sobre a cidade de São Mateus do Maranhão. Esse sobre a cidade de Cantanhede- MA. Esse aqui sobre São José de Ribamar - MA. Esse aqui a cidade de Raposa em Cordel. Esse aqui falando do Quebra Pote, esse caso aconteceu real mesmo lá no Quebra Pote. O finalzinho dele diz assim: “foi uma história real, ninguém deve duvidar, o dia em que a jumenta fez a noiva desmaiar, e o jumento fofoso botou o noivo pra rodar”. Esse aqui foi em 2020 que eu escrevi ele, mas só que o acontecimento foi bem antes. Esse aqui sobre os 409 anos de São Luís. Todo aniversário de São Luís, quando é mais ou menos dia 06 eu faço uma poesia em homenagem a São Luís e já deixo no jornal e ele pública. Porém esses tempos eu não tenho feito, mas eu fazia todo ano, tanto que nesse livro - Sol luar brisa e mar - tem vários sobre o aniversário de São Luís. Esse aqui, Maria Firmina. Esse aqui é sobre a viagem de uma romaria de São Mateus até Canindé no Ceará. Esse aqui fala dos idosos. Esse aqui foi um concurso de poesia que teve em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Cohab, onde eu consegui o 1º lugar também, e o tema era assim: “este cordel teve como origem a poesia - Maria de sempre - vencedora do 1º festival de poesia da paróquia de nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro da Cohab, São Luís - Maranhão, em 2017. O tema era Maria exemplo de ser mulher, aí eu fui falando de cada mulher.

Entrevistador: É muito interessante notar que os seus cordéis e suas obras sempre trazem elementos da cultura do Maranhão, suas produções são sempre muito ligadas ao nosso estado.

Raimunda Frazão: Aí em mulheres e profissões eu falo de cada profissão. Esse aqui - Mulher símbolo de amor e fé - toda festa que eu passo eles convidam para eu declamar essa poesia. Toda festa de 2015 para cá, o pessoal da Polícia e da Casa da Mulher Brasileira pede essa poesia aqui.

Entrevistadora: A senhora quer ler pra gente? Pode ler.

Raimunda Frazão: O título do cordel é: Não ao feminicídio, ao suicídio e a violência. O cordel tem três poesias diferentes, eu vou ler a primeira que se chama Não ao feminicídio: “É o feminicídio nos tirando a paz. Não dá pra entender o homem faz. Se todos nascemos de uma mulher. Porque tanto ódio ou falta de fé. Se ela declara não te quer mais. Procure outro amor e a deixe em paz. Se você por ela já não sente amor. Deixe-a ir embora, ou vai por favor. Todo ser humano tem direito à vida. Ela pra você já foi pessoa querida. Se ela te desgosta é só a deixar. Pede forças a Deus para perdoar. Não pense que o crime possa resolver. Só vai gerar dores e muito sofrer. Se tiverem filhos quão abalado vai. Sabendo a mãe morta pelo próprio pai. Se depois do crime tua vida tirar. Pensando com um ato tudo liquidar. A tua condição só vai piorar. Por mais uma culpa terás que pagar. O filho terá tristeza na vida. Um pai criminoso e também suicida. Feliz na chegada, triste na partida. Só misericórdia de Deus em outra vida”.

Entrevistadora: E são temas muito importantes em serem discutidos na sociedade e de ser levado às escolas, muito bom Dona Raimunda.

Raimunda Frazão: Geralmente, um professor fala com a diretora da escola sobre quem está querendo convidar, e então a diretora convida ou autoriza o professor a convidar. Nessa escola aconteceu assim, eu cheguei lá e eram meninos bem pequenos, faixa etária de 5 anos por aí. A cuidadora deles, disse assim: “não sei porque eles convidaram a senhora pra falar sobre cordel pra esses meninos, eles são muito danados, não prestam atenção em nada e ninguém pode dizer nada pra eles”, era uma escola particular. Eu disse: “não, não tem problema não. Eles me convidaram, eu estou aqui e a gente faz o que for possível”. Perguntei à ela se haviam tapetes e ela disse que sim e abriu os tapetes na sala. Pedi para colocar eles sentados no tapete, eu tirei meu tênis, fiquei só de meia e sentei perto deles. Falei: “bom dia, tudo bem com vocês?” Todos responderam que sim. Então eu disse: “vem cá, a avó ou a mãe de algum de vocês já cantou Ciranda Cirandinha?”. Aí eles: “Já tia, já”. Eu perguntei: “alguém sabe aí?” Então eles começaram a cantar a música da Ciranda. Eu disse: “isso, mas nós vamos combinar o seguinte, quando eu fizer assim vocês cantam só essa parte que vocês cantaram, vocês vão cantar várias vezes a mesma parte, e quando eu fizer assim todos vão ficar caladinho e aí eu canto uma parte que eu aprendi lá na minha casa”. Então combinamos e eles cantaram a primeira parte. Quando eles terminaram eu comecei a cantar: “eu sou criança e não quero as drogas em minha vida, pois não quero fazer parte de uma geração perdida.” Aí eles: “ciranda cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar meia volta, volta e meia vamos dar. Aí eu: “eu quero levar minha infância a brincar e estudar obedecendo aos meus pais, meu futuro preparar”. Então eles cantaram de novo e eu continuei: “Deus criou homem a sua imagem não foi pra ser marginal, foi pra viver com amor e ter uma vida legal”. Todos eles bateram palma, eu disse: “e agora? vocês ainda querem ouvir mais alguma coisa ou já está bom?” e todos responderam que queriam ouvir mais. Eu disse: “então vamos fazer o seguinte, alguém já ouviu falar em Luiz Gonzaga?” “Já sim, tia”. É difícil ter alguém que ainda não tenha escutado ouvir falar sobre Luiz Gonzaga. Então eu disse: “mas sobre lampião eu acho que ninguém nunca ouviu falar”. Aí uns três falaram que

já tinham ouvido falar. Eu falei: “então nós vamos fazer assim, eu vou ler só um trequinho do lampião, só o comecinho, se vocês não gostarem vocês dizem tá bom tia a gente não quer mais que aí eu obedeco, vocês que mandam”. Eu botei o cordel - Entrada de Lampião no céu: “mais uma vez lampião na porta do céu chegou, implorou a permissão para entrar Pedro negou, Gonzaga que ia passando da porta se aproximou. Pedro não seja cruel, saiba que existe o perdão. Você negou Jesus Cristo por 3 vezes meu irmão. E ele te perdoou fez-te do céu guardião. Aí Pedro: Seu Gonzaga não me venha com essa tal bajulação. Não entendo porque o senhor gosta desse Lampião. Não fui com a cara dele, ele aqui não entra não”. Os alunos gostaram e ficaram super alegres. Quando eu terminei a professora falou: “senhora, você conseguiu um milagre”.

Entrevistador: A senhora é um exemplo que a pessoa leva pra vida. O cordel chama muita atenção pela rima, pela métrica, pela musicalidade. Então isso as vezes falta nas escolas.

Raimunda Frazão: E nesses tempos era aniversário de Gonçalves Dias e teve até um trequinho que saiu na Globo onde eu cantei a canção do exílio lá na academia de letras. A música fala assim: “Minha terra tem palmeiras, onde canta o Sabiá. As aves, que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores. Nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, mais prazer encontro eu lá. Minha terra tem palmeiras, onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, que tais não encontro eu cá. Em cismar sozinho, à noite, mais prazer encontro eu lá. Minha terra tem palmeiras, onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá. Sem que desfrute os primores, que não encontro por cá. Sem que ainda aviste as palmeiras, onde canta o Sabiá. Sem que ainda aviste as palmeiras, onde canta o Sabiá”. É letra de Gonçalves Dias e música e interpretação de Raimunda Frazão, muito obrigada.

Entrevistador: Dona Raimunda, eu queria saber um pouco sobre as suas técnicas, o seu estilo de vida, como é o processo para senhora produzir um cordel? Você segue um plano ou deixa fluir livremente?

Raimunda Frazão: Eu não sigo um plano, eu deixo fluir livremente. Só que eu vou escrevendo e vendo se está rimando ou não.

Entrevistador: Quais cordéis fizeram mais sucesso das suas produções? Você consegue definir alguns?

Raimunda Frazão: Na realidade não dá muito pra definir, porque como eu faço um trabalho voluntário, aí digamos, eu vou em uma escola pública, eu levo vários cordéis e distribuo para os alunos. Se eu vou na privada eu não levo pra distribuir eu só mostro e aí normalmente eles pedem para os pais comprarem e vão ver aonde que tem pra vender. Mas graças a Deus, eu ainda não achei alguém que já tenha falado que não gostou de alguma produção. E eu sou fotógrafa também, inclusive as fotos das capas dos meus livros são feitas todas por mim. E eu já tenho seis prêmios de fotografia.

Entrevistador: Tenho uma pergunta sobre a sua relação com o público. Sobre as suas produções, eles leem e depois a senhora recebe algum feedback, sugestões de temas?

Raimunda Frazão: Não, não tem muitas sugestões porque eu larguei o facebook e larguei o instagram porque eu estava sem tempo de dar um feedback para as pessoas. Tem alguma coisa minha no instagram, que é uma menina chamada Megan, que coloca de vez em quando algumas

coisas. Ela pediu permissão pra botar dizendo que era eu, mas nem o endereço do Instagram eu sei. E eu também tenho canal no youtube, é Raimunda Pinheiro de Sousa Frazão.

Entrevistadora: A senhora sabe que tem também tiktok?

Raimunda Frazão: Eu sei que tem mais eu não uso, eu só já tive o Instagram e facebook. Tik Tok eu não tenho porque é mais recente.

Entrevistador: Dona Raimunda, como a senhora lida com a preservação do cordel em um mundo cada vez mais digital, onde muitos livros são produzidos e vendidos de forma online?

Raimunda Frazão: Quando eu visito as escolas, a gente fala sobre cordel e a sugestão é que os meninos procurem se atualizar conforme o que tiver em andamento no dia, porque as coisas mudam a cada instante. Então, eles que são jovens, tem que ir se atualizando. Eu vou continuar fazendo do jeito que eu faço, mas eles têm a possibilidade de se atualizarem e a necessidade também. Então eu digo pra eles: “olha se vocês botarem lá no google, como é a montagem do cordel ele vai te explicar tudo direitinho. Então vão lá e aproveitem as possibilidades que vocês têm em mãos que nós não tínhamos antigamente”.

Entrevistadora: Eu também acho que essa parte das mulheres no cordel, sobre esse seu papel como a mulher no cordel, uma mulher no Maranhão no cordel, porque a senhora é a mais famosa cordelista maranhense, então nós queríamos que a senhora explicasse um pouco isso.

Raimunda Frazão: Não sei se eu sou a mais famosa porque eu não procurei pesquisar, mas assim, depois de 2018, depois que o cordel virou Patrimônio Imaterial do Brasil, tem muitas mulheres se interessando pelo cordel e assim vão surgindo inúmeras cordelistas.

Entrevistadora: Mas a senhora sente um reconhecimento? Tem alguma disputa com os homens que são cordelistas aqui no Maranhão, pelo fato da senhora ser mulher?

Raimunda Frazão: Eu nunca tive disputa com homem em nenhum assunto. Primeiro, lá na oficina do meu pai só tinha aluno homem e eu sempre ficava lá dentro da oficina e sempre ajudava ele na hora que me dava vontade. Segundo, no meu curso técnico, você já ouviu dizer que eram 36 homens e só 6 mulheres, eu era muito bem querida por eles, tanto que eles queriam que eu tivesse na equipe. Terceiro, nos correios eu entrei com auxiliar de agências, fui fazendo concursos internos e todo mundo me queria no grupo deles. Eu tinha liberdade de fazer poesias, fazer meus cordéis e declamava nos eventos do Correios. Na época que eu trabalhei lá, era a melhor empresa pública do Brasil. Hoje, porque o governo anterior quis se desfazer do Correios, quis vender, mas não conseguiu. Então, na rua e em outros estados eu participei não sei de quantas FLIPs. Eu nunca me inscrevi para participar da FLIP, eu só chego lá. Depois da pandemia eu não fui porque os horários estão batendo com outras coisas que eu faço. Na Flip tinha o palco aberto, não sei como está nos últimos dois anos porque eu não fui, mas na minha época, tinha um palco aberto e lá você subia e declamava. Se você tivesse muitos aplausos, o administrador do palco falava para você voltar tal hora, então eu sempre era solicitada para voltar. Participei de várias Flips em Porto, porque antigamente começou em Porto de Galinha, em Pernambuco e atualmente é em Olinda. Na Feira Literária de Pernambuco eu participei de várias e lá a maioria era homem, mas todos eram bem gentis. Participei de eventos no Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza. Em Fortaleza, que é terra de cordelista de primeira qualidade, eu ganhei um concurso de cordel, com a História do Náutico em cordel. Teve a abertura da inscrição para quem quisesse concorrer eu me inscrevi, mandei o material e aí mandaram me

convidar para o final. No dia do resultado, eu fui mas também não estava nem imaginando que seria classificada, fui porque eu gosto mesmo. Cheguei lá chamaram terceiro lugar, fulano de tal Ceará, segundo lugar, fulano de tal do Ceará, e então falaram: “primeiro lugar veio lá do Maranhão”, mas eu não sabia se era eu porque tinha muitos cordelistas no Maranhão, aí falaram: “Raimunda Frazão” e então eu pude ter certeza que era eu. Me chamaram lá, eu fui e eles cumpriram a promessa de mandar editar e fizeram a doação de vários cordéis pra mim. A História do Náutico em Cordel, com ele eu tirei o primeiro lugar lá no Ceará, que é terra de cordelista.

Entrevistadora: É uma coisa interessante então, a senhora tem um reconhecimento, a senhora pode não ter um reconhecimento financeiro, mas o reconhecimento intelectual, cultural, escolar, esse a senhora tem.

Raimunda Frazão: Pois, graças a Deus tenho. E o financeiro eu não tenho porque eu não quero. Eu resolvi trabalhar como voluntária porque eu quis mesmo. Em 2001, eu ainda era casada, eu hoje sou viúva, e nós tínhamos fundado um trabalho comunitário lá em São José dos Índios - Ribamar, desde 92, desde o ano que nós chegamos lá. Era chamado Movimento Ecológico Regional de Saúde com a Arte. Esse trabalho começou na nossa casa, a gente dava aula de reforço para as crianças, porque quando nós chegamos lá, descobrimos que no colégio público os meninos ficavam brincando na praça e as professoras ficavam jogando baralho na sala, porque não tinha energia e elas também não recebiam o giz. Então meu esposo ainda arrumou as instalações, ele era eletricitista, ajudou de alguma forma e disse: “nós vamos botar uma ajuda aqui pra esses meninos, pra eles não ficarem só brincando na praça. Então os meninos que estão escritos na escola pública de manhã vêm pra cá de tarde, e os alunos que estão escritos pela tarde, vem pra cá pela manhã”. Eu contratei uma professora para dar aula pra eles, porque eu trabalhava no Correios e não tinha como ficar lá. O meu esposo administrava os trabalhos, a gente fornecia um lanche para os meninos de cada turma, dava aula de reforço, ensinava alguma coisa de serigrafia, fotografia. A gente também ensinava para os pais instalações elétricas e instalação hidráulica para pequenas construções, porque se eles fossem fazer na casa deles não precisariam pagar alguém pra fazer. A gente levava pessoas para ensinar a fazer sorvete, ensinar a bordar, um monte de coisas a gente levava pessoas para ensinar os alunos e os pais. E esse pessoal que ia ensinar lá, eram amigos nossos que não cobravam a gente. Quando foi em 2001, meu esposo disse pra eu pedir as contas do meu emprego para melhorar o serviço comunitário e também pra gente construir uma escola separada da nossa residência e dar continuidade no trabalho porque os meninos estavam gostando. Então eu pedi as contas, pedir aposentadoria proporcional, porque eu ainda não tinha tempo suficiente de serviço e fui trabalhar com ele na comunidade. Só que em 2007 ele faleceu e eu fiquei até 2010, mas estava muito complicado pra levar tudo sozinha, e então eu resolvi dissolver a ONG, conversei com o pessoal da diretoria, que eram amigos nossos aqui de São Luís. Demos baixa na ONG e doamos o prédio para a Prefeitura de São José de Ribamar, passado tudo em cartório, em 2011. Porém deixaram se acabar tudo, acho que até o chão não existe mais. Como o meu propósito era trabalhar como voluntária, não fiz acordo com prefeito, só fiz acordo com Deus, então eu continuei como voluntária e graças a Deus tá tudo bem.

Entrevistador: Dona Raimunda Frazão, a gente também queria ouvir da senhora sobre as suas premiações, o que a senhora já ganhou como cordelista? A senhora já falou um pouco, mas o que o cordel lhe proporcionou de experiências positivas?

Raimunda Frazão: Eu tenho um 1º lugar com o cordel João do Vale em Cordel, tenho um 1º lugar com a História do Náutico em Cordel, tenho um 1º lugar com Gentil Braga em Cordel.

Tenho um 1º lugar com Maria de sempre em Cordel. Com o livro Aventuras de um Cachorro Viajante eu participei de uma coletânea em homenagem aos 500 anos do Brasil onde eu mandei o conto, esse bem aqui.

Entrevistador: Conto premiado no 5º Concurso de Literatura de Prosa e Verso, organizado por Arnaldo Giraldo, publicado no livro 500 Outonos de Prosa e Verso. Julho de 2000, São Paulo.

Entrevistadora Frazão: Eu queria perguntar pra senhora, esses cordéis que a senhora fez sobre Ana Jansen, Dom Sebastião... a senhora teve vontade de falar deles, ou porque o tema tem um apelo comercial?

Raimunda Frazão: Não, eu nunca vou pelo apelo comercial. O de Ana Jansen eu fui mais porque a maioria das pessoas só fala da Ana Jansen a parte ruim. O que acontecia naquela época? todo senhor humilhava o escravo, quase na totalidade. Então porque ficaram cismando só com ela? porque era mulher. Então eles achavam que ela não podia ter sucesso porque ela era mulher. Por isso que eu resolvi pesquisar e escrever o cordel sobre ela, que na realidade não era uma santa, mas naquele tempo, dono de escravo não carregava escravo na palma da mão, todo mundo fazia maldade. Mas aí a história que eu conto dela é a história que as pessoas contam mesmo. Eu fiz pesquisa, ouvi muitas pessoas, inclusive a neta dela, dona Teresinha Jansen, que ainda era viva na época, conversei com outros parentes, conversei com Josué Montello, conversei com várias pessoas daqui de São Luís. E o Dom Sebastião porque eu acho interessante a história do touro nas noites de lua cheia e então eu quis fazer o encontro dele com Lampião nas terras do Maranhão.

Entrevistador: Dona Raimunda Frazão, eu queria também saber um pouco mais sobre o seu projeto Poesia e Movimento, eu já vi que a senhora tem o nome na sua camisa estampada.

Raimunda Frazão: O Poesia e Movimento e da seguinte forma. Eu estou aqui, vocês tão fazendo entrevista e aí quando eu fui ler a poesia pra vocês, várias pessoas ao redor ouviram também. Então na hora que me encontrarem em algum lugar, vão dizer: “ah eu ouvi assim assado a senhora pode ler uma outra”. Quando eu estou andando pela Praia Grande e encontro um grupo, os guias turísticos tem muitos que me conhecem, me apresenta pro grupo e me pedem para eu declame alguma coisa, aí eu declamo, eles gostam e perguntam aonde tem. Na Praça dos Poetas eu também declamo, na Feirinha São Luís eu também declamo aos domingos. Sempre eu declamo a poesia que tem a ver com o assunto da semana ou do mês. Eu visito aqui também na biblioteca, na parte interna onde tem a área infantil quando tem atividade eu declamo. Aqui estava acontecendo a Terça do Cordel e eu vinha participar. Eu declamo em avião, em aeroporto, em tudo quanto é lugar. Já teve até gente que me pediu para fazer poesia de missa de sétimo dia. E eu já declamei em outros países também.

Entrevistadora: Declamou em outros países? Que países?

Raimunda Frazão: Eu declamei em Angola, participei da 1º Bienal de Luanda pela Cultura da Paz. Eu não estava convidada, fui por conta própria, mas no aeroporto me deram o convite e então participei e todos eles gostaram. O nome da poesia é Grito por paz, está no livro Lugares e Momentos, é a primeira poesia do livro. Eu já fui em Roma, mas não vi o papa, porque na quarta-feira eu estava esperando na fila e o papa estava gripado e não apareceu. Mas na fila tinham pessoas brasileiras, aí a gente conversando, papo vai papo vem, eu declamei uma poesia, eles gostaram, bateram palma, isso em 2018. As pessoas de outros idiomas, que estavam lá,

pediram para alguém traduzir para o inglês, aí traduziram para inglês, eu declamei mais uma poesia, porque a fila era muito grande e foram aparecendo outras pessoas para traduzir.

Entrevistadora: Mas a senhora já tem algum livro traduzido em outro idioma, em inglês, por exemplo?

Raimunda Frazão: Não.

Entrevistadora: Mas eu acho que a senhora no futuro deveria.

Raimunda Frazão: Não, mas já teve gente que quis, mas eu não quis traduzir não. Mas por exemplo, se alguém quiser traduzir o livro para tal idioma eu autorizo.

Entrevistadora: Eu estou falando isso pra senhora porque uma vez eu vi uma entrevista do Ariano Suassuna e ele estava contando que quando ele escreveu o Auto da Compadecida, um amigo dele, que queria ser muito famoso, falou: “como que é o nome dos personagens?” Aí ele respondeu: “João Grilo e Chicó”. E o cara falou pra ele: “mas como é que tu vai traduzir isso para outros idiomas?”. E no final das contas o Ariano conseguiu fazer sucesso internacional e esse que era amigo dele, nunca conseguiu. Então assim, esse que estava preocupado em fazer coisa pra agradar o estrangeiro, nunca conseguiu, e o Ariano Suassuna, conseguiu fazer muito sucesso.

Raimunda Frazão: Eu fui amiga do Ariano Suassuna, ele me encontrou várias vezes lá em Pernambuco e quando ele esteve aqui em São Luís nós conversamos. O Bráulio Bessa também é meu amigo, eu conheci ele antes dele ir pra globo, e quando ele esteve aqui em São Luís eu não me lembro em que ano foi, em 2021 por aí, eu conversei com ele também.

Entrevistadora: Dona Raimunda produz muito, ela tem uma produção grande, ela escreve muito desde os sete anos de idade até hoje, é uma produção maravilhosa. E tem esse aqui - Preconceito Secreto e Grito da Natureza - que são duas peças de teatro que ela leu um poema pra gente. Tem os Versos de Versos, muito bonito esse papel amarelinho. Entre Espinhos e Girassóis Coletânea de Cordéis, que está na 2ª edição já. Esse aqui, que ela já falou que ganhou prêmio, inclusive de fotografia, a senhora fez algum curso, ou aprendeu sozinha?

Raimunda: Não, essa foto aí não entrou no concurso. O prêmio de fotografia foram outras fotos, mas eu tenho vários cursos de fotografia. Eu fiz uns antes e fiz um com esse cidadão fotógrafo que era meu esposo, e fiz vários depois desses cursos curtos.

Entrevistadora: Esse aqui tanto a capa quanto o livro está muito bonito - Sol, Luar, Brisa e Mar, achei muito lindo. E ela tem também um livro chamado São José de Ribamar, lendas em versos.

Raimunda Frazão: Lendas em versos e mais porque eu fiz o primeiro chamado São José de Ribamar lendas em versos 1, depois São José de Ribamar lenda em versos 2 e agora fiz São José de Ribamar lendas e versos e mais. porque além do cordel nos primeiros ele tem mais coisas aí.

Entrevistadora: E aqui ela faz a dedicatória ao seu Crispim Sousa, pai dela. Luiz Gonzaga Araújo Frazão, esposo dela. Dona Idalina Pinheiro Sousa, mãe da dona Raimunda. Lusimar de

Sousa Mendonça, irmã. Princesa Daiane, Sargento Tainha, Seu Tamtam, seu cachorro. Parabéns Dona Raimunda.

Entrevistador: Que ótimo saber que o Maranhão conta com uma pessoa tão merecedora, Dona Raimunda Frazão. Caminhando já pro final, queria saber o que a senhora pensa pro futuro, o que tem planejado e também queria ouvir algum conselho pra quem está iniciando agora o interesse no cordel, está começando a escrever. Qual recado a senhora deixa para essas pessoas?

Raimunda Frazão: O futuro conforme eu já ouço dizer desde quando eu era criança, que o futuro a Deus pertence, então não adianta muito você planejar. Mas no meu entendimento, na minha concepção, a pessoa deve fazer aquilo que é certo, não importa se o seu fulano tá fazendo isso aqui, você faça aquilo que a sua consciência disser que é o correto, não importa se você vai ter sucesso assim ou assado, o que importa é que você vai fazer aquilo que você gosta e que não vai prejudicar ninguém.

Entrevistador: Muito bom. Então é isso, eu queria agradecer a sua presença, o seu tempo, em disponibilizar esse momento para conversar com a gente sobre a sua trajetória, são anos e anos de trabalho, de jornada, foi um prazer e a gente só tem agradecer a sua presença, que a senhora continue brilhando na sua jornada e continue produzindo esses materiais riquíssimos. Muito obrigado professora Adriana também.

Entrevistadora: Muito obrigada.

Raimunda Frazão: Eu quero apresentar o meu agradecimento à professora Adriana e ao Silviney e dizer para vocês que eu estou à disposição, mesmo que vocês queiram conversar dia X e eu não estiver disponível, a gente marca uma outra hora.

Entrevistador: E quem quiser adquirir os seus materiais? Onde deve procurar?

Raimunda Frazão: Pode ir na livraria Vozes, na rua do Sol - 496, na AMEI lá no shopping São Luís, na livraria Lektí ou lá em São José de Ribamar, tem na Casa Gamela. Mas o mais certo é na Vozes e na AMEI.

APÊNDICE B – ENTREVISTA REALIZADA COM JÚLIA CONSTANÇA CAMÊLO

Entrevistador: Olá, bom dia a todos. Eu me chamo Silviney. Sou aluno da Universidade Estadual do Maranhão. Estou aqui com a professora Doutora Adriana Zierer para conversar um pouco com a professora Doutora Júlia Constança, que é professora da Universidade Estadual do Maranhão e cordelista. Nós vamos conversar um pouco sobre a trajetória de vida dela como cordelista. Desde já muito obrigado professora pela disponibilidade em se reunir com a gente para ter essa conversa. A primeira pergunta que eu gostaria de fazer para senhora é: como que a sua jornada com a literatura começa?

Júlia Constança: Eu que agradeço também pela oportunidade que vocês estão me dando para conversar um pouco sobre a Literatura de Cordel. Como que a Literatura de Cordel começou a fazer parte da minha vida? Desde a infância. Eu nasci em um ambiente rural, na década de 60 a gente vivia em uma área rural, onde o acesso à cultura e à informação era bem restrito. Não era uma sociedade tão letrada, mas a região onde a gente nasceu tinha escola, já tinha esse cuidado de alfabetização. Mas o acesso à literatura e à informação era muito restrito mesmo. Por exemplo, o rádio era o meio de informação mais presente naquele momento, então ouvia-se música, principalmente o forró e a cantoria, que a cantoria estava presente também naquela realidade em que eu nasci porque apareciam os repentistas, que eram os violeiros que a gente chamava. Então alguém da área gostava e chamava e às vezes eles iam passando e combinavam: “de noite eu passo na casa de fulano, vai na casa de fulano vai ter uma cantoria”. Ou então eles eram encontrados na cidade e eram levados pro sítio. Então essa presença da cantoria eu também tive na minha infância. Depois veio a radiola que tocava os discos. E o meu tio comprou uma radiola e passou a comprar discos de repentistas também e a Literatura de Cordel já acontecia porque meu pai ia pra feira aos sábados e quando ele voltava da feira, sobrava alguns trocados e ele comprava um folheto e trazia para ser lido em casa. Quando essa literatura chegava em casa, a minha irmã mais velha, ela era professora do Mobral, então ela lia melhor. Então se reuniam todos que estavam por ali e ela lia. Eu era criança, analfabeta e nem queria ir pra escola mesmo, porque a escola era um lugar meio estranho para mim. Eu gostava muito das histórias e um dia eu pedi pra minha irmã ler para mim e ela disse: “Não, lê tu”. Aí começou uma discussão e foi quando eu entendi a importância da leitura. Eu não sabia ler, mas eu entendi que se eu aprender a ler eu vou ler o meu cordel. A partir dali eu comecei a me interessar por leitura. Então a Literatura de Cordel pra mim foi essa questão do despertar para aprender a ler.

Entrevistadora: Só um instante, Professora Júlia, a senhora não localizou bem a sua região, e isso é bem importante, porque a Literatura de Cordel ocorre no Nordeste.

Júlia Constança: Isso, ela é uma tradição oral, aquelas histórias de Theodora, dos valentes, dos reis da França, que eram literaturas da Europa muito antes da chegada do europeu. Então essas histórias elas vêm, vão ser contadas e vão ficar na oralidade ali no sertão e depois elas vão ser passadas para o papel, que é quando aumenta a alfabetização no sertão. E esse sertão que eu tô falando é no município de Buíque no sertão de Pernambuco, na região que fica a uns 30 a 350 km da capital Recife.

Entrevistador: Professora, a senhora aprendeu a ler por essa influência do cordel? Foi isso que lhe motivou?

Júlia Constança: Eu atribuo a presença do cordel na minha realidade, da casa do meu tio que ouvia-se cantorias na vitrola e alguém ficava lendo cordel. E eu atribuo a Literatura de Cordel porque foi onde eu vi sentido em aprender a ler.

Entrevistadora: E também queria que explicasse porque que a escola era uma coisa distante da sua realidade, que você não tinha interesse.

Júlia Constança: Eu era uma criança muito livre em um espaço rural onde a minha vida era voltada para os animais, tinha um jumento que andava nele, eu era muito “do mato” de ficar no mato. Então quando a gente ia pra escola era um momento mais preso, mais fechado e naquelas horas a gente tinha que ficar mais parada e também eu acho que eu era uma menina um pouco hiperativa.

Entrevistadora: Mas você frequentava a escola?

Júlia Constança: Sim, a partir daí eu já ia pra escola, mas aí eu me interessei pela escola e a escola passou a ser para mim um lugar muito bom porque eu aprendi a ler rapidamente e isso mudou a minha relação com a escola.

Entrevistadora: Aí você vai ter um segundo momento que é o momento que você vai sair do município de Buíque para São Paulo. Queria que você também relatasse isso para gente.

Júlia Constança: Isso, aos treze anos eu saio dessa região do sertão de Pernambuco e vou morar em São Paulo, na zona norte no bairro de Santana. Lá eu faço o meu ensino fundamental que é o 6º, 7º, 8º e 1º ano do ensino médio. Nessa realidade de São Paulo eu fui viver outras aprendizagens. A Literatura de Cordel não estava mais presente naquela época. De lá eu migro para o Maranhão, aos 18 anos, na região de Balsas. Depois em 93 eu passo no vestibular para fazer o curso de história, então eu tive que vir de Balsas para São Luís para fazer o curso. Quando eu cheguei aqui eu conheci uma professora do Rio de Janeiro que era do Departamento de História, o nome dela era Sônia Lino. A gente gostava muito de conversar e eu dizia pra ela que eu tinha vontade de falar um pouco do que era essa nossa sociabilidade, de como havia na casa do meu tio o que eu chamava de espaço cultural, porque tinha a leitura de cordel, tinha as conversas paralelas e tinham as vitrolas onde eles ficavam ouvindo e tinha aquele momento onde as crianças ficavam brincando. Então a casa do meu tio também tinha uma outra característica que era além de ser um espaço cultural era um espaço onde a gente convivia muito com os primos. Eu sempre conversava com ela sobre isso, então ela disse: “Júlia, porque tu não faz a tua monografia sobre Literatura de Cordel?”. Eu disse: “Mas professora, a Literatura de Cordel, cultura essas coisas, as discussões na UFMA naquele momento não passavam por isso. A monografia era recém implantada no curso, aliás a primeira monografia do curso de história quem escreve é Ximendes, em 1995, por aí. Eu me lembro até do título: São Luís, o século esquecido, uma coisa assim, que ele faz uma monografia sobre o levantamento da documentação que ele encontra da Câmara de São Luís, durante o período da reforma além do centro histórico. Chegaram no casarão e tinha aquele monte de livro do século XVIII sobre a Câmara de São Luís. E então Ximendes faz o trabalho dele sobre essa documentação e a partir dali começa a monografia. A discussão sobre história cultural era muito superficial, mas o professor Washington já tinha tido um contato, na disciplina de metodologia a gente já leu Chartier e Ginzburg. Então o professor já tinha tido contato com essa literatura da história cultural. Só que a Sônia vai até o Rio de Janeiro e lá ela pega uma dissertação sobre migrante e Literatura de Cordel, me orienta e eu faço a minha monografia sobre Literatura de Cordel

Entrevistadora: Professora Júlia nós temos que pensar que os ouvintes nem todos nos conhecem então quem é Carlos Alberto Ximendes, Washington Torino, é melhor a gente explicar.

Júlia Constança: Carlos Alberto Ximendes é professor Doutor do curso de História da UEMA e o professor Washington Torino é professor de História da UFMA e foi a partir dos textos dele que eu comecei a ler um pouco sobre história cultural.

Entrevistadora: Também é bom dizer que a senhora é casada com o professor Doutor Carlos Alberto Ximendes e depois ambos foram para São Paulo onde fizeram o mestrado e vai continuar a sua história com a Literatura de Cordel.

Júlia Constança: A graduação eu terminei em 96. Nós já estávamos casados, ele vai pra Assis (12:33) e consegue um programa que existia na UFMA que era o Prata da Casa, através desse programa ele consegue ir para Assis, a gente vai junto, e eu passo no programa deles pra fazer mestrado também. Então eu dou continuidade na temática do cordel que eu tinha começado na monografia. Lá em Assis eu pensei assim: “eu agora vou tentar entender a migração, como é que esse cordelista migrante chega na outra cidade”. Como eu tinha vivenciado na adolescência um movimento de migração, a minha questão foi tentar entender como o migrante se inseria produzindo as temáticas. Eu pego um grupo de poetas que viveram no Rio de Janeiro e fui fazer sobre eles. Foi influência também do material que a Sônia tinha me dado. Lá eu encontro uma biblioteca maravilhosa, na Universidade Estadual de Londrina, que tinha uma coleção de Literatura de Cordel com mais de dois mil folhetos, muito bem organizada. Foi o maior acervo que eu vi, mas eu também fui para os acervos do Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa e também fui para Santa Tereza, onde fica a academia brasileira de Literatura de Cordel, no morro de Santa Tereza, que também tem um acervo muito bom. Eu utilizei esse material para analisar. Eu analisei os folhetos de cordel na minha dissertação.

Entrevistadora: E depois a senhora publicou um livro.

Entrevistador: O tema do livro da professora Júlia Constança é o cordel e o imigrante nordestino: companheiros de viagem, da editora UEMA.

Júlia Constança: O livro é uma parte, ele não está tão completo do que foi o trabalho da dissertação porque para imprimir a gente faz umas reduções. Mas ele é basicamente aquilo que eu fiz na pesquisa de mestrado em Assis. A publicação acontece no Maranhão quando eu já na pós-graduação da UEMA e como professora do curso de História da UEMA. No livro eu quis mostrar quais são as características da Literatura de Cordel, como ela é feita. Eu falo dos tipos de versos, da métrica, dos poetas que eu analisei a produção deles e apresentei alguns cordéis analisados desses poetas que eu fiz sobre o Rio de Janeiro. Quando eu fiz o trabalho consegui perceber muito a ideia do saudosismo, então tem uma parte da produção que ela tá muito voltada para o nordeste. Depois a gente já vê uma visão de que eles têm que falar para o turista, o cordelista fala “o meu público é o nordestino” é o nordestino que está aqui na feira do São Cristóvão, que eles vendem os cordéis lá na feira do São Cristóvão. Mas eles começam a se preocupar com o outro público, que é o público dos turistas. Então eu vou mostrando quais os poetas que mais produzem o cordel e traduzem para o francês, inglês. É uma mudança nas temáticas, então muita biografia de figuras como Gandhi, figuras que são mais ou menos universais. Então aqui eu já começo a perceber, por volta da década de 90 que esse público que o cordelista estava visualizando que está indo para feira do São Cristóvão.

Entrevistadora: Professora Júlia Constança esse livro é de 2014, publicado pela editora UEMA. Eu queria saber como foi a recepção desse livro, tanto pelo público acadêmico, quanto pelas pessoas comuns?

Júlia Constança: Até que a gente não tem tão claro essa resposta. Eu confesso que teve uma resenha que o Geraldo Menezes lá do Pará fez sobre ele e essa resenha ficou na internet. Então ela teve uma visibilidade. Ele faz uma resenha e faz também uma crítica. A crítica eu me lembro que ele fala que eu tinha feito o trabalho em 2000 e eu publiquei em 2014 e não tinha feito muito a revisão, então tinha umas coisas que já mudaram aqui, já mudaram ali, essa é a crítica que ele faz, mas ele está certo, eu não voltei tanto ao texto. E sobre essa recepção eu percebo que aqui no maranhão existe interesse pela Literatura de Cordel, as pessoas da década de 70 ouviram mais a leitura de cordel, mas a produção e a escrita não faziam tanta parte dessa vivência do maranhão. Tinha uns e outros, mas não era tão presente.

Entrevistadora: Eu queria dar meu depoimento como utilizadora do seu livro e como professora da UEMA, porque a professora Júlia Constança disponibilizou vários exemplares desse livro gratuitamente para muitas pessoas, dentre os quais, alunos do curso de história. Então sobre a minha experiência, eu utilizei este livro na disciplina de História Medieval e pra mostrar que tem relação entre o medievo e a contemporaneidade através do cordel foi muito bem recebido, os alunos gostaram muito, os pesquisadores quem vem aos eventos gostaram muito desse material. Então é um material que atende aos interesses de muitas pessoas, muitas pessoas vão ter acesso à Literatura de Cordel através do seu livro. Claro que nós temos outras obras, outros estudos consagrados sobre Literatura de Cordel, mas o seu livro é uma porta também de acesso, de entrada para que as pessoas conheçam o cordel.

Júlia Constança: E ficou muito prático, muito didático, fácil de compreender.

Entrevistadora: Por isso que eu considero importante, não só a gente fazer nossas produções, nossas pesquisas acadêmicas, mas também publicar, difundir e a questão também do livro impresso, que é muito importante a questão da pessoa poder pegar na mão. Então o seu livro ficou muito agradável, para quem não conhece o livro tem a capa verde, uma capa muito bonita.

Júlia Constança: Essa capa foi feita assim. Eu queria uma capa de um nordestino com uma mala, e eu fui fazendo uns desenhos e ele mandou para alguém ir fazendo. Eu me lembro que eu dizia assim: “bota um jegue. Aí ele colocou um jegue lá atrás. “Agora bota uma lagartixa”. E ele colocou. Eu ia falando e ele ia envolvendo com os personagens. Então ficou quase uma xilogravura.

Entrevistadora: Na capa há um casal, o homem com um chapéu de vaqueiro segurando uma mala, a mulher com uma trouxa na cabeça grávida, o filho pequeno com um cachorrinho, o jegue, o cacto, o sol pra mostrar o calor do sertão e a lagartixa. Então ficou uma capa muito bonita, chamativa, na cor verde e com esse formato de xilogravura. Tanto a capa do livro, quanto o conteúdo de fácil compreensão que a professora Júlia escreve de uma maneira bem agradável, acessível, é muito bom para difundir a pesquisa sobre o cordel.

Entrevistador: Professora eu queria também saber sobre as temáticas desses cordéis, do que se tratavam e se por ser uma sociedade menos alfabetizada, havia um distanciamento dessa literatura. Como era essa relação?

Júlia Constança: Na época que a gente estava lá era algo que acontecia, era um acesso à informação. O poeta era visto como um jornalista popular. Eles tinham aquela notícia que aconteceu determinada coisa, por exemplo uma guerra, saia no rádio, alguns duvidavam, mas quando saia um cordel, era como se o cordel confirmasse os acontecimentos, porque os cordéis de acontecimentos são os que mais predominam sobre os fatos ocorridos. Dentro da classificação temática tem muita variação, então se escreve sobre tudo no formato de cordel. Então assim como hoje, aconteceu um fato, uma tragédia, fazia-se um cordel sobre aquilo. Mas o que era mais claro ali era notícia de forma barata, histórias romanceadas que tinham a luta, peleja, sofrimento, superação. E os cordelistas configuram a realidade, por exemplo, uma história de amor que não deu certo a gente percebe os valores, os elementos do medievo nessas histórias, a lealdade, o compromisso, a superação de classe. Geralmente era assim: O vaqueiro se apaixonava pela filha do fazendeiro, o fazendeiro ricão, o vaqueiro não tinha nada. Como era que ele podia ousar se relacionar com a filha do fazendeiro. Era impossível, mas nesse impossível o vaqueiro conquistava. Primeiro, geralmente, ele era um vaqueiro honrado, responsável, comprometido, fiel, leal. Depois, como era que ele fazia para conseguir? Ele roubava a moça, tirava da casa dos pais. sempre tinha os coiteiros, que eram aquelas pessoas que ajudavam. Por exemplo, Adriana o Mariano apoiava a moça e o rapaz, eles saiam com aquelas pessoas de honradez do local, para que a honra e a virgindade dela fosse mantida. Então com aquelas pessoas de responsabilidade que apoiavam e que também tinham um respaldo com o pai daquela moça. Então eles saiam logo se casavam e ficaram um tempo fora, enricava, o vaqueiro saía da condição dele, se igualava com o pai da moça e voltava rico. Quando ele voltava rico os pais aceitavam.

Entrevistadora: Mas isso aí era um mito né?

Júlia Constança: Pois é, esse mito, essa proposta, essas práticas culturais demonstram que a sociedade tinha esses valores, ela também construiu seus valores dentro desse padrão. As moças não eram para se casar virgem, dentro do padrão da sociedade, se casar com pessoas que tivessem as mesmas posses. Isso é uma subversão da realidade e isso está muito presente nas histórias de amor da Literatura de Cordel.

Entrevistadora: E o Ariano Suassuna, que no caso ali o rapaz ele não fica rico, mas ele tem toda essa coisa de...

Júlia Constança: Um outro elemento é essa coisa de valorar a sabedoria, o conhecimento. Então o João Grilo é um homem enrolador, mas como ele é muito inteligente, admirasse aquela inteligência e a capacidade de engenho do João Grilo. E essa capacidade de engenho dele faz com que ele supere uma situação que você nem imagina que dá para superar. São esses elementos que estão presentes nessa literatura.

Entrevistadora: Sobre a Literatura de Cordel, muita gente está conhecendo a Literatura de Cordel hoje em dia, tanto através da história do Ariano Suassuna “O Auto da Compadecida” como também através daquele Bráulio Bessa que também conseguiu um espaço na rede Globo para falar de cordel. Como que você vê isso?

Júlia Constança: Eu vejo um outro momento. Isso que eu acabei de narrar pra vocês sobre essas histórias, sobre essa ideia de uma literatura clássica, que tem um romance, que tem a história do valente, essas coisas, ela meio que perde a força dentro dessa realidade atual. Então todos aqueles tipos de folhetos que inspiraram o Ariano Suassuna não estão mais sendo escritos com aquelas características. O que a gente percebe hoje? A Literatura de Cordel não está sendo

escrita dentro da lógica do tamanho, já era uma coisa pequena um romance em 32 páginas, essas páginas em verso, uma história de bravura de alguém em 16 páginas. Porque a média era: o romance, que era maior - 32 páginas, uma história de bravura - 16 páginas e os de acontecimento, que eram mais rápidos ainda 8 páginas. O que está acontecendo hoje é que essa forma de desenvolver histórias está diferente, está muito pouca. Por exemplo, o Bráulio pega uma temática, desenvolve em verso na metragem da Literatura de Cordel. Ele domina bem a forma, só que ele faz de forma bem curta, que é adaptando à realidade de hoje. Então esses romances que eu citei atualmente quase não encontramos mais. Talvez há aqueles que digam: “não, um cordelista tem que ter essa marca”. Porque a história tem que ficar muito mais resumida, e aí eu estou vendo também muito mais a linha da temática, então hoje eu acho que está se configurando mais a Literatura de Cordel do que naquela época, na década de 70.

Entrevistador: É interessante ver que esses cordéis antigamente sempre tinham muita relação com os elementos do medievo. Tinha figura de dragões, príncipes, princesas, deuses e quando chegavam aqui, os nordestinos se apropriaram desses elementos e colocavam os elementos que eram mais característicos da região, como lampião, a senhora tem até uma releitura do cordel pai de São Saruê, que faz uma relação do texto... e a gente percebe que esses nordestinos não só pegavam e liam, eles se apropriaram, adaptavam.

Entrevistadora: Eu queria que você falasse também, professora Júlia, mais sobre esses cordelistas dessas histórias tradicionais dos cordéis, é importante para o nosso público conhecer um pouco.

Júlia Constança: Sim, realmente é importante. O que eu observo quando a gente olha? Essas literaturas de cordel, como eu falei, ela vai ser oral. Essas histórias eram escritas oralmente. As pelepas, que eram aqueles debates entre os cantadores, que eram desafios que eles faziam entre eles, as pessoas decoravam, elas tinham uma memória decorável, saiam recitando tudo, o folheto de A a Z. Os analfabetos mesmo, acho que talvez por essa questão de gostar, ter boa memória e não está escrito, eles se esforçaram e decoravam aí repetiam muito nessa lógica que eu falei pra vocês porque eu acho que uma pessoa de boa memória numa realidade como aquela que eu nasci, que a gente lia o mesmo folheto várias vezes, não era toda vez que o pai vinha da feira trazia um folheto novo, sentava e relia aqueles folhetos que a gente tinha, as histórias mais antigas. Eu tinha um da menina perdida que era uma história muito triste de uma menina que se perdia na mata e essa história eu gostava demais de ler de novo e o danado era que que chorava toda vez que eu lia. Se tem uma mudança no país da lógica do analfabetismo, que você vai começar a década de 30 aí você vem com esse discurso de construção de escola, o governo que começa a pensar na alfabetização da população, não começa a tingir todo mundo no começo, mas ali já começa a melhorar um pouco essa alfabetização das pessoas. e as primeiras coisas que eles vão fazer essas coisas que eles têm de memória gravada eles vão colocar no folheto. E aí vão surgir as folheterias na década de 50 que eram só para imprimir cordel porque junto desse processo também vem a imprensa. Então quando vem a imprensa no começo do século 20, essa imprensa também passa a imprimir esse tipo de material de forma mais barata também. Então aquelas histórias que já existiam na memória vão ser escritas e aí tem todas as discussões sobre aqueles que vão imprimir, que vão se apropriar de direitos autorais, porque ninguém tinha direito autoral, por exemplo: José Pacheco, tinham várias histórias que ele escrevia, mas ele vendia por pro Melquíades imprimir. então esse Melquíades foi um proprietário de tipografia que foi imprimindo todas as histórias que eu já tinha feito que foi pro papel

Entrevistadora Constança: Mas eu queria professora Júlia, que é importante pra relação passado e presente, nós da história temos que está com essa relação muito próxima, então eu queria que você falasse um pouco desses cordelistas, tipo Leandro Gomes e Barros que foi um dos cordelistas que trabalhou muito com essas histórias do passado, dessas histórias medievais. Queria que você falasse um pouco sobre ele.

Júlia Constança: O Leandro é tido como o grande, ele que vai meio que iniciar esse processo de registro do escrito dessas histórias. Essa memória que se tinha dessas histórias contadas de geração para geração, ele vai fazer e imprimir. A história da princesa da pedra fina, a donzela Theodora

Entrevistadora: Pavão Misterioso é dele?

Júlia Constança: Não pavão misterioso é de Rezende, que é outro que também vai ter muita relação com os clássicos, mas essa que eu chamo da literatura clássica que tá dentro do que eu já falei, dos reis, que traz a questão do medievo adaptada, ambientada no Nordeste, no sertão. Então eles sabiam daquelas histórias clássicas e aí eles vão ambientar no castelo também. só que quando você ver o castelo deles é uma casa de senhor. Então, esse movimento que eles fazem de transpor essas informações para esse momento que eles estão trazendo toda essa coisa do medievo.

Entrevistadora: Eu queria também, professora Julia, porque o Silviney conhece porque ele estudou comigo, que explicasse melhor essa história do Camilo com pai de São Saruê, Manuel Camilo viaja a São Saruê. Queria que a senhora explicasse para os nossos ouvintes

Júlia Constança: E nesse foi quando eu comecei a desconfiar dessa questão da oralidade sendo escrita, porque o Manuel Camilo diz assim: “esse foi um dos folhetos mais fácil que eu escrevi, peguei coisas da minha memória, eu não tive que pesquisar nada e foi muito fácil, num instante eu fiz e foi o folheto que eu mais vendi, com ele eu comprei uma casa”. Então ele tem uma entrevista falando sobre esse folheto e aí é onde eu entendo porque é tão fácil, porque na memória dele estava a narrativa do conto lá do século 13, do país de São Saruê. Então essas narrativas da Cocanha era tão presente na memória daquela época que ele meio que adapta ao sertão com a maior facilidade. Então era por isso que essas histórias chegam, porque eles conheciam as histórias e eles faziam versos.

Entrevistadora: Sobre esse José Camilo Rezende, o pavão misterioso.

Júlia Constança: Esse do pavão misterioso eu acho ele interessante porque esse é escrito dentro da perspectiva do interesse pelo moderno, dessa coisa do novo, da modernidade. Mesmo naquele ambiente onde os irmãos são da Turquia, a donzela está numa torre na Grécia, ele fala da Europa porque o falar da Europa era muito comum na realidade deles. E nesse aqui ele já fala de algo mais voltado mesmo, porque o pavão é um equipamento muito moderno ele abre fecha, ele voa, ele está ali perto da ideia do avião, é quando eles estão discutindo a questão do avião. Então ele ambienta, fala dessa ideia e aqui é uma forma de roubar uma moça. Então ele rouba a moça em um pavão, ele consegue acessar uma torre muito inacessível, que o pai dela prende a moça, ele consegue ter acesso e consegue salvar a moça.

Entrevistadora: O outro que queria que você falasse é sobre o Antônio Cledson Viana, ele já é de uma geração mais jovem, ele tem muitos cordéis produzidos.

Júlia Constança: Ele tem muito cordel, ele trata dessas temáticas tipo releitura, mas ele é bem mais recente. Outra coisa que ele faz é colocar esses romances escritos na linguagem de prosa também em Literatura de Cordel, em quadrinhos. Eu percebo ele como aquele que está diversificando a linguagem, que é uma tendência hoje que um assunto esteja nas várias linguagens, esteja no cordel, mas que esteja em um vídeo, em um quadrinho, para que as pessoas tenham mais acesso, se aproximam daquilo que as pessoas estão mais acostumadas a ler e a ver. A gente fica na dinâmica da Literatura de Cordel. A Literatura de Cordel se reinventa, entra na dinâmica dos processos de divulgação de tudo. Então quando a gente estuda a década de 70, que a intelectualidade estava com medo de que acabasse as culturas populares, aí é quando vai surgir a casa de Rui Barbosa, “vamos juntar o máximo de cordel, porque esse negócio vai acabar, o povo da migrando para a cidade e essa prática vai desaparecer”. Mas ele migra, vem pra cidade e ele reelabora, porque a Literatura de Cordel também faz parte do complemento de renda, você tem a sua profissão, tem a sua habilidade de poeta e você vai fazer isso aqui e vender na feira para ter uma ajuda de custo. Ela sempre fica nessa lógica de acrescentar à renda. Eu acho que eu entendo que é por aí que ela vai sobrevivendo. À proporção que você vai acrescentando à renda. Como que vejo isso hoje: concorrendo aos editais para que você tenha acesso a algum dinheiro por fora pra você produzir ela por fora, chegar ali e vender. Ela é popular nesse sentido, porque ela é barata e ela completa a renda. A biblioteca Blues, de quando a gente ler em Chartier, que ele vai estudar os cordéis, seria essa literatura popular, que desaparece na Europa quando há migração, quando as pessoas vêm para a cidade. Quando se desfaz o ambiente rural, aquela cultura popular que havia nesses ambientes rurais elas se desfazem. Todo mundo tinha esse receio. Raimundo Cântelo foi um dos franceses que vêm estudar Literatura de Cordel e vai dizer para os estudiosos aqui: “olha isso vai acabar, lá na Europa acabou.” Mas não acaba. Então é um material que complementa a renda das pessoas e a que não acaba continua se reproduzindo porque esse agricultor que fica, por exemplo: Eu saí e tudo mais aí eu caminhei para outras coisas, fiz outras coisas, mas muitos desses cordelistas que migrou para o Rio de Janeiro foram ser motoristas de caminhão, de ônibus, foi ser vigia de uma escola, e ele tinha que complementar a renda dele vendendo cordel na feira. Enquanto houver pobreza, eu acho que tem cordel.

Entrevistador: Professora, uma outra questão que eu queria abordar também é sobre a questão do gênero, porque a gente percebe que há muitos nomes de homens, mas a gente basicamente quase que é silenciado a figura da mulher.

Júlia Constança: Escritas sobre mulheres tem demais na Literatura de Cordel, falando da mulher, aí vão dizer que é conservadora, se você for olhar por essa linha do que se pensa hoje. Na hora de fazer a Literatura de Cordel e da cantoria também a presença de mulher realmente é menor. Agora eu não vou te dizer aqui que é porque não deixa, porque é isso ou aquilo, porque eu não sei. Porque não há interesse ou incentivo eu também não sei. Eu não tenho base nenhuma para tentar falar isso. Agora, por exemplo, na cantoria, uma cordelista relata que teve muita dificuldade, essa questão de assédio. Mas ainda hoje ela é... na verdade ela já está bem idosa, então acho que ela não está mais fazendo cantoria, mas ela viveu a vida dela nessa coisa da cantoria, ela teve que enfrentar um ambiente que era muito dominado por homens, e continua. Agora aqui no maranhão, com esse grupo que eu estou vendo que está acontecendo, porque eu to vendo uma presença maior de mulheres, mas eu também acho que está aparecendo homens, então pode ser porque naquele contexto também o homem, ele que tinha mais responsabilidade para trazer o sustento para dentro de casa, mudou a lógica do sustento. A dinâmica de sobrevivência e de sociedade ela mudou, mas eu vejo muito também por essa questão econômica, eu tenho muito esse olhar, mesmo tendo informação, mas eu vejo muito por essa questão econômica. Porque você tinha uma sociedade onde o sustento era definido mais para o

homem, o homem teria que sustentar a casa, e a mulher tinha mais filhos, também não poderia ficar se deslocando, porque ele tinha que produzir, tinha que ir pra cidade se ele fosse da zona rural. Se ele estava na cidade ele tinha que vender na feira. Então eu vejo muito dessa lógica também econômica. Mas eu creio que outras questões também estão presentes.

Entrevistadora: O que você pensa sobre o trabalho da Raimunda Frazão que para nós é a maior cordelista do maranhão e que está em outras paragens também.

Júlia Constança: Eu vejo o trabalho dela assim muito salutar de divulgação, que as pessoas tenham acesso, porque ela sai, ela vem de todo lugar. Quando ela está vendendo o cordel lá está mostrando essa literatura para a cidade como um todo. Então pra mim ela produz e divulga muito a manifestação. E também vejo também como um complemento de renda para ela.

Entrevistadora: Mas aí, nesse aspecto da questão econômica, pensando que já fizemos uma primeira entrevista com a Raimunda Frazão, para mim, pelo relato que ela nos contou, que ela aprendeu a ler, esqueci com quantos anos, mas ela lia tudo quanto era tipo de livro que caísse nas mãos dela. Então ela tinha uma tia e um pai interessados em literatura, na cidade dela não tinha escola, e ela foi alfabetizada por esse pai e pela influência da tia, que comprava livros, ela lia tudo quanto era tipo de livro, como Machado de Assis, livros que são considerados difíceis para os jovens até do ensino médio, os jovens universitários. Então eu falo o seguinte, para mim A dona Raimunda Frazão era superdotada, só que ela vem de uma origem pobre, de uma origem humilde, então se ela tivesse tido mais condição, hoje em dia ela seria uma escritora consagrada, publicada em romances e coisas assim, fora do país inclusive. Mas como ela teve essa origem mais humilde, a maneira que ela teve de se expressar na literatura foi na Literatura de Cordel, então eu vejo assim, não é só uma forma de renda, que com certeza é, mas as pessoas de origem mais humilde como que elas vão se expressar pela literatura? É pela Literatura de Cordel, até pelas condições que nós temos no Brasil, como é que um escritor vive no Brasil? Como é que ele consegue publicar sua obra? Então todas as dificuldades que um escritor também tem no Brasil para mostrar aquilo que ele faz, então a Literatura de Cordel também é uma via para esses escritores.

Júlia Constança: Sim, com certeza. É um espaço de expressão, e de uma expressão que além de você ter que construir a sua mensagem, a sua narrativa, você tem também que conhecer a linguagem poética, que é uma habilidade a mais. Então todas as pessoas que a gente fala aqui, têm uma habilidade a mais, porque tem que ter uma capacidade de percepção de mundo, da realidade em que ele está escrevendo sobre ela, e pensar sobre ela. Então tanto na Literatura de Cordel, quanto na cantoria, quanto mais a pessoa tem informação e tem conhecimento, melhor ela faz o seu trabalho. E porque que o cordelista ou cantador ele é uma outra lógica daquele grupo em que ele tá vivendo, por isso que ele é respeitado, admirado, porque ele se torna alguém que ler aquela realidade em que ele está diferente dos demais, e em uma linguagem acessível, que é a linguagem poética, ela é musical, ritmada. Então isso também está presente no cordelista.

Entrevistadora: Ainda sobre a Raimunda Frazão, vou aproveitar para perguntar, o que que você acha desses cordéis dela sobre tema da realidade maranhense, personagens históricos como Ana Jansen, Dom Sebastião. O que você acha sobre isso? Como é que isso ajuda a difundir a cultura maranhense?

Júlia Constança: Eu vejo essa percepção dela dessa realidade em que ela está. Porque essas personagens estão muito presentes na sociedade maranhense. Então ela tem essa percepção, e

quando ela tem essa percepção e estuda sobre isso... por que assim, a escrita literatura ela tem que ter um link para quem você vai falar, com seu leitor. E ela faz esse link nessas temáticas.

Entrevistadora: E eu queria saber como que você deixou de ser pesquisadora do cordel e se tornou produtora do cordel. Qual foi o seu primeiro cordel? Quais as temáticas você trabalha, qual é a receptividade do seu trabalho?

Júlia Constança: Primeiro, eu li bastante cordel para estar fazendo os meus trabalhos, eu fui criada naquele ambiente então eu gosto. E aí eu sempre gostei de escrever poesias na adolescência, eu reencontrei o meu caderno de poesias e disse assim: “rapaz, acho que dá pra fazer isso aqui em cordel”. Foi quando Adrian estava com a história do evento e eu resolvi fazer um cordel sobre o antigo medieval. E aí eu fui lá e fiz. No primeiro momento eu pensei em fazer em sextilha, mas fiquei em algumas dificuldades com a métrica, e essa dificuldade é de todo mundo, não é só minha não. Mas a gente tem que trabalhar bastante nessa questão da métrica. Mas eu fui fazer e vi que dava pra fazer. Depois eu fiz um sobre São Luís que a minha ideia é o seguinte: facilitar o acesso de conteúdo de ter temáticas olhando a realidade de hoje. Se a gente escreve nesse formato você passa uma mensagem de forma mais rápido e de certa forma tem um pouco mais de atenção, porque se você demorar muito já, tanto é que a gente não pode, se a gente vai declamar um, eu não declamo, decorado, então se eu vou ler esse folheto aqui já fica um pouco cansativo para ler ele todo. O de São Luís, dependendo da plateia, ele tá longo, que eu fiz em oito páginas falando sobre São Luís. Então esse é o segundo que eu faço sobre a temática São Luís, e depois eu tenho feito, mas sempre assim, dentro daquela linha do Bráulio Bessa, bem curto, quatro a cinco versos e pronto, desenvolvo a temática ali.

Entrevistadora: E eu que queria saber também, porque você começou como pesquisadora de cordel, primeiro escutava os cordéis na infância, as cantorias. Depois você passou para um segundo momento de pesquisadora do cordel, um terceiro momento de produtora do cordel, o quarto momento, que você virou então uma artista do cordel e você virou a menina de Buíque, que faz apresentações, que é patrocinada pelo Governo do Estado do Maranhão. Eu queria que você também falasse sobre isso.

Júlia Constança: Se dentro dessa linha do cordel, que foi quando o cordel se torna patrimônio imaterial da humanidade, eu já estava trabalhando um pouco com essa questão de educação patrimonial, então eu pensei: “poxa, a Literatura de Cordel é algo que eu já conheço um pouco, então talvez dê pra gente passar essa mensagem e falar na linguagem do cordel. Então é aí que eu disse: “não, então eu vou pensar nesse sentido. Aí eu junto com um colega lá disse: “Vai sair um edital, vamos concorrer? Vamos”. Tem uma linha lá repente cordel que foi por conta dessa questão de se tornar patrimônio imaterial, e aí o governo do estado abriu essa linha patrimônio do cordel. Fomos lá. Eu fui com ele porque ele é declamador, que é o Raimundo poeta. Aí nós fomos concorrer para participar do edital. Participamos e fomos contemplados. Quando eu fui ler os cordéis que eu tinha feito, eu fui me apresentar e disse assim: “precisa de uma personagem, eu não tenho muita facilidade, eu estou muito assustada com o público, com aquela coisa toda”. O professor Washington disse: “Tem que ter um pseudônimo. Pseudônimo porque tu joga tudo lá para o pseudônimo e tu fica mais à vontade”. Então eu concordei. E eu já tinha escrito uma coisa minha de Buíque, me inscrevi com menina de Buíque e aquilo foi me dando mais coragem. Quando eu fui me apresentar com a menina de Buíque meio que tirou um pouco o peso. Mas quando eu chego lá e dizem assim: “Menina de Buíque”, eu fui e rapaz a decepção do público, porque queria uma menina, eu uma senhora de cabelo branco. Aí eu disse: “rapaz, agora ficou complicado”. E eu já tinha feito tudo com a menina de Buíque, já tinha feito cordel e eu fiquei sem saber o que fazer. Então eu resolvi melhorar mais a personagem, aí eu pensei:

“Não, aquela menina, como era as senhoras daquela época que eu era menina, como elas se vestiam? Elas se vestiam assim, elas usavam saias compridas, usavam sandália, geralmente de couro, uma blusa comprida de manga e de gola e às vezes de várias cores combinadas, as mangas e a gola de um mesmo tecido e esse corpo aqui de um outro tecido, porque nem sempre o pano dava para fazer tudo, então aproveitava-se algum pedaço que existia e punha a roupa de várias cores”. Então eu penso que tem essa questão do caipira, está relacionado também com isso, com o aproveitamento de todos os tecidos que tinham, aí você fica meio multicolorido. Na cabeça, as mulheres sempre andavam de pano amarrado na cabeça, então eu peguei, amarrei um pano na cabeça e aí ficou uma senhora de Buíque. Mas eu já tinha colocado a menina de Buíque aí não virei uma senhora de Buíque.

Entrevistadora: A senhora me lembra uma coisa assim meio colonial, parece senhora de engenho, eu acho a menina de Buíque mais bonito.

Júlia Constança: Então a menina de Buíque tem sido composta assim. Eu coloquei um pano vermelho, mas eu vou diversificar os panos e ir usando outros planos, porque o menino disse que eu estava parecendo a chapeuzinho vermelho.

Entrevistadora: E a senhora tem feito as suas apresentações onde? Quais eventos contar para gente e para as pessoas procurarem.

Júlia Constança: A gente se inscreve nos editais que aparecem na prefeitura do estado, se der a gente vai e se apresenta. Outro dia a gente se apresentou no evento da ANPUH (Associação Nacional de História). Nós estamos todo ano tem a barraca do cordel lá na feira do livro, e hoje está acontecendo essa feira do livro, estamos vendendo livros e tem saraus, todo dia tem que ter a programação de apresentações, aí chamam os cordelistas que tem na cidade. Lá a gente vai encontrar as cordelistas como Raimunda Frazão, que vai lá e ler seus cordéis, a Gorete, o Rômulo, o Zé Cantanhede. Então vai se formando um grupo bom aqui nessa questão da produção e da leitura e exposição do cordel. Outro dia fomos para a academia de literatura do Anjo da Guarda e teve o 2º Sarau poético. A ideia é que essa linguagem seja colocada à disposição das pessoas, da sociedade como um todo, não só para aprender a usar essa linguagem, mas também para disseminar, o conteúdo, as informações.

Entrevistadora: Você está fazendo a divulgação do cordel não só escrevendo, produzindo, apresentando, o que mais?

Júlia Constança: Quando aparece uma oportunidade de fazer um artigo a gente faz o artigo, publica e coloca à disposição. Ultimamente os últimos que eu fiz eu estou pensando em quanto recurso como professor na sala de aula, mas hoje já dá pra gente pensar como um processo de educação patrimonial, quando a gente faz uma oficina que ensina a fazer aquele cordel, que mostra para a pessoa quais são os elementos e vai descobrindo outras pessoas que queiram fazer.

Entrevistadora: Queria dizer também que a professora Júlia Constança ministra oficinas, ministra minicursos, e agora a gente vai ter o X Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão, no qual ela sempre apresenta ou oficina ou minicurso, e ela vai ministrar o minicurso da relação do cordel com a idade média, seguindo a temática do evento. Além dessas coisas todas, ela faz formação dos alunos de graduação, do ensino médio e o público em geral que estiver interessado em cordel na forma de curso.

Entrevistador: Professora, como a senhora relata a importância do cordel para a sua vida?

Júlia Constança: Eu tinha o costume de dizer que para ler cordel, eu descobri a importância de aprender a ler, eu acredito que foi basicamente isso. Como eu quis ler cordel e eu não sabia ler, foi o momento que disse assim: “Se você souber ler, você pode ler cordel” E isso era algo que eu gostava muito, então acendeu a luz do sentido pra quê fazer tal coisa, porque talvez eu seja muito movida por isso, saber pra que a coisa para poder eu fazer. Aí eu entendi que se eu aprendesse a ler, iria ler cordel. E isso pra mim mudou muito a minha vida, inclusive eu tenho essa visão com criança. Sempre quando eu encontro uma criança, se lá diz se sabe ler ou não, eu sempre mostro pra ela a importância de saber ler. Porque às vezes a criança ainda não entendeu o motivo de aprender a ler se para ela brincar e outras coisas é muito melhor. Então eu sempre digo para ela: “Se você aprender a ler, você vai poder fazer mil e uma coisas, por que a leitura te possibilita isso”. E eu vou mostrando para eles como é que a leitura vai abrindo os caminhos e é muito interessante como a criança de repente começa a perceber e a entender. Eu acho que foi por conta do cordel que eu tenho essa visão hoje enquanto professora, que é preciso saber pra que as coisas vão ser feitas, é preciso saber pra que eu vou ler.

Entrevistador: Muito obrigado professora.

Entrevistadora: Muito obrigada, professora Júlia Constança, por essa entrevista e por esse trabalho muito bacana que você faz.

Júlia Constança: Por nada.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Guimarda Pinheiro de Souza Frazão,
 residente no endereço Maria Inês, 02 São José dos Índios - Ribamar, MA
 concordo em participar de uma entrevista oral com Silviney Amaral Rabelo e
 Adriana Zierer, vinculados ao curso de História da UEMA, para discutir a
 minha trajetória de vida como cordelista que está agendada para ocorrer no dia
 01/09/2023 às 9h na Biblioteca Benedito Leite.

Entendo que a entrevista será conduzida para realização de trabalhos acadêmicos com o propósito de discutir minha experiência pessoal e profissional como escritora de cordel. Declaro que estou participando desta entrevista de livre e espontânea vontade e estou ciente de que as informações que fornecerei serão usadas com a finalidade especificada. Também entendo que esta entrevista poderá ser gravada ou anotada para fins de documentação e avaliação.

Além disso, concordo em respeitar a confidencialidade das informações discutidas durante a entrevista, caso isso seja aplicável. Esta autorização é voluntária, e estou ciente de que posso retirá-la a qualquer momento antes ou durante a entrevista, se assim o desejar.

Assinatura: Guimarda P. de Souza Frazão Data: 01-09-2023

Autorização concedida em: 01/09/2023

Assinatura do Entrevistador Silviney Amaral Rabelo